



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO
UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

**Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro:
um desfile-mobilização e suas estratégias comunicativas**

Gisele Santanna Paris
Mestranda
DRE: 113.008.898
Orientadora: Janice Caiafa

Rio de Janeiro/RJ
Dezembro de 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro: um desfile-mobilização e suas estratégias comunicativas

Gisele Santanna Paris

Dissertação apresentada à Banca de Defesa à obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ).

Orientadora: Professora Doutora Janice Caiafa

Rio de Janeiro/ RJ
2015

Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro: um desfile-mobilização e suas estratégias comunicativas

Gisele Paris

Dissertação apresentada à Banca de Defesa como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ).

Aprovado em 03 de dezembro de 2015.

Banca examinadora

Prof.a Dr.a Janice Caiafa - Orientadora
Pós-Doutora pela Ecole Nationale Supérieure des Mines de Paris
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Fernando do Nascimento Gonçalves
Pós-Doutor pela Université Paris Descartes
Programa de Pós-Graduação em Comunicação - UERJ

Prof.a Dr.a Ilana Strozenberg
Pós-Doutora pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)
Programa de Pós-Doutorado em Estudos Culturais do
Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Faculdade de Letras - UFRJ

Rio de Janeiro/ RJ
2015

Resumo

PARIS, Gisele. *Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro: um desfile-mobilização e suas estratégias comunicativas*. Rio de Janeiro, 2015, 156 p. Orientadora: Janice Caiafa. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Fruto da mobilização de grupos organizados que promovem a visibilidade da população LGBT, as Paradas do Orgulho LGBT têm se expandido em direção a diversos espaços urbanos nos últimos anos, expressando ações políticas reivindicatórias e assumindo notadamente seu criticado caráter festivo, lúdico e *carnavalizado* (BAKHTIN, 2010). Há um esforço para se alcançar a esfera pública, convocar vontades e expor questões de interesse coletivo, mobilizando os sujeitos para causas e estimulando debates públicos. Aproprio-me das noções de espetáculo, festa e argumentação desenvolvidas por Mafra (2008) para apresentar a presente análise — marcada por um olhar comunicacional e fundamentada em pesquisa etnográfica — com o objetivo de identificar, caracterizar e compreender as práticas comunicativas do objeto que, nesta pesquisa, denomino *desfile-mobilização*. Trata-se nas Paradas de mobilizar sujeitos justamente porque existem determinados sentidos coletivos naturalizados que a partir de questionamento e problematização podem ser alterados. Mesclando cores, sons e imagens em celebração da diversidade sexual, de etnias, crenças, de identidades de gênero, assim como denunciando injustiças, desigualdades e discriminações por meio de práticas comunicativas, se estabelece um envolvimento coletivo, uma relação com os sujeitos na sociedade. Em 2013, iniciei a observação-participante na data da realização do evento, em Copacabana, registrando reflexões que pude aprofundar, ao longo de 2014, a partir do trabalho de campo, integrando-me ao grupo de voluntários, em reuniões de planejamento, entrevistando participantes diversos em atividades correlatas e no dia da realização da Parada LGBT- Rio.

Palavras-chave: Parada LGBT; Mobilização Social; Festa; Práticas Comunicativas.

Rio de Janeiro/ RJ
2015

Abstract

PARIS, Gisele; *Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro: um desfile-mobilização e suas estratégias comunicativas*. Rio de Janeiro, 2015, 156 p. Advisor: Janice Caiafa. Dissertation (Master's degree in Communication and Culture) — Communication School, Federal University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

The LGBT Parades are the result of organized groups mobilization which promote LGBT visibility. These parades have been expanding geographically during the last few years conquering new unexplored urban spaces. They express political demands and are characterized by a very festive, playful, and Carnival-like atmosphere which is often criticized (BAKHTIN, 2010). There are efforts to reach the public sphere and expose questions about collective interests, mobilizing the public to causes and stimulating public debates. In this text, I use the notions of spectacle, merriment, and argumentation developed by Mafra (2008) to present this analysis—from a communicational point of view and based on ethnographic research—to identify, characterize, and understand the communicative practices of this event which, in this research, is called parade-mobilization. The parades aim to mobilize persons simply because there are certain collective feelings which are inbred but can be altered through questioning. By mixing colors, sounds and images, in a celebration of sexual, ethnical, and religious diversity, as well as denouncing injustices, inequalities, and discrimination through communicative practices, a collective commitment is established. In 2013, I began to participate in the event in Rio de Janeiro and recorded observations that I could, during the following year, analyze in detail based on attendance at meetings where the parade was being organized, participation in volunteer groups, interviews with participants, and on-the-scene presence the day of the LGBT parade in Rio de Janeiro.

Keywords: LGBT Parade; Social Mobilization; Communicative Practices; Merriment.

AGRADECIMENTOS

A toda força protetora do universo que permitiu que eu chegasse até aqui.

À minha orientadora, Janice Caiafa, pela paciência e por apesar de todo o trabalho que dei, não ter desistido de mim.

À Capes, que me proporcionou o suporte financeiro fundamental para minha dedicação exclusiva a esse projeto.

Aos professores das disciplinas que cursei ao longo de todo o mestrado, inclusive como ouvinte, e me trouxeram valiosas contribuições para uma nova visão de mundo.

A toda minha família, por me apoiarem desde que fiz esta escolha e por me amarem incondicionalmente, vibrando com cada conquista alcançada. Especialmente minha mãe Beatriz, meu padrasto Alfredo, meu filho Gustavo, minha irmã Glauce e minha cunhada Uila que me deram suporte nos dias mais difíceis da minha vida.

À minha prima Marília Villar que carinhosamente atendeu a cada pedido de ajuda, me deu dicas valiosas e pela revisão do trabalho.

Ao meu marido Sérgio, parceiro que escolho todos os dias para dividir a vida, por ter acreditado mais em mim do que eu mesma, por me apoiar em cada etapa desse trabalho e por transformar, com seu amor, cada lágrima em força.

Às minhas amigas do grupo Calimicas, Tatiana Couto, Adelaide Chao, Tatiane Mendes, Pollyana Escalante e Elis Vasconcellos que por estarmos juntas nesta escolha, desde 2012, desenvolvemos essa rede de solidariedade, compreensão, trocas de conhecimento e experiências, e de muito afeto que me encorajaram a cada fase difícil com palavras de incentivo e confiança.

À “Escola de São Cristóvão” formada, a partir do compartilhamento de uma disciplina, por Vinicius Mauricio, anjo de luz que atravessou todas as fronteiras tornando-se um irmão pra contar a qualquer hora, e Tatiana Lima minha irmã escolhida durante esse percurso, que me proporcionou ensinamentos valiosos, pela solidariedade, paciência, doação de tempo, afeto e amor que foram oxigênio vital para a conclusão da minha caminhada acadêmica.

Aos amigos do grupo Ponderados, Raphael Pinto, Renata Carvalho, Mariana Faro, Carol Almeida, Tatiane Leal e Igor Waltz pela troca e acolhimento em meus momentos bons e ruins, pelos ensinamentos, por me incentivarem muito e me presentear com sua amizade e apoio sempre.

*“Primeiro eles te ignoram,
depois riem de você,
depois brigam,
e então você vence.”*

Mahatma Gandhi

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. PRÁTICAS COMUNICATIVAS E AÇÕES ESTRATÉGICAS DA PARADA LGBT.....	16
1.1 BREVE HISTÓRICO DA MARCHA GAY E SEUS ORGANIZADORES.....	16
1.2 VISIBILIDADE COMO ESTRATÉGIA DE EXPRESSÃO POLÍTICA.....	20
1.2.2 – Comunicação e planejamento da Parada	24
1.2.3 - Seguindo a cartilha da politização.....	25
1.2.4 – O contexto histórico de 2013	26
1.2.5 - Espetáculo que mobiliza	29
1.3 SOCIABILIDADE E CARNAVALIZAÇÃO	34
1.3.1 – Avenida da diversidade	36
1.3.2 - Deslocando significados	39
1.4 - MULTIPLICIDADE DE VOZES	43
1.4.1 – Sair do armário, autenticidade e liberdade	46
2. “SOMOS MILHÕES DE VOZES”: CONSTRUÇÃO DA MOBILIZAÇÃO E DISCURSO POLÍTICO	49
2.1– BASTIDORES DE UM VOLUNTARIADO: MAPEANDO UM PANORAMA LGBT.....	49
2.1.1 – Contexto político brasileiro de 2014	56
2.1.2 - Disputas e discursos no espaço público	58
2.1.2 – O manifesto pós-Parada do Orgulho LGBT de São Paulo	67
2.2 – BASTIDORES DE UM VOLUNTARIADO: <i>MODUS OPERANDI</i> DE CAPACITAÇÃO	69
2.2.1 – Papel de voluntário.....	75
2.2.2 – Operacionalizando a Parada LGBT	79
2.3 - AÇÕES “POLITIZADAS” E “NÃO-POLITIZADAS” – PASSEATA OU PARADA?	83
2.3.1 – Uma Nova Parada LGBT no Rio.....	86
3. NARRATIVA POLÍTICA E ENUNCIÇÃO SOCIAL FESTIVA.....	97
3.1 – FRESTA NA FESTA: ALGUMAS COMPARAÇÕES ENTRE A PARADA DO ORGULHO LGBT EM MADUREIRA E EM COPACABANA	98
3.2 - ENTRE TRIOS E TENDAS: PARADA DO ORGULHO LGBT DO RIO DE JANEIRO DE 2014 .	105
3.2.1 – Tendias e Serviços	108
3.3 – VOZES, NARRATIVAS E TRIOS – UMA ENUNCIÇÃO SOCIAL COLETIVA	117

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
BIBLIOGRAFIA.....	133
ANEXOS.....	138

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa interdição na Praia de Copacabana – Parada LGBT – Rio, outubro 2013.....	21
Figura 2: Faixas de protesto – Parada LGBT – Rio, outubro 2013.....	27
Figura 3: <i>Drag Queen</i> Eula Rochard - Parada LGBT – Rio, outubro 2013.....	33
Figura 4: Convite para Reunião de Convivência no Grupo Arco-Íris.....	50
Figura 5: Manifestação protestos no Rio de Janeiro - maio 2014.....	59
Figura 6: Ato Show Orgulho LGBT – julho 2014.....	64
Figura 7: Marcha do Orgulho Hétero – novembro 2014.....	66
Figura 8: Bolsas Projeto Sustentabilidade - Parada LGBT – Rio, outubro de 2014.....	77
Figura 9: Caveira Paulo Gustavo – Nova Parada LGBT, outubro 2014.....	87
Figura 10: Faixa de abertura da Nova Parada LGBT, outubro 2014.....	87
Figura 11: Grupo religioso – Parada LGBT – Madureira, junho 2014.....	97
Figura 12: Concentração Parada LGBT – Madureira, junho 2014.....	100
Figura 13: Balcão da tenda de prevenção – Parada LGBT - Rio, novembro 2014.....	105
Figura 14: Voluntária – Parada LGBT – Rio, novembro 2014.....	106
Figura 15: <i>Angels</i> da Diversidade – Parada LGBT- Rio, outubro 2013.....	112
Figura 16: Crachá de Voluntário – Parada LGBT – Rio, outubro de 2014.....	117

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a luta do movimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) por mudanças sociais tem intensificado as discussões em prol da conquista de visibilidade e espaços midiáticos. As Paradas do Orgulho LGBT¹, alavancadas por um formato considerado bem-sucedido pela militância, não só em São Paulo como também no Rio de Janeiro, expandiram-se de norte a sul do país, seguindo formatos de organização similares, com caminhões de trios elétricos, potentes amplificadores, bandeiras, decoração com as cores do arco-íris, *drag queens*, e a participação de militantes políticos, celebridades e imprensa, sobretudo em anos de eleição.

No Rio de Janeiro o evento é realizado anualmente na orla da Praia de Copacabana, paisagem de forte referência internacional, que recebe eventos de grande visibilidade e repercussão. Fortemente marcado por seu aspecto lúdico, o evento adquiriu contornos e tendências que poderiam ser entendidas a partir do conceito bakhtiniano de *carnevalização*. Ao estudar o contexto da Idade Média e do Renascimento a partir da obra de François Rabelais, o teórico da linguagem demonstra a relevância do riso popular para a cultura da época, que culminava na realização do carnaval. Ao abordar essa forma de manifestação, o autor aponta que “sua amplitude e importância [da carnavalização] na Idade Média e no Renascimento eram consideráveis (...) opunha-se à cultura oficial, ao tom sério, religioso e feudal da época” (BAKHTIN, 2010, p.3), caracterizando-a para além de uma atividade político-cultural.

O autor Rennan Mafra (2008) analisa a relação entre comunicação estratégica, mídia e mobilização social a partir do planejamento estratégico de comunicação do Projeto Manuelzão, que tem como principal objetivo a revitalização da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas - MG. O pesquisador distingue três dimensões da comunicação para sua análise: a dimensão espetacular, entendida como a que objetiva “despertar o interesse, capturar a atenção dos sujeitos”; a dimensão festiva, que “permite o engajamento in loco, corpóreo dos indivíduos” e a dimensão argumentativa “que torna disponível publicamente argumentos que justificam uma transformação coletiva mais ampla e estimulam e sustentam um debate público”. Entendendo que na prática as categorias se misturam e se sobrepõem, articulando-se

¹ Para melhorar a fluência da leitura, em grande parte do texto, utilizaremos a abreviação *Parada LGBT* no lugar de *Parada do Orgulho LGBT* e *Parada LGBT – Rio* no lugar de *Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro*, sendo esta última a denominação oficial do evento.

para alcançar existência pública, aproprio-me dessas dimensões para guiar um olhar comunicacional ao longo da dissertação, com o objetivo de identificar, caracterizar e compreender, por meio da etnografia, as práticas comunicativas da Parada LGBT – Rio.

Como objeto das mais variadas discussões, pleiteando políticas públicas por meio das práticas interativas dos sujeitos na sociedade, a Parada LGBT – Rio mobiliza um público bem maior do que os LGBTs da cidade. Ela desperta o interesse de diferentes grupos que também atuam no combate ao preconceito e buscam reconhecimento de direitos como a tolerância religiosa, o combate à violência contra mulheres, entre outras causas, associando-se ao que neste trabalho denomino *desfile-mobilização*.

O significado da palavra *desfile* remete ao “ato de marchar ou passar em filas”², assim como ocorre em desfiles de moda e outros eventos como a Parada Militar de Sete de Setembro, o desfile patriótico comemorativo pelo Dia da Independência do Brasil, também conhecido como Dia da Pátria, quando grupos das forças armadas uniformizados seguem em um espaço predefinido, com posições demarcadas e uma marcha coreografada, marcada e compassada que acompanha o ritmo da banda militar. Organizado, compassado e ensaiado, em geral, com filas menos milimetricamente definidas como no grupo de militares do exemplo anterior, entretanto, com o mesmo objetivo de atrair olhares a partir do ato de desfilar, o desfile das Escolas de Samba é exibido anualmente na passarela do samba, ou Sambódromo, no RJ, durante o Carnaval. Nesse sentido, a Parada LGBT – Rio também tem sido muito comparada ao desfile de carnaval por apresentar características similares, principalmente visualmente.

A ideia de *mobilização* pode ser compreendida como “a que coloca em movimento”. Quando projetos e movimentos lutam por determinadas causas, há um desejo de “movimentar” as estruturas e os entendimentos acerca de algumas questões (MAFRA, 2008, p.33). No termo combinado por essas duas palavras e significados, compomos a ideia de *desfile-mobilização*, para compreender o objeto deste estudo: uma marcha de LGBTs que coloca em movimento não só seus participantes como os significados construídos em torno das questões que combatem o preconceito. É neste contexto que utilizo o termo *desfile-mobilização* para classificar uma celebração que, com o passar dos anos, transformou-se no que hoje reconhecemos como a Parada LGBT- Rio.

² Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=desfilar>>. Acesso em 06/10/2014.

Estudar processos de mobilização social a partir da comunicação representa uma empreitada instigante e desafiadora. Projetos de mobilização empenham-se em estabelecer processos comunicativos com os sujeitos de forma a despertar interesse para suas causas e ganhar legitimidade pública.

Quando os brados dos participantes das Paradas LGBT solicitam uníssonos igualdade de direitos e respeito à diversidade sexual, o que também está sendo agenciado é que na sociedade efetivamente haja uma “multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis (...) uma polifonia de vozes plenivalentes” (BAKHTIN, 1981, p. 4). Percebe-se uma busca por uma sociedade plurivocal, uma “polifonia”, entendendo-a como a orquestração de várias vozes que necessariamente não se fundam numa única.

Assim, considerando que a visibilidade é um fator chave para o cumprimento dos objetivos de crescimento e fortalecimento, muitas mobilizações sociais procuraram transformar as lutas por reconhecimento em lutas por visibilidade. Fazer-se ver e ouvir tornou-se o centro das turbulências políticas do mundo moderno. Busca-se que as reivindicações e preocupações dos indivíduos tenham um reconhecimento público, servindo de apelo de mobilização para os que não compartilham o mesmo contexto espaço/temporal. Nesse contexto, para esses movimentos, a grande mídia é considerada um espaço privilegiado para a exposição das causas e ações dos movimentos, por oferecer uma visibilidade ampliada das disputas e controvérsias existentes na vida social. Assim, ela se torna central para a divulgação das produções simbólicas que acontecem nos diversos campos sociais (FERNANDES, 1999).

Diante desse cenário, observa-se a relação que as mobilizações sociais pretendem estabelecer por meio de práticas comunicativas com os sujeitos na sociedade, e no endereçamento de tematizações à esfera pública, engendrando recursos estratégicos, que se misturam e se sobrepõem em vários ângulos como o espetacular, a festa e a argumentação. Pretende-se investigar, no caso da Parada LGBT - Rio, como tais práticas comunicativas constituem diferentes esferas de visibilidade pública, produzindo sentidos de variada abrangência e impacto.

O período de 2010 a 2014 representa uma fase de aumento da visibilidade do movimento LGBT, devido à implantação do Plano da Cidadania e Direitos Humanos LGBT pelo presidente Lula, que a partir de então contemplava diversas demandas do movimento. O

ano de 2011 foi de intensos debates e, entre as conquistas alcançadas, podemos destacar a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) de 05 de maio de 2011, que igualou a união estável homoafetiva à união estável heterossexual, estabelecendo isonomia de direitos e, em maio de 2013, a resolução nº 175 do Conselho Nacional de Justiça, que habilitou a celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento entre pessoas do mesmo sexo. Contraditoriamente aos avanços, evidenciou-se um forte recrudescimento das ações e perseguições à população LGBT, devido ao crescimento do fundamentalismo religioso. Isso pode ser percebido no Congresso Nacional, onde uma bancada conservadora atuante, formada por 83 representantes, contrapõe-se às demandas dos poucos políticos que assumem a defesa LGBT.

Esse período de cinco anos de embates interessa especialmente a presente análise que, no entanto, delimita-se aos eventos da Parada do Orgulho LGBT - Rio, dos anos de 2013 e 2014, coincidentes com a realização de megaeventos na cidade³. Pelos *slogans* adotados nessas edições, “Somos Milhões de Vozes” em 2013 e “Somos Novamente Milhões de Vozes” em 2014, que, de acordo com seus organizadores, propõem-se a espelhar o tamanho e força que empoderam o grupo LGBT em seus diversos papéis desempenhados cotidianamente, como professores, eleitores, empresários, consumidores, entre outros.

Registros e impressões foram anotados no diário de campo a partir da observação-participante realizada na edição do evento em 2013 e, a partir de 2014, na interação com membros da comunidade LGBT, ocorrida na sede do Grupo Arco-Íris durante as reuniões de convivência e preparação para a realização da Parada LGBT – Rio, prevista inicialmente para ocorrer em 14 de setembro e posteriormente adiada para 16 de novembro de 2014.

No primeiro capítulo, apresento um breve histórico da marcha gay do ativismo LGBT até sua consolidação no formato de Parada. Discuto, em seguida, as alterações que a Parada realiza no espaço urbano de Copacabana, como as mudanças de trânsito, transporte e uso do espaço de lazer. Na sequência, problematizo algumas práticas comunicativas inseridas na mobilização a partir das categorias analíticas de espetáculo (DEBORD, 1997) e festa, buscando compreender as reivindicações do movimento por visibilidade e engajamento via sociabilidade (MAFRA, 2008; MAGNANI, 1998; SIMMEL, 2006). Analiso também a

³ A cidade do Rio de Janeiro sediou a Copa das Confederações da FIFA Brasil, em junho de 2013 e a Copa do Mundo da FIFA Brasil, em junho de 2014.

categoria argumentativa para expor a relação dialógica (BAKHTIN, 2009) perpassando o âmbito das disputas ideológicas acerca dos signos.

No que diz respeito à construção desta etnografia, acredito que a voz do etnógrafo deva se colocar ao lado das outras vozes sem, entretanto, abafá-las para preservar o caráter de enunciação coletiva da pesquisa, que consiste na seguinte situação:

quando as vozes não se separam demasiado e se interferem, torna-se possível buscar esse uníssono especial do trabalho etnográfico em que vozes se aproximam mas se distinguem (não se misturam) e a singularidade do outro é preservada. (CAIAFA, 2013, p.38)

No difícil exercício da escrita etnográfica, inicio o segundo capítulo com a imersão no campo, especificamente partindo de minha afiliação como voluntária na ONG Arco-Íris, organizadora do evento. Retrato as questões que se apresentaram nas reuniões de preparação para a capacitação dos voluntários, e no modelo adotado para a construção do tema e do planejamento de comunicação da Parada LGBT. Exponho o contexto político do ano de 2014, com o recrudescimento do conservadorismo e os discursos políticos de grupos distintos, em ano de eleições, no espaço público. Examino as divergências internas no âmbito do movimento LGBT, as discussões acerca da politização do evento, seu formato, seu papel como movimento social e as consequências da relação da manifestação com órgãos governamentais que patrocinam a marcha.

No terceiro capítulo, retrato a experiência na Parada LGBT de Madureira, na zona norte carioca, descrevendo suas características e como se apresentam as práticas comunicativas, além de pontuar suas diferenças em relação ao objeto central da pesquisa, a Parada LGBT de Copacabana. Em seguida, descrevo os bastidores e o efetivo funcionamento da Parada LGBT de Copacabana, a partir de minha experiência como voluntária na sua organização, abordando a dinâmica de relações e operação das equipes de voluntários, os serviços oferecidos, os diversos espaços disponibilizados pela organizadora, seja para as variadas atividades de projetos sociais das instituições presentes ou para algumas atividades de comercialização, logística e coordenação inerentes à organização do evento. Por fim apresento as demandas expostas na Parada, através do aspecto argumentativo das faixas e banners expostos nos 14 trios elétricos que participaram do desfile-mobilização.

1. PRÁTICAS COMUNICATIVAS E AÇÕES ESTRATÉGICAS DA PARADA LGBT

Buscamos neste capítulo compreender e caracterizar as práticas comunicativas estabelecidas na Parada do Orgulho LGBT-Rio, realizada anualmente no bairro de Copacabana, Zona Sul da cidade, assumindo o entendimento de três dimensões da comunicação para análise: a dimensão espetacular, entendida como a que objetiva “despertar o interesse, capturar a atenção dos sujeitos”; a dimensão festiva, que “permite o engajamento *in loco*, corpóreo dos indivíduos” e a dimensão argumentativa “que torna disponível publicamente argumentos que justificam uma transformação coletiva mais ampla e estimulam e sustentam um debate público” (MAFRA, 2008). Entendemos que, na prática, as categorias se misturam e se sobrepõem, e a articulação de tais práticas visa alcançar existência pública. Apropriamo-nos dessas dimensões para guiar um olhar comunicacional ao longo da dissertação, aplicando cada uma das dimensões à análise das práticas comunicativas da Parada LGBT – Rio.

1.1 BREVE HISTÓRICO DA MARCHA GAY E SEUS ORGANIZADORES

No século XIX, a relação entre pessoas do mesmo sexo mudou sua conotação de pecado para a de doença e crime, e no fim da década de 60, nos EUA, iniciava-se um período de mobilizações, conhecido como os *acontecimentos de Stonewall*, em New York. Prisões arbitrárias eram comumente realizadas pela polícia local de forma a criar um clima de medo fomentando a prática de extorsão contra frequentadores de um bar gay. Em 28 de junho de 1969, durante uma fiscalização da polícia, um grupo de clientes recusou ceder às extorsões revidando o ataque policial, o que deu início a uma série de revoltas que perduraram por alguns dias, quando os homossexuais reprimidos demonstraram uma fúria até então desconhecida contra seus tradicionais opressores, culminando na prisão de várias pessoas. Nas semanas seguintes, novos protestos eclodiram até que, por fim, no dia 27 de julho, foi organizada aquela que é considerada a primeira marcha gay dos Estados Unidos, em que ativistas reuniram-se na *Washington Square* e caminharam em marcha até o bar *Stonewall Inn*, gritando palavras de ordem que não eram habituais naquela época como: “Poder Gay”, “Sou bicha e me orgulho disso”, “Eu gosto de rapazes” (MACRAE, 2011, p. 26). O fato passou então a repercutir expressivamente na imprensa norte-americana, tornando-se sinônimo de resistência contra a opressão. Um marco histórico do nascimento daquele que, inicialmente, convencionou-se chamar de Movimento Homossexual, até que fosse padronizada a sigla LGBT.

A partir de então, outras marchas de rua foram organizadas para relembrar esses acontecimentos, inspirando diversas Paradas LGBT em cidades como São Francisco e Los Angeles, nos Estados Unidos, onde militantes se reúnem para reivindicar direitos civis e protestar contra uma cultura de padrões heteronormativos que, durante séculos, tratou a relação entre pessoas do mesmo sexo como inadequada e pecaminosa, reprimindo e discriminando o amor entre iguais.

No Brasil, os primeiros movimentos organizados se formaram no início dos anos 80, diante da promessa de um Estado democrático, articulando-se com outros movimentos na luta contra a opressão, fazendo oposição à ditadura e dando forma à construção de um movimento político homossexual⁴ no país. Surgem assim grupos de ativistas e associações que posteriormente constituíram-se em organizações não governamentais (ONGs). A atuação desses grupos, e de outros que foram surgindo sucessivamente, empenha-se em promover uma democracia livre de qualquer forma de discriminação, sustentando o direito à livre orientação sexual e à identidade de gênero da população LGBT, além de reivindicar pleno reconhecimento dos direitos e cidadania dessa parcela da população. Entretanto, a luta sofreu um grande abalo pela vinculação do surgimento e disseminação da AIDS como uma doença associada aos homossexuais, ofuscando sua busca por igualdade e causando a desmobilização de alguns grupos, enquanto outros passaram a se dedicar, prioritariamente, ao combate a essa epidemia.

Transcorridos quinze anos das primeiras mobilizações brasileiras, a articulação de representantes de grupos LGBT de sessenta países reuniram-se na cidade do Rio de Janeiro, para participar da 17ª Conferência Anual da Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA), renovando o fôlego do movimento no país. O encerramento da conferência realizou-se com centenas de participantes e simpatizantes na Marcha pela Cidadania de Gays, Lésbicas e Travestis, nome do evento naquela época, marchando na Avenida Atlântica, na Praia de Copacabana, repetindo palavras de ordem, levantando cartazes e bandeiras, atrás de um caminhão emprestado pelo sindicato dos bancários (GREEN, 2000). Surgia dessa forma, em 1995, no Rio de

⁴ Durante os anos 80, no Brasil, diligências policiais também eram cotidianas em bares e outros locais, frequentados por LGBTs, com prisões constantes. Dois protestos, em SP, contra esse cenário de marginalização também marcaram o início do movimento LGBT brasileiro: a passeata contra o delegado José Wilson Richetti que aterrorizava prostitutas, homossexuais, travestis, negros e desempregados com prisões arbitrárias, espancando e até assassinando-os em nome de uma "operação de limpeza da cidade", em junho de 1980; e o de agosto de 1983, quando o dono do Ferro's bar, frequentado por lésbicas, ordenou que fossem expulsas de forma violenta aquelas que estivessem vendendo a publicação ChanacomChana. A resistência empreendida pelas ativistas ganhou o apoio dos presentes e a polícia foi chamada permitindo que naquele dia elas ficassem por lá contanto que não voltassem mais. Este último também ficou conhecido por sua repercussão como dia do orgulho lésbico brasileiro, em referência à revolta de *Stonewall Inn*. (GREEN, 1999)

Janeiro, a manifestação que configurou a primeira Parada do Orgulho Gay do Brasil, baseada nas ações do movimento homossexual considerado bem-sucedido nos EUA. Em 1997, realizou-se a primeira Parada do Orgulho Gay de São Paulo, com aproximadamente dois mil participantes. Em 2011, o número de participantes do desfile em São Paulo alcançou a marca de quatro milhões⁵, um número recorde de público, tornando-se uma das quatro maiores paradas do mundo, equiparando-se às realizadas nas cidades de Berlim, São Francisco e Toronto em termos de importância política.

No Rio de Janeiro, a história do movimento homossexual, que havia se intensificado no fim da década de 1970 com a criação do jornal *Lampião da Esquina*, ganhou novos contornos a partir dos anos 90, com a fundação de uma organização não governamental sem fins lucrativos denominada Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBT, que surgiu “a partir do sonho de um grupo de amigos em resposta à epidemia de AIDS e à discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – LGBT, tornando-se referência em território nacional na promoção de valores de respeito à diversidade humana”⁶. A ONG foi pioneira na articulação e organização da primeira Parada do Orgulho Gay do país e se apresenta da seguinte forma:

O Grupo Arco-Íris de cidadania LGBT foi fundado em 21 de maio de 1993. Com 20 anos de lutas e conquistas, possui sua sede na Cidade do Rio de Janeiro. Sua missão é atuar como uma organização de referência na promoção da autoestima e cidadania de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – LGBT, visando à transformação da sociedade por meio de ações de desenvolvimento organizacional, gestão do conhecimento, mobilização comunitária e defesa dos direitos humanos, para o exercício da livre orientação sexual e identidade de gênero. (GRUPO ARCO-ÍRIS, 2014).

Em sua sede, o grupo realiza várias reuniões de convivência, com diferentes temas, gratuitamente, e algumas vezes com temáticas por gênero. A divulgação e o convite são feitos por meio de postagens nas redes sociais, no sítio do grupo e encaminhados para listas de *e-mail* de participantes. Além de ações de conscientização e atividades culturais, o grupo tem forte atuação na oferta de testagens gratuitas em HIV/AIDS, realizadas em sua sede e voltadas para o público LGBT, com resultado em menos de uma hora. Um serviço de aconselhamento com profissionais de psicologia também faz parte dessa testagem rápida que, no caso de soropositivos, providencia o encaminhamento para a 1ª consulta do tratamento no período de uma semana após o resultado, um tempo recorde tratando-se de Brasil.

⁵ Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/apesar+da+chuva+parada+gay+de+sao+paulo+reune+4+milhoes/n1597047897559.html>>. Acesso em 08 de ago. 2014.

⁶ Disponível em: <<http://www.arco-iris.org.br/o-grupo/>>. Acesso em 05 de out. 2014

Transcorridas duas décadas de militância, a ONG organiza, produz e promove

em co-realização com o Instituto Arco-Íris de Direitos Humanos e Combate à Homofobia⁷, a Parada do Orgulho LGBT – Rio com dezoito edições na bagagem que se consolidou e foi reconhecida pela Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro - Riotur como o terceiro maior evento oficial da cidade maravilhosa. Reuniu em 2013, na Praia de Copacabana, o público estimado de 1 milhão de pessoas entre lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais (LGBT) e heterossexuais. [...] A Parada é o ponto de convergência de uma série de eventos culturais, educativos e de promoção dos direitos humanos e da cidadania. Como pioneira no Brasil e no Estado, tornou-se um evento de representatividade estadual, “amadrinhado” e servindo de modelo para uma série de pequenas e médias paradas LGBT no Estado do Rio de Janeiro e em todo país. (GRUPO ARCO-ÍRIS, 2014).

Dentre essa série de pequenos e médios eventos inspirados no modelo de Copacabana, foram realizadas em 2013, cento e trinta Paradas LGBT em diferentes estados do Brasil. Quatorze destas aconteceram no Estado do Rio de Janeiro, entre elas a 1ª Parada da Diversidade de Mesquita, a 1ª Parada LGBT de Maricá, a 1ª Parada do Orgulho LGBT de Volta Redonda, a 2ª Parada Gay do Sul Fluminense (Barra do Piraí), a 3ª Parada do Orgulho LGBT de Araruama, a 4ª Parada LGBT de Magé, a 4ª Parada do Orgulho LGBT de São Pedro da Aldeia, 6ª Parada do Orgulho LGBT de Belford Roxo, 8ª Parada do Orgulho LGBT de Duque de Caxias, 9ª Parada do Orgulho LGBT de Cabo Frio, 9ª Parada do Orgulho LGBT de Macaé e a 10ª Parada do Orgulho LGBT de Nova Iguaçu.

Como fonte de referência e visibilidade, o formato também motivou grupos de ativismo LGBT de outras regiões da capital a multiplicarem as Paradas LGBT em sua área de atuação como Madureira, Jacarepaguá, Vista Alegre, Campo Grande, entre outros. O Conjunto de Favelas da Maré foi o primeiro a realizar uma Parada LGBT, em 2009. Ainda em 2013, a Comunidade do Mandela, em Mangueiros, teve sua 1ª edição. Em 2014, cento e sete Paradas LGBT aconteceram no Brasil com predominância de eventos em SP, RJ, BA e MG. Quinze edições na capital do Rio de Janeiro, entre elas a 1ª Parada LGBT de Rio das Pedras – Jacarepaguá e a 1ª Parada do Orgulho LGBT de Armação de Búzios.

O Grupo Arco-Íris é integrante e uma das instituições fundadoras da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (ABGLT), organização de representação nacional especificamente voltada às demandas de direitos da população LGBT, criada em 31 de janeiro de 1995, na cidade de Curitiba, durante o VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas. No Brasil, congrega 308 organizações afiliadas, localizadas em diversos estados, formando a maior rede

⁷ Esta denominação também pertence ao Grupo Arco-Íris sendo representada pela mesma sede e equipe. Um membro da ONG informou que é um outro nome que a organização utiliza para determinados fins.

LGBT da América Latina. Como afirmam seus representantes na Carta de Princípios da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, a instituição

estará ao lado de todas as entidades, organizações populares e movimentos que almejam transformar a vida das pessoas, fazendo-a mais livre e digna. [...] ao lado das mulheres, dos negros, trabalhadores do sexo, das chamadas minorias e de todos os grupos vítimas de opressão generalizada ou específica.⁸ (ABGLT, 2004)

Apesar de a nomenclatura contemplar apenas a sigla de LGBTs, a organização reúne em seu sítio não só grande parte das informações que esclarecem as políticas públicas voltadas aos LGBTs, como as políticas implantadas para assegurar o pleno exercício da cidadania de outros grupos que sofrem algum tipo de discriminação. O ajuntamento dessas diferentes frentes que buscam direitos civis para diferentes causas, atuando no combate ao preconceito religioso, na discriminação de etnia, gênero e orientação sexual almeja que ambas as frentes se apoiem e possam se tornar mais visíveis e numerosamente expressivas em suas ações.

1.2 VISIBILIDADE COMO ESTRATÉGIA DE EXPRESSÃO POLÍTICA

Conhecida pelas recorrentes imagens de belezas naturais e narrativas associadas ao lazer em materiais de informação turística, a cidade do Rio de Janeiro obteve bastante exposição midiática durante o ano de 2013, por sediar a realização da Copa das Confederações e a XXVIII Jornada Mundial da Juventude. Em 2014, a metrópole carioca sediou também alguns jogos da Copa do Mundo. O Rio ainda é herdeiro de forte vocação cultural, característica adquirida desde a primeira metade do século XIX, quando estabeleceu-se como centro difusor das tendências musicais⁹, produções cinematográficas e literárias entre outros movimentos ocorridos ao longo da história do Brasil.

Como cenário de alguns destes ajuntamentos, Copacabana apresenta-se não só como uma das praias mais famosas do mundo, mas também como palco propício para diversas manifestações culturais da cidade, atraindo alta visibilidade e incrementando a dinâmica de lazer da orla como espaço de expressão política. O panorama turístico da via principal da praia aliado à realização desta mobilização compõem uma estratégia de visibilidade que

⁸ Disponível em: <<http://www.abgl.org.br/port/cartaprinc.php>>. Acesso em 05 de out. 2014.

⁹ Disponível em: <<http://www.riodejaneirohotel.com.br/site/br/ler/271/O%20Rio%20de%20Janeiro/cultura>>. Acesso em 02 de out. 2014.

por sua magnitude, qualidade e irreverência, somada ao cenário e opções da cidade, produz um sentimento de expectativa em seu público, atraindo visitantes de todas as partes do país e do mundo gerando visibilidade nacional e internacional ímpar: os principais veículos de imprensa de todo o país e agências de notícias internacionais dedicam generosos espaços editoriais à cobertura daquela, considerada pela sociedade, comunidade LGBT e formadores de opinião como a mais bonita do mundo (GRUPO ARCO-ÍRIS, 2014).

Toda beleza à beira mar, a infraestrutura com hotéis, quiosques, serviços e logística de transportes que constantemente atraem grande número de turistas, além do fluxo gerado pelo forte comércio local, constituem o pano de fundo da Avenida Atlântica, um espaço tradicional de sociabilidade do carioca que recebe este desfile-mobilização em prol do reconhecimento de direitos civis: a Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro.

1.2.1 - Observando a Parada de 2013

Na ocasião da 18ª edição do evento carioca, em 2013, durante as primeiras incursões da pesquisa de campo, observou-se que das ruas que desembocam na orla não cessavam de chegar turistas, jovens, idosos, ambulantes, grupos familiares ou organizados, ativistas e demais participantes que se aglomeraram no posto cinco, em frente à Rua Sá Ferreira, ponto de concentração do evento. Juntavam-se aos banhistas, ciclistas, moradores e trabalhadores do bairro mais populoso da zona sul, que teve sua rotina de final de semana completamente alterada, com a chegada de 13 caminhões de trios elétricos, mudanças no trânsito e toda a logística de organização e produção do maior evento anual em prol das causas LGBT.

Como em toda realização de grandes eventos, era possível observar que a Prefeitura do Rio implantou em etapas um esquema especial de trânsito, que operou mudanças significativas no bairro de Copacabana, de sexta-feira, dia 11, a domingo, dia 13 de outubro de 2013, data da realização da Parada. Em geral, é comum que a data seja próxima a feriados uma vez que para muitos participantes significa ter um dia a mais de folga, atraindo mais turistas. Como já ocorre em domingos e feriados, a pista da praia, que corresponde à metade da Avenida Atlântica, no sentido zona sul – centro, foi interditada até a Avenida Prado Junior. São três quilômetros de extensão de um espaço urbano reservado ao desfrute do tempo livre. Moradores locais ou das imediações costumam fazer suas caminhadas com animais, rotinas de exercício, passeios com carrinhos de bebê, levar as crianças para patinar, andar de bicicleta, curtir a praia ou simplesmente conversar embaixo de uma sombra e apreciar a paisagem, sentados nos banquinhos da orla ou em algum quiosque do calçadão. Especialmente para esta ocasião, a outra metade da pista, que faz o sentido contrário do trânsito, junto aos prédios, foi autorizada pela

prefeitura a ser interditada entre a Rua Joaquim Nabuco e a Avenida Prado Junior, a partir das 14h, iniciando efetivamente a concentração do momento mais esperado da Parada - o desfile, duplicando o espaço da área para a livre circulação e acomodação dos participantes e pedestres.



Figura 1: Mapa do trecho interditado na praia de Copacabana. Fonte: Portal G1, 16/11/2014

O estacionamento de veículos foi proibido nos dois lados da Avenida Nossa Senhora de Copacabana, uma das vias principais do bairro que concentra o polo comercial, a partir da Rua Miguel Lemos. A reabertura das ruas e, conseqüentemente, o restabelecimento da rotina fica sempre condicionado ao tempo de dispersão do grande público após o final do desfile. Este é um aspecto de forte preocupação para os integrantes da Polícia Militar, do Corpo de Bombeiros e da Guarda Municipal que assistem ao deslocamento durante todo o percurso e, segundo a equipe de organizadores, costumam exigir que seja cumprido com rigor o horário estabelecido para o encerramento, às 20 horas, e conseqüente liberação do tráfego a partir das 22 horas. Nesse intervalo de horário, inclui-se o serviço de limpeza da Avenida Atlântica pela Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb), que, além dos garis, mantém um caminhão de sinalização acompanhando o último carro do desfile, retirando os grandes balões decorativos de gás hélio com a logomarca dos patrocinadores e parceiros fixados em postes, reposicionando a sinalização e as placas ao longo da via, movidas anteriormente para facilitar a passagem dos caminhões de trios elétricos.

Os mais de 140 mil¹⁰ moradores do bairro de Copacabana receberam da prefeitura a recomendação de utilizarem o transporte público ao longo do final de semana. A mesma orientação foi transmitida aos participantes por meio de postagens na página oficial da Parada do Orgulho LGBT – Rio, na rede social *Facebook*, e também em filipetas distribuídas em eventos anteriores ao desfile, parte do calendário anual de atividades culturais, com diferentes dicas que funcionariam como um pequeno guia:

Serviço e Dicas para a Parada do Orgulho LGBT 2013:

#1 Dicas de Transporte: evite ir de carro. Para chegar à Parada dê preferência aos transportes públicos, como metrô e ônibus; Metrô: siga na direção Zona Sul e desça na estação Cantagalo. Compre o seu bilhete de volta antecipado e não enfrente fila no retorno do evento; Ônibus: pegue linhas que passem pelas ruas Barata Ribeiro, Rua Toneleiro, Rua Pompeu Loureiro ou pela Av. N. S. de Copacabana. Para chegar à concentração, desça entre as ruas Miguel Lemos e Bolívar ou depois do túnel na Sá Ferreira. Informe-se antes com o motorista; Excursão: ônibus de excursão não poderão estacionar e nem desembarcar passageiros em Copacabana. Deverão ficar parquados ao entorno do Centro Administrativo da Prefeitura do Rio (Teleporto), na Cidade Nova. De lá os participantes poderão pegar metrô na Estação Estácio. (CAMPANHA PARADA LGBT RIO, 2013)

Muitos participantes elegeram o metrô para o deslocamento até Copacabana. Nos vagões, conhecidos se encontravam de acordo com o avançar das estações, de forma previamente combinada e casualmente também, formando grupos que desembarcaram juntos na estação Siqueira Campos, apesar da informação na filipeta indicar a estação Cantagalo. Desembarcando na segunda opção de estação do metrô no bairro de Copacabana, muitos optavam por seguir pela Rua Figueiredo de Magalhães, que em comparação com a Rua Miguel Lemos, caminho da orla na estação Cantagalo, oferece mais opções de lanchonetes, mercados e bares para quem escolhesse fazer um lanche antes de chegar à praia, na altura do posto 3. A chegada na Avenida Atlântica por esse caminho permite aos participantes avistar todos os caminhões de tróleys elétricos enfileirados e decorados, ocupando do Posto 5 ao Posto 6, pedaço final da Praia de Copacabana.

Neste ponto já era possível cruzar com voluntários do evento que faziam abordagem com distribuição de kits com camisinhas, informativos, e pediam permissão para colar adesivos do evento em suas camisas. Alguns grupos religiosos cristãos, com a frase “Sorria! Jesus te aceita.” em suas camisas, cantavam hinos de sua igreja enfatizando que lá todos são acolhidos sem preconceitos. Promotores de empresas aproveitavam também a intensa

¹⁰ Disponível em:<http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index_bairro.htm>. Acesso em 7 de ago. 2014.

movimentação de público em direção à concentração no Posto 5 para distribuírem seus materiais de divulgação e brindes. Fixadas no espaço do calçadão central, várias tendas oferecem informações, produtos e serviços de cidadania e saúde. Ao longo da caminhada, a interação com as equipes presentes na avenida e nas tendas, antes do primeiro caminhão de trio elétrico, vai dando forma ao espaço e integrando o público à Parada, até que a concentração se encerre e o desfile inicie.

1.2.2 – Comunicação e planejamento da Parada

Toda a gestão de comunicação é desenvolvida pela empresa Target Agência de Comunicação, contratada por meio do Programa Estadual Rio Sem Homofobia, desdobramento do Programa Federal Brasil sem Homofobia, financiado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, sob a coordenação da Superintendência de Direitos Individuais, Coletivos e Difusos¹¹. Desde 2004, a empresa é a responsável pelas estratégias de relacionamento com a imprensa, produção de conteúdo para sítios, redes sociais e relações públicas da Parada LGBT, além de organizar e produzir eventos culturais, educativos e de promoção da diversidade, dos direitos humanos e da cidadania.

Os grupos e ONGs organizadores do evento nas principais capitais brasileiras, em parceria com as Prefeituras, estenderam e diversificaram as atividades oferecidas inicialmente em um único dia para um mês de duração, atuando em “atividades político-culturais pré paradas: filmes, debates, exposições, festas, sessão solene na Câmara e Assembleia, e muita divulgação na mídia, de preferência tentando emplacar ao menos um artigo de opinião nos jornais locais”(MOTT, 2004), implantando assim algumas sugestões da cartilha ABC das Paradas, instrumento que especificaremos mais adiante, que visa enfatizar o seu caráter político. Muitas dessas atividades são planejadas para o calendário do Mês do Orgulho LGBT, incrementando a “ampla distribuição de cartazes, folhetos e convites para a Parada com mensagens políticas”, difundindo suas causas e propósitos além de culminar como um desfecho comemorativo do período.

Outras atividades também são recomendadas na cartilha, demandando um planejamento de atuação: “Pós-paradas: campanha de novos sócios, fundação de grupos LGBT, seminário de avaliação e coletiva para a mídia.” (MOTT, 2004) E ficam a cargo das próprias organizadoras.

¹¹ Disponível em: <<http://www.riosemhomofobia.rj.gov.br/secao/sobre/superdir#sthash.7co5p0OX.dpuf>>. Acessado em 13 de maio 2015.

1.2.3 - Seguindo a cartilha da politização

Uma entre outras tantas ações do movimento LGBT - lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros – e que já se chamou Movimento Homossexual Brasileiro – MHB, GLBT, outra configuração da atual sigla, e GLS – gays, lésbicas e simpatizantes – as Paradas do Orgulho LGBT são “mega-manifestações de visibilidade massiva e afirmação cidadã do povo GLTBS do Brasil”, segundo o *ABC das Paradas Gays – Cartilha com informações úteis de como potencializar as Paradas GLTBS*, com autoria de diferentes ativistas e organizada por Luiz Mott, em 2004, acessível no sítio da ABGLT. Analisaremos mais adiante alguns trechos deste documento que reúne uma série de textos, antes apenas distribuídos por *e-mail* para grupos específicos da militância, com conteúdo didático que objetiva “reforçar a organização das Paradas Gays, torná-las politicamente mais potentes e abrilhantar” ainda mais o evento.

De acordo com o material de apresentação do Grupo Arco-Íris (RJ) aos voluntários, a definição da manifestação vai além disso.

Uma atraente vitrine para expressar conceitos e ideias associados a valores como paz, cidadania, respeito à diversidade humana, liberdade, alegria e justiça social, imprimindo e/ou ratificando uma vantagem positiva das organizações privadas e governamentais envolvidas e parceiras em sua realização. (GRUPO ARCO-ÍRIS, 2014)

Ao apresentá-la como uma “atraente vitrine”, podemos inferir que os organizadores ofertam esta ocasião como uma oportunidade de visibilidade ostensiva, na qual supostamente empresas e seus departamentos de marketing compreenderiam como “vantagem positiva” a possibilidade de investir e associar suas marcas com tais valores de “paz, cidadania, respeito à diversidade humana, liberdade, alegria e justiça social”, que geralmente são agregados de acordo com o desenvolvimento do histórico de reputação da empresa. Dessa forma, o investimento em um evento de massa seria mais vantajoso em relação ao custo-benefício do que, por exemplo, o estimado pelas altas verbas de campanhas publicitárias em prol da visibilidade da marca. Entretanto, durante uma das reuniões de orientação para os voluntários, um dos membros da organização expôs ao grupo presente a crescente dificuldade em angariar patrocínio para a realização da Parada:

Vemos o sistema privado patrocinando áreas como a nossa de eventos a rodo. Se somos um milhão de pessoas por que o sistema privado não patrocina as Paradas? Tem um contrassenso nisso, porque todos querem patrocinar um evento de 50 mil pessoas. Porque são pessoas que consomem coisas. Imagina com um

milhão de pessoas! Por que não querem ter suas marcas vinculadas? Então está claro, e eu estou falando de uma população inteira, porque no meio dessas empresas privadas tem muitos gays e lésbicas que também, na hora da prática pública, por não ter orgulho, não querem nada vinculado. Portanto é cafona ser gay nesse país, né gente...no máximo é engraçado. Na novela das 20h ou das 21h. (GRUPO ARCO-ÍRIS, 2014)

De fato, além do patrocínio da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, através da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual (CEDS); da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Governo do Estado, através do Programa Rio Sem Homofobia, apenas o logotipo da Petrobras, cujo acionista majoritário é o governo brasileiro, figurava como patrocinador em todos os materiais impressos distribuídos e nos materiais decorativos afixados no dia do desfile de 2013. Participam da categoria apoiadores – ou seja, aqueles que não investem com verbas financeiras diretas e sim com alguma contribuição com produtos como, por exemplo, brindes ou materiais gráficos, ou serviços como concessão de sinal gratuito de internet para os frequentadores do evento – a Secretaria do Ambiente do Governo do Estado do Rio de Janeiro /Instituto Estadual do Ambiente, Defensoria Pública do Estado, Secretaria de Estado de Saúde, Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil, Secretaria Municipal de Trabalho, Subprefeitura da Zona Sul, Ordem dos Advogados do Brasil — Seccional do Rio de Janeiro (OAB-RJ), Fórum Estadual de ONG/AIDS, Centro Universitário IBMR, Universidade Estácio de Sá e Rádio FM O Dia.

1.2.4 – O contexto histórico de 2013

No primeiro semestre de 2013, o debate em torno da união civil entre homossexuais já vinha sendo pauta de diversos meios jornalísticos devido às declarações polêmicas do deputado federal e pastor evangélico Marcos Feliciano (PSC-SP), sobre os direitos pleiteados pela comunidade LGBT. Dentre elas, o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, era explicitamente criticado pelo parlamentar que havia sido eleito há pouco tempo para a Presidência da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, o que gerou na internet manifestações de protesto¹² contra a nomeação do pastor. O perfil conservador do deputado para o cargo foi amplamente questionado por entidades e instituições de defesa dos Direitos Humanos. No mesmo período, a cantora Joelma, da banda Calypso, foi entrevistada para a revista *Época*, pronunciando-se contra o casamento gay e elogiando o projeto de implantação

¹² Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/campanha-feliciano-nao-me-representa-reforca-protestos-contrapastor,b3d12f001c3ad310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acessado em 07 de dez. 2014.

da PEC 234, conhecida como projeto da “cura gay”, defendida pelo deputado, estimulando sobremaneira o tema em diferentes mídias tradicionais e nas redes sociais. Pode-se afirmar que a declaração da cantora Joelma corroborava com a proposta de lei que tramitava na Câmara, naquele momento, para questionar o parecer do Conselho Federal de Psicologia que proibia profissionais da área a tratar a homossexualidade como uma patologia. Por fim, o projeto foi arquivado em 3 de julho de 2013, encerrando a possibilidade de ser reapresentado ainda no mesmo ano.

Na quinta seção da cartilha estão expostos “Dez motivos para você participar das Paradas Gays”, apresentados no formato de perguntas com suas respectivas respostas. O autor deste trecho cita que “relaciona perguntas que as pessoas fazem sobre os motivos para participarem das paradas” e apresenta argumentos para contrapor o discurso de pessoas conservadoras, para quem a questão da luta por visibilidade inerente ao evento é classificada como uma “palhaçada” e, dessa forma, esvaziam a pertinência da causa, invisibilizando LGBTs. Na resposta à pergunta de número sete, a explicação do autor João Pedrosa:

Tem gente que acha que a parada é uma palhaçada e não serve para nada? Sim, são pessoas conservadoras que acham que os homossexuais não devem ter visibilidade, devem ficar quietos e não “saírem do armário”. Estas pessoas estão contribuindo para que homossexuais continuem sendo assassinados impunemente no nosso país, sendo demitidos das empresas por serem gays, que travestis não tenham emprego e precisem se prostituir para sobreviver, etc. (MOTT, 2004)

Na concentração da manifestação, participantes seguravam faixas com a frase “Fora Feliciano, viva o amor” em um ato de repúdio contra seu apoio ao projeto da “cura gay” e também contra o fato de um deputado com um perfil conservador, pertencente ao grupo que ficou conhecido no Congresso como “bancada evangélica”, estar presidindo a Comissão de Direitos Humanos.



Figura 2: Foto faixas em protesto contra Marco Feliciano, em 2013. (Fonte: PARIS, 2013).

Na imprensa, diversas expectativas geradas e não cumpridas inflamavam a polêmica da ausência do beijo gay nas telenovelas, pelo menos desde 2005. De cenas gravadas e censuradas antes de irem ao ar até cenas gravadas com enquadramento à distância, permitindo que a sequência do beijo fosse vista apenas de longe. Ao longo de 2013, a programação noturna da Rede Globo¹³ passa a exibir algumas cenas de beijo mais contidas, o famoso “selinho”. Na novela do horário nobre, o personagem gay, Félix, interpretado pelo ator Mateus Solano, protagoniza debates abertos com seu pai conservador e gera esperança e repúdio estimulando as discussões não só no cotidiano como nas mídias e nas redes sociais.

Na cerimônia de abertura que é dirigida do palco do primeiro trio, considerado o carro oficial do evento, um dos militantes afirmou no microfone que *“a Parada é um ato político sim. Uma manifestação para dizermos que existimos, somos milhões de vozes e precisamos ser ouvidas. Quem aqui gosta de beijar na boca?”* e o público respondeu levantando os braços e gritando. E continuou exemplificando uma das ações que gera violência e preconceito na convivência social: *“só que para vocês beijarem na boca é preciso que haja leis, políticas públicas, porque se vocês se beijarem em determinados espaços irão ouvir que aqui vocês não podem beijar”*. O militante avisa que está com seu companheiro e irá realizar um ato e convoca o público a reproduzi-lo. Avisa que contará até três e irá beijá-lo na boca esperando que todos também beijem, abracem ou mesmo apertem as mãos *“espalhando o amor e o afeto que transforma nossa realidade, por isso não podemos nos calar”*. E o público

¹³ Disponível em: < <http://igay.ig.com.br/2013-11-08/brincadeira-no-programa-amor-e-sexo-rende-beijo-gay-na-noite-da-globo.html>>. Acessado em 13 de maio 2015.

atende. Em seu discurso, aborda o recrudescimento do conservadorismo, o combate à homofobia e a importância do voto em aliados da causa LGBT, com a proximidade de um ano de eleições.

Cada um de vocês tem o poder na mão, o poder do voto que transforma a realidade. A nossa Assembleia Legislativa, o Congresso Nacional e a Câmara de Vereadores estão repletos de políticos homofóbicos, fundamentalistas religiosos. A gente precisa votar nos nossos aliados, eleger pessoas comprometidas com as causas LGBT. Em 2014 vamos dar nas urnas a resposta que a comunidade LGBT precisa. (Liderança LGBT em discurso proferido na Parada LGBT – Rio, 2014)

Ao fim do primeiro semestre repercutiram as Jornadas de Junho¹⁴, manifestação em que estavam presentes diversos grupos de mobilização estabelecidos e também grupos menores e fragmentados, inclusive do movimento LGBT. É neste panorama político, tanto na esfera legislativa e social quanto no mundo do entretenimento, que em outubro de 2013 a Parada LGBT – Rio aconteceu.

1.2.5 - Espetáculo que mobiliza

A combinação de música disco e eletrônica com a decoração estrategicamente elaborada com cores fortes e vibrantes, em todos os caminhões de trios elétricos com arcos de bolas coloridas, corações cintilantes, pipas listradas, CDs pendurados para refletir luzes e cores, painéis com a marca do evento, atraíram os mais distraídos olhares para o acontecimento caracterizando eficazmente sua dimensão espetacular. Seu objetivo é despertar o interesse, fazer ver e ouvir capturando a atenção dos sujeitos. Para Guy Debord (1997), “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”. Para o autor, trata-se de um processo calcado numa lógica capitalista, mercadológica e de leitura do “espetáculo” como um processo negativo. Sob esse enfoque, nenhuma possibilidade de autonomia para os sujeitos é apresentada considerando todos os esforços como inúteis, em todos os aspectos da vida social (político, econômico, cultural), porque não haveria como fugir do aprisionamento ao sistema, por sua própria natureza de produção de imagens em série.

¹⁴ As “Jornadas de junho” foram manifestações populares, em diversas cidades brasileiras, expressando a insatisfação de cidadãos com as atuais condições de vida, resultantes de uma sequência de acontecimentos que se transformaram em uma revolta urbana de proporções inusitadas, suscitando confrontos e atos de depredação reprimidos de forma desmedida pela polícia militar.

Contudo, movimentos e projetos de mobilização operam uma lógica um pouco distinta da do mercado. Há um esforço para se alcançar a esfera pública e colocar suas questões como de interesse coletivo, mobilizando os sujeitos para causas e estimulando debates públicos ampliados. No sentido de criar um âmbito extraordinário e uma cena de caráter dramático (MAFRA, 2008, p.98), alguns elementos presentes extrapolam essa relação social mediada por imagens, indo além da captação de atenção dos olhares, cooptando também os presentes para a interação, agregando os sujeitos ao desfile. A execução do hino nacional cantada por Jane di Castro, artista, travesti e militante, acompanhada em coro pelo público, a música alta e de ritmo intenso em todos os caminhões de trios elétricos, a decoração com peças grandes, brilhosas, arcos e cores fortes, a grande bandeira do arco-íris e as performances com coreografias e poses, entre outros aspectos, caracterizam um dos aspectos da análise: a dimensão espetacular. Observamos muitos moradores, convocados pelos potentes watts de som, debruçados nas janelas, até mesmo nos mais altos apartamentos, para assistir e/ou registrar em fotos e filmagens o desfile da Parada do Orgulho LGBT, em Copacabana.

A enorme bandeira nas cores do arco-íris, com cento e vinte metros de comprimento e dez metros de largura, foi estendida ao chão da avenida entre os dois primeiros trios, devidamente protegida por seguranças contratados para o evento, para que o público não invadisse o espaço destinado à bandeira. O ícone símbolo da celebração, tradicional em todos os anos, causa uma euforia por sua extensão e pelo próprio ritual de abertura que implica durante o desfile. Na edição de 2013, para intensificar o caráter espetacular do momento, sobre a bandeira surgiram quatro dançarinos fantasiados com calças colantes, sem camisa e com botas brilhantes, nas cores vermelho, rosa, preto e lilás. Com largas asas de anjo, exibiram uma coreografia de saudação, cooptando a apreciação da maior parte dos olhares para a performance. Ao final da apresentação dos dançarinos, os seguranças posicionados no entorno levantaram a bandeira convidando os participantes a se posicionarem embaixo dela, caminhando e mantendo-a erguida, ao mesmo tempo dando-lhe suporte, e fazendo-a tremular. Ao aceitarem a convocação, os participantes inserem-se diretamente na cena dramática do ritual, acompanhando o ritmo do desfile, apoiando e erguendo não só a bandeira física como a causa LGBT.

Na concepção de Renan Mafra (2008), dentre as estratégias comunicativas de espetacularização, tratando-se de processos de mobilização social, há alguns elementos relacionados a duas esferas: o sensacional e a encenação. A esfera do sensacional abrange

elementos grandiosos, excepcionais, extraordinários, admiráveis que buscam contrapor o ordinário e instalar uma ruptura das regras cotidianas enchendo “os olhos” dos sujeitos, objetivando mostrar determinada causa como merecedora de ser vista e notada. A busca por elementos que coloquem o apreciador na condição de espectador, desfrutando da ação representada e utilizando um artifício ficcional com ideias de estruturas narrativas, abrangem a esfera da encenação.

Nesse sentido, pode-se considerar toda a operação do ritual da bandeira como espetacular, formando uma esfera de visibilidade que convoca, a partir de seu expressivo tamanho, formato e cores, mesmo que parcialmente, dentre outras ações, uma audiência que se envolve a priori, numa relação comunicativa instantaneamente por meio da contemplação. Posteriormente, envolve os participantes contemplando também a esfera da encenação.

Outras razões citadas no item “Dez motivos para você participar das Paradas LGBT” da cartilha destacam mais argumentos para que os sujeitos possam se engajar e compreender o que está envolvido nesta mobilização social. As perguntas um, dois, três e quatro enfatizam a importância da participação e da repercussão política da manifestação e como refletem nas reivindicações de LGBTs:

Como serei beneficiado se for à parada? Você estará contribuindo para acabar com a intolerância social com relação à homossexualidade. Se você é homossexual será beneficiado diretamente. Se não, sua participação contribuirá para ajudar a acabar com a intolerância, o preconceito e a violência contra a pessoa homossexual.

Uma parada tem o poder de acabar com a intolerância e o preconceito social? A parada, por si só, não tem este poder. Mas, ela contribui diretamente mostrando à sociedade civil brasileira a força da comunidade LGBT. Uma manifestação de massa de mais de um milhão de pessoas terá uma grande repercussão política.

Para que serve a repercussão política? Serve para os políticos, que fazem as leis do nosso município, estado e país se sentirem pressionados e transformarem às reivindicações dos homossexuais em leis. Assim, o estado dará garantias dos direitos civis à comunidade LGBT. Por exemplo, leis que garantam: união estável entre pessoas do mesmo sexo, punição as pessoas e empresas que discriminam homossexuais no local de trabalho ou ambiente público, políticas governamentais específicas para a comunidade LGBT, etc.

Será que homossexual deve se meter em política? A parada é um encontro de massa que tem como objetivo confraternizar toda comunidade GLBT. É um encontro político, também, por que toda ação do ser humano na sociedade é uma ação política. Durante nossas vidas estamos fazendo política o tempo todo. Não são só os partidos políticos e os parlamentares que fazem política.

Eles fazem a política institucional. Nós, pessoas do povo, fazemos política de massa. Os políticos dependem da gente. Nós temos uma força muito grande, principalmente quando nos unimos. Quando as pessoas se unem ficam fortes e passam a ser respeitadas pelos políticos e o restante da sociedade (MOTT, 2004).

O propósito final, de acordo com a cartilha é que o público ultrapasse o estágio de participação contemplativo nesse processo comunicativo e atue como um agente político e cidadão integrando-se num envolvimento coletivo. Procurando cumprir seu papel de expressar uma resposta pública de uma parcela da população que busca a possibilidade de ser ouvida socialmente. Ou nas palavras de Frederico Viana Machado:

Ao lançar na esfera pública o debate sobre a condição de LGBTs, as Paradas procuram deslocar o significado construído histórica e socialmente acerca dessa população e propõem-se a lançar novos signos sociais de forma a desarticular a carga axiológica pejorativa em torno do gay (MACHADO & PRADO, 2007).

Mikhail Bakhtin formulou conceitos no início do século XX que se apresentam de uma atualidade surpreendente. Para o complexo cenário contemporâneo de poder, em que múltiplos e diversos atores solicitam a possibilidade de serem ouvidos, seu pensamento oferece abertura ao diálogo. O autor formulou suas ideias a partir de uma troca permanente com estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento, com o intuito de construir conceitos através do diálogo e do conflito de ideias. O autor considera qualquer significado como ideológico. “O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes” (BAKHTIN, 2009, p. 32). Uma das funções da ideologia é neutralizar determinados valores para toda a sociedade.

Na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. (BAKHTIN, 1981, p. 47).

Se o signo ideológico busca valorizar a verdade de ontem e validá-la também para o presente, não podemos esquecer que os signos são necessariamente interindividuais, pois apesar de chegarem igualmente a cada consciência individual numa pretensão de consenso coletivo, cada consciência os absorve como sendo próprios. Diferentes subjetividades têm interesses múltiplos e se valem de tais signos. Os indivíduos esgarçam os sentidos pré-dados, pré-concebidos em busca de um novo consenso coletivo. E o espaço de luta dos sujeitos em torno dos significados pode ser exatamente essa tensão proporcionada pela flexibilidade, pela instabilidade do signo.

Podemos considerar o evento da Parada do Orgulho LGBT como uma enunciação social coletiva. Durante o tempo de duração da marcha, as diversas singularidades lá presentes assumem uma “unidade artificial” a fim de dar visibilidade a uma demanda que as afeta coletivamente.

A unidade artificial com que esse evento [a Parada LGBT] é publicizado não pode ser entendida como homogeneização, pois a principal estratégia de emergência da diversidade de formas de vida social minoritárias no mundo público tem sido a luta por visibilidade social. É através da visibilidade que será possível a exposição pública de demandas sociais e a emergência de antagonismos. (MACHADO & PRADO, 2007, p. 11)

Bakhtin afirma que qualquer que seja a enunciação considerada, na sua totalidade, ela é socialmente dirigida e determinada da maneira mais imediata pelos participantes do ato de fala, explícitos ou implícitos. E, por ser socialmente dirigida, qualquer enunciação estará exposta a uma tensão própria: estando inevitavelmente ligada a uma cadeia infinita de significados antecedentes e posteriores, ao mesmo tempo em que parcialmente nega, também afirma o dado social e historicamente construído, extrapolando seus limites anteriores com maior ou menor eficácia. Para invalidar um signo ideológico, é necessário antes reconhecê-lo como parte dessa ideologia, pois só assim, os sujeitos da enunciação poderão se voltar sobre ele para negá-lo. A enunciação será sempre feita em um ambiente social cujos indivíduos terão seus pressupostos, e suas próprias intenções, que afetarão ativamente a compreensão.

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. (BAKHTIN, 2009, p. 132)

Movimentos e projetos de mobilização, e principalmente sua cobertura midiática, acabam por veicular caricaturas e estereótipos do homossexual. O resultado seria, assim, o reforço de estigmas em torno da população transexual, travesti, gay, lésbica e bissexual, quando o propósito da Parada LGBT seria justamente negá-los. Contudo, cabe retomarmos algumas reflexões que Bakhtin faz sobre a dinâmica própria dos signos sociais: “o ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata” (2009, p. 46). Na batalha pelo deslocamento do significado, que, neste caso, conta com o importante papel que exercem os meios de comunicação, os enunciadores encontrarão sempre o ambiente hostil da ideologia que busca paralisar os sentidos e torná-los válidos para toda a sociedade. Quando, por exemplo, as câmeras de televisão ou lentes fotográficas procuram focar personagens mais

pitorescos que participam das Paradas, na verdade buscam reflexos exteriores das imagens que foram socialmente construídas em torno dos homossexuais, proporcionando o espetáculo. Mas em tal busca o importante é que a negociação do sentido nunca cessa, e é no jogo da enunciação deste ritual que ela se intensifica. Por trás dos muitos personagens, estão pessoas empenhadas em garantir que os holofotes foquem, além do glamour de suas roupas, a luta pelo reconhecimento de seus direitos.



Figura 3: A *drag queen* Eula Rochard na Parada LGBT do Rio, em 2013 (Fonte: *O Globo*, 16/11/2014)

1.3 SOCIABILIDADE E CARNAVALIZAÇÃO

Na cartilha ABC das Paradas Gays (MOTT, 2004), alguns objetivos são justamente fruto da preocupação com a formação de uma réplica, no sentido bakhtiniano, com as formas de afetar a compreensão, construindo uma luta ideológica em favor das causas LGBT que se fazem presentes na composição desta enunciação socialmente dirigida. Como primeiro item, estão listados os objetivos a serem cumpridos por uma Parada:

As Paradas GLTBs para cumprirem plenamente sua missão **e não se tornarem meramente mais um carnaval fora de época**, devem cumprir rigorosamente os seguintes objetivos:

1. Promover a visibilidade massiva de GLTBs a fim de mostrar à sociedade global o poder de arregimentação deste segmento populacional enquanto cidadãos e massa potencial de eleitores e consumidores;
2. Reforçar a autoestima individual dos participantes enquanto homossexuais que devem ter seus direitos de cidadania plenamente respeitados;
3. Funcionar como ritual de iniciação para que novos homossexuais se assumam, estimulando aos enrustidos “sair da gaveta”;

4. Mostrar à sociedade global a existência da diversidade sexual da comunidade homossexual e estimular o respeito à livre orientação sexual, papel de gênero e estilo de vida;
5. Selar a solidariedade do movimento homossexual organizado e da comunidade homossexual com outras minorias sociais, entidades de classe e representantes de diferentes setores do poder, fazendo das paradas vitrine e espaço de visibilidade para futuros candidatos GLS a cargos políticos previamente apoiados pelos grupos locais do movimento homossexual e comprometidos com suas bandeiras de luta;
6. Arregimentar novos militantes para se associarem aos diversos grupos do movimento homossexual organizado.
7. Denunciar à população em geral e à mídia as diferentes manifestações de homofobia que pesam sobre a comunidade homossexual, transmitindo aos participantes da parada informações sobre autodefesa contra discriminações e como enfrentar e se proteger da violência anti-homossexual.
8. Transmitir informações e reforçar junto aos participantes da parada a necessidade da prevenção da AIDS e DST. (*grifo nosso*) (MOTT, 2004)

Qualquer pessoa que tenha visto ou participado de alguma Parada LGBT brasileira pode notar características de desfile em sua movimentação, inclusive com pessoas que atuam especificamente no controle de seu deslocamento, com personagens variados, do cotidiano, com ou sem fantasias, turistas, curiosos, entusiasmo na dança com alegria, músicas animadas, os diversos trios elétricos, elementos que se assemelham ao espetáculo exibido nos dias de carnaval. Conforme salienta Da Matta (1986), as aberturas carnavalescas permitem a exposição de situações rotineiramente invisíveis como a de LGBTs, que ainda hoje sofrem restrições e violações na própria sociedade, e têm no carnaval “um momento único durante o ano quando tudo era permitido” (GREEN, 2000).

Considerando esse contexto, ao aplicar uma conotação política em um momento com características festivas, as Paradas LGBT evidenciam a participação dos LGBTs na sociedade, despertam interesse de cobertura da mídia e atraem a simpatia de outras pessoas, gays ou simpatizantes, que dificilmente participariam de eventos ou campanhas no formato tradicional organizadas pelos ativistas do movimento LGBT, conquistando uma visibilidade cada vez maior para expressar suas demandas.

Na Parada, assim como no carnaval, encontra-se uma abertura que permite a exposição de uma situação cotidiana não visível, como a dos LGBTs. Há uma inversão, uma “ruptura com o rigor da vida cotidiana” (SILVA, 2006, p.228) mas, na verdade, essa compreensão ativa interindividual será essencial para a vitalidade do signo ali presente. Na arena semântica social sempre há uma luta ideológica: de um lado, os participantes da enunciação com

possíveis intenções de deslocamento do sentido e, de outro, a compreensão ativa dos demais participantes da situação de enunciação, munidos de seus pressupostos socialmente construídos e intenções próprias, que podem ou não estar em conflito com o deslocamento sugerido. O importante não é a coincidência entre as intenções da enunciação e o resultado da compreensão, mas a possibilidade de ocorrência do diálogo e conseqüente abertura à negociação.

Embora a imprensa dê grande destaque aos aspectos festivos das paradas, os aspectos políticos estão presentes nos cartazes, nas faixas penduradas nos trios elétricos e nos discursos realizados antes e depois dos desfiles. Isso se reflete nas palavras de Renato Baldin, coordenador de educação, cultura e eventos da APOGLBT, que, em reportagem do jornal *Folha de São Paulo* de 04 de junho de 2003, afirma que “Todo tipo de evento é político, sempre, e a política não precisa ser necessariamente chata. Ele pode estar relacionado com orgulho, com direitos humanos, com o ganho de autoestima que a parada significa para muitas pessoas”. Na mesma reportagem, João Silvério Trevisan, militante histórico dos direitos homossexuais no Brasil e um dos fundadores do jornal *Lampião de Esquina*, acredita na inserção da linguagem política nas paradas, defendendo que o país necessita de políticas gays similares às que existem para negros, mulheres e adolescentes.

Desse modo, o modelo adotado para a construção das Paradas LGBT, ao escolher uma ruidosa ocupação de territórios, extrapola o objetivo de busca por visibilidade, e demanda uma efetiva conquista de direitos fundamentais não só para a minoria ativa formada por seus militantes, mas também para a maioria silenciosa que pode ser abarcada pelos temas abordados nessas mobilizações.

1.3.1 – Avenida da diversidade

A primavera era a estação presente naquele domingo, dia 13 de outubro de 2013. O termostato do relógio na avenida da praia marcava a temperatura de vinte e quatro graus Celsius e o céu azul propiciava o uso de roupas mais leves e confortáveis: shorts, camisetas, cangas, sandálias ou tênis são os preferidos da turma que gosta de passear pelo calçadão da praia de Copacabana, bairro da Zona Sul do Rio de Janeiro que, mais uma vez, serviria de cenário para a realização da Parada LGBT-Rio. Para o estudo em desenvolvimento, partindo da perspectiva de análise etnográfica de um desfile-mobilização e suas estratégias de comunicação, o dia de realização do evento era a oportunidade de, em campo, estabelecer o

contato efetivo entre pesquisador e pesquisado. Exercitar o olhar para captar aquilo que o antropólogo Malinowski chamou de “imponderáveis da vida real” (MALINOWSKI, citado por CAIAFA, 2013, p.34). Presenciar a mobilização foi imprescindível para registrar diversas nuances do evento, os discursos, as bandeiras de luta (ou suas ausências), as afetividades, os indivíduos, ter a oportunidade de ouvir depoimentos, ver e observar mais um dos ângulos da comunicação: a dimensão festiva. Situações de festa, de celebração são muito comuns em projetos de mobilização social, porque nesses momentos, os sujeitos são convidados a participar de redes de sociabilidade e a estabelecer um convívio “corpóreo”, motivados por atos de comemoração em relação à causa (MAFRA, 2008, p.65). O autor nos esclarece um aspecto distinto entre a festa e o espetáculo:

Uma distinção importante se impõe: embora a festa seja também um espetáculo, distingue-se dele, pois exige a participação ativa, marcada por esse aniquilamento, por esse abandono de si e na com-fusão com o outro. É impossível ser apenas espectador de uma festa. Ela impõe participação, leia-se relação, o estar-junto. (PEREZ, 2002, p.28, citado por MAFRA, 2008, p.70-71).

O ambiente de Copacabana propicia um clima descontraído no qual os sujeitos não hesitam em espiar e se aproximar uns dos outros. Tornam-se espectadores e também parte da interação que a Parada LGBT-Rio proporciona àquele espaço da cidade. Há uma participação-ativa na festividade, mesmo que em intensidades diferentes. Seja de perto ou de longe, o desfile dos grandiosos “palcos ambulantes” e a aglomeração de pessoas forma uma mistura notável de cores, sons e personagens que propiciam um envolvimento afetivo. Os potentes amplificadores de som dos trios elétricos estacionados entre as ruas Sá Ferreira e Joaquim Nabuco e a batida do ritmo repetitivo de música eletrônica pela Avenida Atlântica anunciavam que naquele dia, a orla de Copacabana é o espaço da diversidade em muitos aspectos: gêneros, orientações sexuais, discursos políticos, bandeiras de luta, cartazes, opiniões, formas de participação-ativa e performances no evento.

Em um primeiro momento, para efetuar o estudo de campo, tentamos perceber como os presentes se comportavam diante da festividade ao longo do percurso do evento. Percebia-se que os sujeitos mais inibidos apenas observavam a movimentação, o colorido da decoração da festa e aproveitavam para se distraírem ou paquerar. A respeito de porquê estava ali presente, um senhor de 82 anos, que observava a movimentação um pouco mais distante da concentração, nos disse que morava ali pertinho, em Ipanema, e estava ali porque gostava.

E por que o senhor gosta ?

Eu gosto porque eu acho que onde tem gente, onde tem música, aí tem vida. Então é bom estar nestes lugares.

Sobre o que significa e a razão de existir Parada nos dias atuais, ele opina:

É um todo. Tem luta por um direito também porque realmente há muito preconceito sobre isso, sobre tudo, né. E você vê, agora tá (sic) mudando um pouco. De uns anos pra cá. Porque não existia isso aqui. Isso não existe há tanto tempo, esta passeata aqui de gays, é nova, não tem tantos anos. O pessoal tá (sic) se organizando e está reivindicando, tá (sic) querendo que sejam reconhecidos como gente, porque o homem acha que o homem é só homem. Cada um tem uma maneira de ser. Deus criou a natureza pra todo mundo.

Observamos grupos com a camisa oficial do evento, que também era vendida no quiosque do Grupo Arco-Íris, ou alguma peça com as cores do arco-íris – pulseiras, bonés, bandanas, brincos, óculos, gravatinhas, colares e bandeiras. A produção de alguns participantes tem dedicação especial com indumentárias bem elaboradas ou também estilizados em personagens da TV. Muitas versões da fantasia do soldado grego, além de ícones referenciando policiais, bombeiros, marinheiros, super-homem, anjos coloridos, distribuídos entre a maior parte dos participantes que vestiam roupas comuns estampando sorriso e animação.

Antes de chegarem ao palco dos trios elétricos, enquanto caminham em direção à Parada, observamos que algumas *drag queens* e travestis interagem com o público gritando palavras de ordem ou fazendo alguma piada bem-humorada. Eram assediadas como celebridades por outros participantes que solicitavam tirar uma foto, o que geralmente era atendido com uma pose, riso e carinho. As *drag queens* atraem muita atenção com estilos marcantes ultra produzidas, maquiagens contrastantes, grandes e coloridas perucas, sandálias de salto alto cintilantes e objetos inusitados como um enorme guarda-sol colorido, sendo convidadas por produtores responsáveis para integrar a área elevada dos “palcos ambulantes”. De lá do alto animavam o público com gritos de guerra, danças e coreografias exibidas nos caminhões de trios elétricos, espaço de maior destaque reservado aos VIPs do evento.

É comum encontrar transformistas que também são militantes engajados nas causas do movimento LGBT. Alguns transformistas, como Eula Rochard, Jane di Castro, Rogéria com muitos anos de carreira e experiência na articulação da militância, tornaram-se parte da estratégia da manifestação justamente por serem muito interpelados pelos veículos de

comunicação para fotos e entrevistas. É no momento da fala ou do gesto que tiram proveito para pautar os assuntos de interesse para o movimento. Para acessar a maioria dos trios era necessário ter feito um credenciamento antecipado que entregava ao participante uma pulseira de identificação com cor e número indicando o carro para o qual foram inscritos.

Na arena urbana da festa, nem todos os participantes produzidos conseguem ter permissão de entrada para os trios, mas há outra habilidade que possibilita ganhar um espaço de destaque no desfile: a dança. Sem acesso ao alto do trio era possível perceber que os participantes mais habilidosos com a dança, próximos aos carros, eram convidados para compor outro espaço reservado na frente ou na traseira dos caminhões, separado por uma corda sustentada por seguranças. Neste local, espera-se que os ali presentes saibam dançar e coreografar músicas populares animando e engajando os participantes no entorno do trio a seguirem no mesmo ritmo. Tanto a foto quanto a dança coreografada exigem um nível de interação dos participantes com o evento.

1.3.2 - Deslocando significados

Atrás do último carro da Parada LGBT do Rio um grupo de ativistas fantasiados e mascarados com roupas cor-de-rosa promoviam “ataques” jogando um punhado de purpurina em cima dos participantes. Em alusão ao vandalismo tão citado na mídia meses antes, ao longo das Jornadas de junho de 2013, um grupo de ativistas elaborou uma ação para o evento denominada *glittervandalismo*¹⁵. Antes de realizar o bote gritavam para o público: “*Faz cara de medo! Olha o glittervandalismo!*” - e jogavam a purpurina, que a princípio assustava e depois arrancava muitas gargalhadas dos participantes. Uma pequena vantagem da criatividade dos manifestantes cariocas que aproveitaram o fato de ser a realização do evento após as intensas manifestações.

A característica de ações como esta é vislumbrar a sociabilidade não apenas como uma interação, mas como uma interpretação das relações coletivas em sociedade. Ao impor uma participação não só de convidados, mas também de anfitriões na ação do *glittervandalismo* mantém-se no evento uma dimensão festiva, estratégica, propondo uma modalidade de participação compreendida como convivialidade. Uma festa é um ato coletivo e político.

¹⁵ O *glittervandalismo* foi uma ação de ativistas que se intitularam *Pink Blocks*. Inspirados nos *Black Blocks* das Jornadas de Junho, que cobriam a cabeça com panos pretos, os *Pink Blocks* também se cobriam, porém com predominância da cor rosa para realizar a ação do *glittervandalismo*. O grito inicial para chamar a atenção e o consequente lançamento de um punhado de purpurina sobre o público.

Implica a participação de anfitriões e convidados, que atuam em níveis variados, como aquele que organiza, o que dança despercebido, o que toca música, o que se fantasia, importando apenas o estar-junto, a presença dos sujeitos em celebração reforçando vínculos que por meio de uma adesão dos sujeitos, numa comunhão afetiva, suprime na identificação as diferenças (MAFRA, 2008, p.72).

Reconhecido como o defensor das causas LGBT, o deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ), único deputado assumidamente homossexual no Congresso Nacional, participou do evento juntamente com o grupo de ativistas – os *Pink Blocks* - que elaborou a ação do *glittervandalismo*. Perguntado sobre o ano de muitas manifestações no Brasil e se esse fato refletiria num caráter mais incisivo politicamente nas Paradas a partir de 2013, ele me respondeu:

Acho que ela deve ter e esse movimento aqui (do glittervandalismo) é uma tentativa de que ela seja. Eu decidi esse ano não vir no trio, declinei do convite oficial de estar lá [no trio] para vir no chão, junto com as pessoas, pra trazer os cartazes, pra fazer aqui, pra gente politizar mais a Parada, né. Acho que a gente já passou da fase da afirmação do orgulho, da visibilidade. A Parada já é um evento de massa, a gente tem que aproveitar agora esse evento de massa, essa festa toda e apresentar uma pauta política, é fundamental que a Parada tenha um resultado (...) A Parada tem que ser mais que uma festa, uma festa e um evento político, então, por isso que a gente fez o glittervandalismo junto com os cartazes, para marcar essa diferença mesmo aqui. Essa é a função.

Junto com os *Pink Blocks*, outra ação também no chão da Parada acontecia. Era o BeijATO¹⁶ – grupo que se define como um coletivo transfeminista anticapitalista LGBTTTIQ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais, Transgêneros, Intersex e Queer) que atua contra o machismo, o racismo, a homo/lesbo/bi/transfobia e a normatividade. O ativista homossexual do coletivo diz que não queria apenas estar na Parada LGBT-Rio. Ele e integrantes do coletivo BeijATO estavam ali para promover, no percurso do evento, um protesto contra a falta de direito dos LGBTTTIQ expressarem afeto um pelo outro em lugares públicos, a partir da expressão do beijo com promoção de afeto. Comentou um representante do coletivo, em conversa comigo, durante o evento:

Nos outros espaços, durante nosso dia a dia, a gente não pode expressar a nossa sexualidade, nosso gênero com tanta liberdade (como na Parada LGBT-Rio). Então, seria ótimo que as pessoas que estão nesses vários carros

¹⁶ Descrição extraída de manifesto impresso distribuído na 18ª Parada LGBT-Rio.

que estão aqui, tivessem falas políticas nesse sentido para fazerem as pessoas refletirem sobre isso. Mas, se elas não fizerem, a gente está aqui pra isso. Enquanto LGBT, não temos o direito de expressar nosso afeto um pelo outro em locais públicos, porque a gente tem a possibilidade de ser agredido.

O coletivo BeijATO defende em sua página na rede social do *Facebook* o beijo como um ato de revolução:

*Nossos beijos e nossos afetos ainda ofendem muitas pessoas, ofensas essas que por vezes culminam em constrangimentos morais e violências físicas. Nosso grito e nossa reflexão nascem de uma simples pergunta: como o afeto te afeta?! Num mundo onde beijar é desrespeito, é preciso beijar! E cada beijo será uma revolução!*¹⁷

Para ele, ações como o BeijATO na Parada LGBT-Rio são necessárias em virtude da dúvida sobre a linha política do movimento que, atualmente, organiza o evento cuja a proposta é ser um espaço de manifestação da luta pelos direitos dos LGBT. Em sua opinião, a Parada LGBT - Rio está “cooptada por um movimento que não reflete a sociedade, descolada de outras pautas, de outras bandeiras”¹⁸, que atingem a comunidade LGBT. Ele cita a greve dos professores municipais no Rio e em outros municípios em 2013, assim como as manifestações e as bandeiras de reivindicações levantadas durante as Jornadas de Junho. Questionado sobre como a Parada pode fazer com que a sociedade debata mais as causas, inclusive, contra a homofobia ou sobre a polêmica “cura gay” ou políticas públicas sociais para os LGBTs, ele comentou:

*Primeiramente, a gente tem que pensar que o momento do orgulho não é só esse. Se existe uma política, essa política tem que ser implementada durante todo o ano. E não é só mostrando que somos pessoas legais. É indo nas comunidades, indo até a população, a sociedade em si, o resto das pessoas que não estão aqui e apresentar o porquê que nós viemos pra rua, quais são as nossas pautas. É o **diálogo** (grifo meu). Não adianta só uma vez por ano a gente vir pra cá.*

Sobre como deveria acontecer esse *diálogo*, ele respondeu:

Políticas públicas, mesas, espaços de discussão com pessoas que estão fazendo pesquisa sobre isso, entendeu? É fazer campanha de conscientização mesmo, que não tem durante o ano. Por exemplo, teve a Parada Gay na Maré recentemente. É importante chegar nesse espaço, dialogar com essas pessoas, entendeu? Isso é movimento de resistência que tá acontecendo. A gente tem que sair da Zona Sul, que minimamente a gente tem um pouco mais de

¹⁷ Extraído da comunidade do coletivo no Facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/pages/BeijATO/361158757321077?sk=info>>. Acesso em 07 de out. 2014.

¹⁸ Entrevista concedida no dia 13 de outubro de 2013, durante a 18ª Parada LGBT-Rio.

liberdade (...) A gente sabe de casos de pessoas que são agredidas aqui também, mas ir pra Baixada, ir pras zonas periféricas, esse espaço que é urgente. Há denúncias que tem travestis sendo assassinadas na Baixada quase uma vez por mês ou mais (...) Isso tem que ser colocado pra discussão com essas pessoas, entendeu?

O ativista também aproveita o momento da entrevista para criticar, mais uma vez, a organização do evento e a dimensão festiva que, para ele, parece caracterizar a Parada LGBT-Rio.

Se você reparar os carros que tem aqui na Parada todos são de boates gays, de um mercado gay que nem todas as pessoas têm acesso. A parada é em Copacabana que é um local na Zona Sul do Rio, e as pessoas da Baixada? Tem política pública para eles? Eu vim na Parada junto com meu coletivo para poder distribuir os folhetos e debater com as pessoas essas relações que precisam ser trazidas para cá.

Simmel chama atenção para a existência de um caráter dual das formas desenvolvidas pela dinâmica das interações sociais com a ordem social. Para o autor, o fato de as formas se desenvolverem na interação da sociabilidade significa que os atores têm condições de modificar e recriar os elementos presentes nas formas estabelecidas de um evento, preservando um grau de espontaneidade que nunca se esgota totalmente. E é por isso que, por mais que indivíduos sigam práticas sociais rotineiras e padrões institucionalizados de comportamento, ainda assim podem ressignificar as formas de interação, escapando ao controle administrativo, à regulamentação legal ou ao alcance político. “Assim, entendemos que a proposta analítica de Simmel não vislumbra a sociabilidade somente como uma categoria de interação, mas como uma forma de leitura das relações coletivas em sociedade” (SIMMEL citado por MAFRA, 2008, p.67).

Mikhail Bakhtin (2010) enxerga a própria festividade, em qualquer de suas vertentes, como uma “forma primordial, marcante, da civilização humana” onde se exprime uma determinada concepção de mundo:

O riso e a visão carnavalesca do mundo (...) destroem (...) as pretensões de significação incondicional e intemporal e liberam a consciência, o pensamento e a imaginação humana, que ficam assim disponíveis para o desenvolvimento de novas possibilidades. Daí que uma certa “carnavalização” da consciência precede e prepara sempre as grandes transformações. (BAKHTIN, 2010, p. 43)

Motivações diversas arrastam cada um dos integrantes da multidão que participa da mobilização. Mas, além de sua simples presença compor uma ação coletiva que “questiona as posições institucionais de legitimação do silenciamento da homossexualidade” (MACHADO & PRADO, 2007, p. 12), o espírito carnavalesco que o anima é o mesmo que ri de uma verdade única e aponta “para um futuro ainda incompleto” (BAKHTIN, 2010, p. 9).

O antropólogo José Guilherme Magnani, coordenador do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, ao tratar da dualidade entre a visão de que a cultura popular pode ser conservadora, ao mesmo tempo em que suas práticas descortinam indícios de resistência ao poder vigente, afirma que “o que é visto, porém, como descaracterização, muitas vezes não é senão a única ou mais adequada resposta possível diante de determinado contexto.” (1998, p.33). Nesse sentido, ainda que os ativistas percebam a presença dos trios elétricos como elementos utilizados para a propaganda paga, como por exemplo, nos *banners* afixados de divulgação de boates gays, também sobem ao palco desses mesmos trios. Ao fazer uso do microfone e dos equipamentos de som acoplados, proferem palavras de ordem que expandem não só sua voz, como também mensagens convocatórias por boa parte do desfile-mobilização. Assim, adequar elementos presentes no evento às lógicas das práticas cotidianas de uma metrópole emerge como solução possível para atrair e gerar novos debates.

1.4 - MULTIPLICIDADE DE VOZES

O painel principal, na frente do primeiro trio elétrico, estampava o lema da Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro, do ano de 2013, com o logotipo formado por seis mãos fechadas para o alto nas cores do arco-íris: “Somos milhões de vozes”. O lema também estava presente em materiais de promoção, informativos e nas camisas com um complemento: “*Poder LGBT - Power*”. De acordo com o documento Proposta de Comunicação da Parada do Orgulho LGBT, o tema expressa “Somos milhões de vozes na luta por respeito, cidadania e na criminalização da homofobia. Conceituar a Parada como legítima manifestação de cidadania e respeito. Somos milhões de vozes no Brasil, cuja constituição afirma: somos todos iguais perante a lei” (ANEXO, 2014).

A premissa enfatiza a questão quantitativa de cidadãos que reivindicam direitos civis usando uma estratégia política de identidades. A situação de discriminação¹⁹, estigmatização, não reconhecimento de direitos e a conseqüente guetificação da população LGBT, impõe barreiras que os impedem de negociar de forma igualitária os sentidos que circulam na sociedade. Quando o Estado, enquanto corpo cristalizado dos acordos sociais, não estende determinados direitos a uma parcela da população devido a sua orientação sexual, gênero ou religião, está favorecendo um processo de “invisibilização” desses atores, que têm influenciado de forma cada vez mais significativa a cultura e as instituições sociais. Colocar os atores na casa dos “milhões” apresenta e lembra a diferentes instâncias da sociedade o tamanho e a força que empoderam os grupos presentes em diversas frentes como cidadãos, consumidores, eleitores e demais papéis que desempenham cotidianamente.

Jean Wyllys comenta sobre os diferentes grupos, estigmatizados como minorias, que têm de lidar com o preconceito ao estarem reunidos em um mesmo evento:

A ideia é somar forças. Nós não queremos privilégios. Nossa reivindicação não é por privilégios. Nem nós podemos esquecer que nós temos outras posições de sujeito. Esse cartaz que eu botei “Há gays e lésbicas entre os professores”, ou seja, nós temos que ser solidários na luta dos professores, pois há muitos gays e lésbicas que são professores e enfrentam ali no cotidiano a questão do bullying homofóbico e tal. Então, é preciso abrir a pauta da Parada para o direito das mulheres, pra lutar por uma polícia de qualidade, que não seja só ostensiva e repressora, mas que proteja os direitos. (...) É preciso a gente apresentar uma pauta, nós somos um movimento social também, então é preciso ir além.

Estava presente na mesma edição deste *desfile-mobilização* Carlos Tufvesson, coordenador especial de diversidade sexual do Estado. Questionado sobre a importância do papel da Parada LGBT, Tufvesson destacou o fato de ela ter sido criada há 43 anos, em Nova Iorque, no *Stonewall*, tornando-se necessária para os cidadãos lutarem por direitos que deveriam ser concedidos, por fazer parte de conquistas já existentes na sociedade. Ele cita a reivindicação pelo casamento entre os LGBTs como um exemplo do problema de visibilidade de direitos que mesmo já pertencendo a essas construções sociais pré-existentes, precisaram se tornar uma questão fundamental na pauta da Parada:

A luta pelo casamento, ela já é nosso direito como cidadão brasileiro, mas enquanto esse direito não é respeitado, não é visível, a gente vai precisar de

¹⁹ - Pesquisa divulgada no livro *Sexualidade, cidadania e homofobia : pesquisa 10ª Parada do Orgulho GLBT de São Paulo – 2006* revelou que 67% (dois em cada três) participantes da Parada entrevistados já foram vítimas de algum tipo de discriminação por sua orientação sexual.

Paradas. Então, a Parada do Orgulho de Copacabana e todas as outras cumprem esse papel: mostrar que, como nós temos os mesmos deveres como cidadãos diante da lei, nós temos os mesmos direitos também. Então, essa pra mim é a importância da Parada. Se ela é apresentada de uma maneira com músicas e com fantasias, isso é uma identidade nossa, da comunidade LGBT tradicional. Mas, na verdade, ela tem um cunho político, reivindicatório que é muito importante e que não se pode esquecer.

Essa busca por direitos se faz presente do início ao fim do desfile da edição carioca, através das faixas e banners que ornamentam todos os 13 caminhões de trios elétricos, onde se apresentam mensagens convocatórias e esclarecedoras sobre diferentes questões que, especialmente nos últimos anos, se relacionam com o aumento de casos de discriminação e violência envolvendo preconceito. Além disso, os largos painéis laterais desses veículos apresentavam a expressão política, e as razões de existência do desfile-mobilização e suas diversas causas, com os seguintes textos:

“Não desperdice o seu poder. Junte aliados para os LGBT. Juntos podemos combater os preconceitos.”;

“Famílias unidas pelo amor e respeito à diversidade.”;

“Pelas aprovações da lei e da PEC do casamento civil igualitário. A homofobia destrói famílias.”;

“Lésbicas e mulheres bissexuais: queremos visibilidade e respeito.”;

“Estupro é crime. Não tenha medo. Denuncie. Disque 180.”;

“Por um Rio com liberdade religiosa e direitos humanos.”;

“Debater, conscientizar, dialogar, informar, somar, realizar, conhecer, compartilhar, respeitar, construir. Toda forma de discriminação deve ser combatida. Juntos em defesa da liberdade religiosa e dos direitos da população LGBT.”;

“Mais educação e oportunidades de trabalho para travestis e transexuais”;

“Ambiente saudável é ambiente sem homofobia”;

“Um lugar tão maravilhoso como o Rio não combina com homofobia.”;

“Por políticas públicas de inclusão e o combate ao ódio e preconceito.”;

“Movimentos sociais pela conquista de direitos.”.

Desta forma diversas frases, apesar de breves, expõem os problemas e preconceitos recorrentes, e disponibilizam publicamente argumentos para que ocorra um envolvimento coletivo, na busca de um debate público e uma possível transformação coletiva, assim como a própria Parada LGBT vem se transformando ao longo dos anos, se “modernizando” ao incorporar elementos pouco ortodoxos.

Complementares às estratégias que propõem visibilidade e interação, as ações comunicativas de uma dimensão argumentativa no evento propõem mobilizar um raciocínio acerca da temática (MAFRA, 2008). Disponibilizando informações e argumentos que

fomentem a importância do debate público, instaura-se um processo dialógico para que os sujeitos possam de forma coletiva chegar a acordos sobre situações que afetam a todos. Torna-se indispensável na contemporaneidade que haja a possibilidade de interlocução com diversas esferas na sociedade, um debate público com densidade argumentativa, que irá expor as razões e promover um diálogo mais enriquecedor, buscando também a posição de diversos atores.

Durante o evento de 2013, um outro ativista de 26 anos, segurava um cartaz no qual se lia: “Gay discreto é preconceito. Não à heterossexualidade como regime político”. Quando perguntado sobre o sentido dos dizeres no cartaz, e por que veio participar da Parada LGBT, relatou acreditar que, atualmente, há uma reivindicação por uma revolução sexual cuja implicação é política:

Faz alguns anos que eu não venho pra Parada, a última foi há 6 anos. Eu vinha sempre como uma forma política não como uma forma de celebrar apenas. Tudo bem já temos muito a celebrar mas as pessoas esquecem que você também precisa lutar porque a gente chegou aqui lutando. Mas diante de tanta manifestação, né, eu acho que não vai haver nenhuma revolução se não houver uma revolução sexual. E uma revolução sexual implica numa revolução homossexual para acabar com essa heteronormatividade, com a heterossexualidade virando um regime político pras pessoas dizendo o que elas têm ou não que fazer que já tá intrínseco em todo mundo.

Metaforizando um termo tomado da linguagem musical, Bakhtin delinea a ideia de polifonia como a orquestração de várias vozes que necessariamente não se fundam numa única (1981, p. 4). É isso que o jovem ativista parece querer divulgar com seu cartaz. Procura-se fugir exatamente da imposição de um “padrão de normalidade” quanto à sexualidade. E busca-se que os diversos atores sociais tenham a possibilidade de agenciar seus valores em pé de igualdade com os demais. O caráter de mobilização social presente reivindica que mais vozes sejam ouvidas e tenham o mesmo valor que as dos demais atores sociais e também questiona a condição do homossexual na sociedade.

1.4.1 – Sair do armário, autenticidade e liberdade

Objetivando chamar a atenção para a importância de dar visibilidade à causa, com a atitude individual de se assumir como LGBT, a 17ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, um entre os dois eventos que têm permissão exclusiva de fechar a principal via da cidade, a Avenida Paulista (o outro é a Festa de Final de Ano), divulgou para a edição do mesmo ano de 2013, o lema: “Para o armário nunca mais! União e conscientização na luta contra a

homofobia”. De acordo com a organização Associação das Paradas do Orgulho LGBT (APOLGBT), a justificativa do tema²⁰ foi uma forma de quebrar preconceitos à volta de quem “sai do armário” e, como uma resposta ao intenso conservadorismo observado no atual cenário político e social do Brasil, convocando uma participação geral da população no dia 2 de junho de 2013. Nesse momento, ainda não haviam surgido os protestos que se proliferaram pelas capitais brasileiras, inicialmente contra o aumento das passagens de ônibus, com diversas manifestações populares que ganharam intenso apoio. Ao afirmar “Para o armário, nunca mais!”, a Parada convoca os LGBTs para o enfrentamento, recolocando a luta como uma questão no sentido social, fazendo da opção de assumir-se gay, anunciando publicamente sua orientação sexual, como algo necessário e urgente, uma posição essencial para o exercício de sua autenticidade.

Para o filósofo Charles Taylor, a autenticidade é o ideal moral que rege a sociedade contemporânea. Ele denomina esse contexto como *individualismo de autorrealização*: cada indivíduo é convocado a tornar-se uma versão cada vez melhor de si mesmo. Os instrumentos para o autoaprimoramento deveriam ser encontrados dentro do próprio *self*. Na modernidade, há o desenvolvimento de uma ideia de *self* como um núcleo identitário interno, ao qual o indivíduo deve ser fiel.

Ser fiel a mim significa ser fiel a minha própria originalidade, e isso é uma coisa que só eu posso articular e descobrir. Ao articular isso eu também me defino. Estou realizando uma potencialidade que é propriamente minha. Essa é a compreensão por trás do ideal moderno de autenticidade e dos objetivos de autorrealização e autossatisfação nos quais são usualmente expressos. Esse é o pano de fundo que confere força moral à cultura da autenticidade, incluindo suas formas mais degradadas. Absurdas ou triviais. É o que dá sentido à ideia de “fazer suas próprias coisas” ou “encontrar sua própria realização. (TAYLOR, 2011, p.39)

Subentende-se que a partir desse cumprimento moral de “assumir-se”, desenvolvem-se todas as possibilidades de crescimento do sujeito. Esse convocatório tem açambarcado as subjetividades contemporâneas, não deixando dúvidas sobre o desperdício ou a incompletude de suas vidas ao resistir a esses chamados. Por trás de uma aparente liberdade de autoafirmação, o *seja você mesmo* torna-se um imperativo, fazendo com que, para ser feliz e valorizado na sociedade contemporânea, o indivíduo precise expressar uma espécie de

²⁰ Disponível em: <<http://www.paradasp.org.br/noticia/para-o-armrio-nunca-mais-apoglt-divulga-tema-da-17-parada.html>>. Acesso em 08 de ago. 2014.

verdade interior. Além disso, Taylor critica esse centramento no *self*, que implica um desligamento concomitante de preocupações mais amplas, sejam elas religiosas, políticas ou históricas.

Exercer a liberdade de autoafirmação e a prática convocada pelo tema do evento “Para o armário nunca mais”, não permitiu ao casal Carol e Kimberly, de 19 e 17 anos, usufruir de uma liberdade no cotidiano. Juntas há 3 anos, as participantes da edição de 2013, em São Paulo, dizem que estar ali “É muito legal, é um momento de liberdade. Aqui a gente pode ser a gente mesma”²¹. Apesar de terem decidido assumirem-se homossexuais demonstram com sua fala que usufruir da liberdade está restrito a determinados momentos, como os da Parada.

Outra participante de Goiânia, Amanda, de 23 anos, diz que embora nunca tenha sofrido violência física, são constantes os constrangimentos diários: “Na rua, o povo fica apontando, olha lá, é travesti. Todas nós travestis somos vítimas de preconceito até mesmo dentro da comunidade LGBT”. Ser travesti na rotina diária implica aceitar um desafio: o da expressão pública de sua orientação sexual que difere da maioria. Significa colocar-se em risco no julgamento alheio para exercer essa tão valorizada liberdade individual.

Atualmente as paradas são uma prática anual, com um número cada vez maior de participantes em busca de diversão, de vivenciar a liberdade, de lutar por direitos, de conhecer a diversidade existente em nossa sociedade presente neste desfile-mobilização que intenciona se apresentar colorido e reivindicatório, cujo objetivo é relembrar que LGBTs constituem a nossa sociedade e têm os mesmos direitos que qualquer outra pessoa, de exercer seu estilo de vida sem julgamentos e sem temer tornarem-se uma vítima de homofobia. Entretanto, por diversas razões, essa forma de apresentação tem sido questionada ao longo dos anos e cada vez de forma mais intensa.

²¹ Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/13120>>. Acesso em 04 de abr. 2015.

2. “SOMOS MILHÕES DE VOZES”: CONSTRUÇÃO DA MOBILIZAÇÃO E DISCURSO POLÍTICO

Partindo da aproximação com a instituição organizadora e realizadora, a ONG Arco-Íris, proponho um mergulho em parte da mobilização LGBT, mais especificamente nas reuniões de voluntariado, de onde foram pinçadas variadas questões para análise e exposição das relações que ali se estabelecem e dos sentidos produzidos por esta enunciação social coletiva, que compõe a Parada LGBT.

Durante o ano de 2014, entre palestras e reuniões com o voluntariado, houve uma média de oito encontros ao longo do ano, dois no primeiro semestre e quatro no segundo semestre, especificamente voltados para a capacitação do trabalho a ser realizado no dia do evento.

Exercitando a difícil tarefa de escrever um texto etnográfico, considera-se as singularidades das “milhões de vozes” presentes no campo, assim como a da voz da pesquisadora, além daquelas que permeiam o contexto temporal para ilustrar a construção de um desfile-mobilização e sua importância para o movimento LGBT.

2.1– BASTIDORES DE UM VOLUNTARIADO: MAPEANDO UM PANORAMA LGBT

Uma publicação em rede social do perfil Grupo Arco-Íris Perfil I convidava para um encontro no dia 4 de abril de 2014, propondo aos participantes opinar sobre o tema e pensar juntos a campanha da 19ª Parada do Orgulho LGBT – Rio 2014. Acompanhando o evento desde 2012, julguei que havia chegado o momento propício para fazer a imersão no campo, junto aos organizadores e conhecer os caminhos traçados até a realização desse grande ato público. Após o contato via telefone, explicando meus interesses de pesquisa, fui convidada a participar desse encontro sobre o tema, ou Reunião de Convivência, como são denominados os encontros promovidos na sede da ONG com diversas finalidades e temáticas, algumas delas específicas por gênero.



Figura 4: Convite para a Reunião de Convivência postado no perfil do Grupo Arco-Íris perfil I, em 2014. (Fonte: Facebook, 01/04/2014).

Apesar dos 20 anos de existência, a ONG do Grupo Arco-Íris não apresenta identificação, letreiros ou mesmo uma bandeira com as cores do arco-íris em sua fachada. A porta de madeira alta e estreita na entrada é uma das características típicas dos antigos sobrados construídos no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX. Janelas e portas com vidros ou vasadas na parte superior permitiam, naquela época, estender ao máximo o aproveitamento da luz do dia para dentro das casas. O acesso ao sobrado, em cima de uma oficina mecânica, é permitido por meio de um interfone que abre metade da porta de entrada, estreitando ainda mais a passagem, sendo necessário girar o corpo um pouco de lado para adentrar a sede da ONG. Possivelmente, um sintoma de preocupação não só com questões básicas de segurança da sede, mas principalmente com eventuais ataques de violência homofóbica contra seus frequentadores. O aumento do conservadorismo impõe portas estreitas para tempos estreitos.

Atravessando a porta, uma antiga escada de madeira permite o acesso a um pequeno corredor do segundo andar. Ao lado da janela, com vista para a rua, fica uma folheteria com material informativo e preservativos femininos e masculinos de distribuição gratuita. A única porta é a da sala principal. Nesse dia, o ambiente estava preparado para a reunião: cadeiras enfileiradas de frente para a tela de um projetor, uma mesa com lanche, panfletos e jornais informativos. Parte da sala é separada por uma divisória de vidro onde funciona uma recepção. Há um espaço no vidro denominado “Árvore de Poemas do Grupo Arco-Íris”

dedicado a poemas escritos por frequentadores. Cartazes sobre prevenção de AIDS e campanhas de conscientização estampam parte da parede.

Fui recebida por um dos representantes, um pouco antes do horário da reunião do dia, que conversou comigo sobre meu interesse de pesquisa e se prontificou a colaborar compartilhando dados e informações necessárias ao desenvolvimento do trabalho. Decidi ficar como voluntária para imersão na observação participante e experimentar a convivência no grupo de voluntários.

Os representantes da ONG e da agência de comunicação contratada para o desenvolvimento de toda a assessoria de imprensa e campanha publicitária da Parada se apresentaram e solicitaram que cada participante se apresentasse dizendo por que gostaria de participar do evento. Entre os quinze participantes presentes, havia membros da comunidade LGBT que atuaram como voluntários em anos anteriores, a pesquisadora como única participante pela primeira vez e ativistas de outros grupos que disseram buscar ali um modo de aprender a implantar a logística do evento para organizá-lo em sua região.

Seguiu-se uma explicação sobre a realização e funcionamento do evento (que será mais detalhada em outro item), informando que o objetivo geral é difundir uma visão política. Foi citado que “pesquisas encomendadas pelo Grupo à UERJ²² realizadas em 2012, apontaram que a maioria do público que vai à Parada entende que aquele é um ato político, muito embora haja pessoas que vão esperando uma festa.”. Enfatizou-se que a razão de as pessoas estarem presentes não era o mais importante e sim a participação delas.

O histórico das Paradas do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro foi apresentado oralmente e por meio da exibição de imagens das peças de campanhas publicitárias realizadas projetadas no telão. Destacou-se o ano de 2004²³, quando um renomado artista gráfico, Gringo Cardia, idealizou a campanha com o tema “O direito de amar quem quiser. União Civil Já!” que obteve grande repercussão midiática. Segundo a descrição no sítio da ONG, “a

²²A pesquisa “Mobilização, violência e políticas LGBT” questionou cerca de 600 participantes na 17ª Parada, em 2012, buscando traçar um perfil mais detalhado dos frequentadores do evento e identificar o nível de conhecimento de LGBTs sobre seus direitos, serviços de atendimento e políticas públicas envolvendo a população LGBT, seus amigos e familiares. Realizada pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos – Clam e solicitada pela SuperDir e pelo Grupo Arco-Íris. Abordou temas como a vitimização, experiências de discriminação e mobilização política da população LGBT do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.estatutodiversidadeseaxual.com.br/2012/11/parada-lgbt-de-copacabana.html> Acessado em 19.07.2015.

²³Em 2004, também no mês de junho, foi lançado o Programa Brasil Sem Homofobia.

ideia foi reunir fotografias de celebridades e pessoas comuns a partir dessa perspectiva igualitária.”.

Na sequência, foram também projetadas as imagens da campanha Rio Sem Preconceito 2014, lançada pela CEDS - Rio, com o tema “Beijinho no Ombro e Rala Preconceito”, durante o carnaval desse ano, com a participação da funkeira Valesca Popozuda no vídeo de divulgação. As fotos exibiam a abordagem da equipe junto aos blocos carnavalescos ou a pedestres, distribuindo ventarolas e camisinhas durante os dias de folia carioca. Uniformizados com camisas de cores fortes e dizeres como “Você não precisa ser *trans/lésbica/negro/mulher* para lutar contra a *transfobia/lesbofobia/racismo/machismo*”, o grupo circulava com grandes balões presos a uma haste rígida, onde era possível ler “Aids não tem cara e não tem cura. Use camisinha”. tendo como alvo principal os jovens que, segundo o boletim epidemiológico do ministério da saúde, são o grupo com maior índice de contágio nos últimos cinco anos, sendo nos dois últimos anos, os jovens LGBTs. Durante a abordagem, a equipe explicava que essa campanha visava ao incentivo de uso do preservativo, lembrando que não existe “grupo de risco”, mas sim “comportamento de risco”, tal qual ocorre durante a ação nos dias de realização da Parada LGBT. A mudança enunciativa visou evidenciar que qualquer pessoa com práticas sexuais inseguras pode se infectar pelo HIV, tendo como fim dissociar a infecção pelo HIV de grupos, como homossexuais, o que trouxe discriminação e estigma no início da epidemia da Aids (PAIVA, 2000, p.27). Outra pesquisa, quantitativa, realizada pela Faculdade de Turismo e Hotelaria da UFF, “O perfil e o impacto econômico do turista LGBT no carnaval do Rio de Janeiro – 2014”, foi apresentada, descrevendo o perfil psicodemográfico do público LGBT no carnaval carioca.

Foi mencionado o receio de uma aproximação de candidatos a cargos políticos com a ONG durante o período de construção do evento. Alguns oferecem apoio durante a realização, mostram simpatia com questões relativas à causa LGBT buscando partilhar da visibilidade que o evento promove e fazer campanha junto à comunidade LGBT. Entretanto, relatos e experiências anteriores apontaram que, muitas vezes, quando eleitos, pouco se empenham em construir políticas públicas nesse sentido. Como medida preventiva, a ONG pretende fazer uma carta-compromisso com os candidatos que desejarem participar para que, assim, possam ter um instrumento assinado para cobrar as medidas propostas.

Encerrado o momento das apresentações de histórico e dados, foi proposta uma atividade ao grupo para mapear o cenário LGBT na contemporaneidade: “Pensando nos

avanços e desafios que o movimento LGBT tem passado nos últimos tempos, vocês devem listar num papel, questões do cenário atual que se relacionem com as categorias que irei explicar.”- disse o representante. Um arquivo de *Word* foi aberto no telão com as seguintes categorias: 1) **Fortalezas**, relacionadas a questões internas ao movimento LGBT; 2) **Oportunidades**, relacionadas a questões externas ao movimento LGBT; **Fraquezas**, relacionadas a questões internas ao movimento LGBT e 4) **Ameaças**, relacionadas a questões externas ao movimento LGBT. Como exemplo, foi incluída a questão “Grupos políticos conservadores com discurso e incentivo de práticas discriminatórias” digitada logo abaixo da categoria **Ameaças**. E a partir de então cada um preencheu os demais aspectos individualmente, durante o tempo concedido. Ao término, cada participante foi convidado a ler os itens que listou em cada categoria, ditando para o condutor da reunião digitar no teclado, construindo o exercício com o acompanhamento visual de todos por meio do telão. Houve algumas poucas intervenções do condutor da reunião para ajustar o enquadramento de algumas sugestões. Como pesquisadora, preferiria não fazer intervenções no esquema construído, mas, como voluntária, eu também havia concluído o exercício. Por sorte, fiquei por último e todas as questões que eu havia elaborado já haviam sido citadas. Pelo avanço do horário, que ultrapassava as 22 horas e contava com poucos participantes, a reunião foi encerrada e a conclusão do exercício ficou para o próximo encontro, agendado para a semana seguinte.

Todos assinaram uma lista de presença, informando dados de contato como telefone e *e-mail*. Foi entregue uma ficha para cadastro de voluntário do evento com um informativo sobre cópias de documentos como comprovante de residência e uma foto, que devem ser entregues para oficializar o trabalho voluntário junto à instituição.

A segunda parte para a conclusão do exercício de mapeamento dos avanços e desafios do cenário LGBT continuou na semana seguinte, com quatorze participantes. Todas as frases das questões sugeridas em cada uma das quatro categorias foram impressas e recortadas individualmente em tiras de papel. As tiras foram distribuídas entre os participantes de forma aleatória. A dinâmica da atividade era reduzir os itens da relação que estava muito extensa, agrupando questões semelhantes em um único tópico. O condutor da reunião solicitava que cada voluntário lesse as frases recebidas e junto com o grupo orientava as similaridades para resumir o quadro construído para um número de itens mais conciso em cada categoria. Ao

final do exercício, um quadro geral de Análise SWOT²⁴ para mapeamento do cenário LGBT contemporâneo, com as questões de todos os participantes agrupadas por categoria, como representado abaixo.

Quadro 1: SWOT apresentado na 1ª reunião de voluntários

Fortalezas (internas)	Oportunidades (externas)
<p>1 Realização de diversas Paradas em locais diferentes;</p> <p>2 Apoio de famílias de LGBTs – mais esclarecimento;</p>	<p>3 Apoio de celebridades (atores, cantoras, apresentadores de TV, atletas, etc.);</p> <p>4 Meios de comunicação com mais representação do público LGBT;</p> <p>5 Ano de muitos eventos no RJ, ampliar participação da causa LGBT – forte visibilidade, patrocínio e apoio;</p> <p>6 Ano de eleições com possibilidade maior de apresentação das reivindicações LGBT;</p> <p>7 Expressão e informação sobre causa LGBT nas redes sociais;</p>
Fraquezas (internas)	Ameaças (externas)
<ul style="list-style-type: none"> • Percepção distorcida das características festivas das Paradas; • Baixa adesão e conscientização política; • Poucos voluntários; • Falta de verba; • Pouca mobilização da comunidade; 	<ul style="list-style-type: none"> • Grupos políticos conservadores com discurso de incentivo a manifestações de práticas discriminatórias (Parada Hétero, Marcha da Família...); • Grupos “justiceiros” que agem com violência e dentro de regras próprias; • Não reconhecimento de direitos já conquistados²⁵; • Queda da Lei Estadual 3406/00 de discriminação em local público²⁶.

²⁴ Análise SWOT ou Análise FOFA ou FFOA (Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças, em português) é uma ferramenta da área de Marketing utilizada para monitorar cenários (ou análise de ambientes) internos e externos, formando uma base para gestão e planejamento estratégico de uma corporação ou empresa. (KOTLER, 2006). O item Forças foi nomeado no campo de pesquisa como Fortalezas, mantendo o mesmo sentido.

²⁵ Prática de alguns juízes que se negam a cumprir a realização do casamento civil no cartório, por exemplo.

²⁶ Em junho de 2015, uma nova lei, a 7041/2015, foi aprovada estabelecendo infrações administrativas a condutas discriminatórias motivadas por preconceito de sexo ou orientação sexual, praticadas por agentes públicos e estabelecimentos localizados no Estado do Rio de Janeiro, ou que discriminem pessoas em virtude de sua orientação sexual.

<ul style="list-style-type: none"> • Crises e conflitos entre partidos e causa LGBT; • Ativistas eleitos para cargos políticos sem deixar substitutos; 	
--	--

O cenário LGBT mapeado, informou o representante, servirá de base para as reuniões entre a ONG e a agência de comunicação para a definição do tema de 2014.

Questionados sobre a definição de data, os organizadores informaram que as primeiras reuniões com a Prefeitura do Rio para entrega do projeto da Parada LGBT ocorreram em março. Como todo evento que envolve um público muito grande e implica o fechamento e mudanças em ruas de grande tráfego em direção à orla de Copacabana, é necessário aguardar a autorização de todos os órgãos envolvidos como Corpo de Bombeiros, Polícia Militar além da própria Prefeitura. Considerando que 2014 é um ano de realização da Copa do Mundo no Brasil em junho, e de eleições em outubro, a data solicitada pela organização está prevista para setembro. Essa, disseram, é uma decisão pensada estrategicamente para alcançar uma maior visibilidade para as pautas da manifestação LGBT, após o fim da competição da Federação Internacional de Futebol (FIFA), quando já estarão encerradas as atrações paralelas relativas ao evento na cidade, e antes do mês das eleições, quando os candidatos estão em campanha eleitoral e mais dispostos a se posicionar sobre diversas questões, o que faria com que se comprometessem mais, possivelmente assinando a carta-compromisso com as causas LGBT. Além disso, esse período é mais favorável à disponibilidade de suporte com recursos financeiros da Prefeitura, pois há um temor em relação ao fato de que, como é comum em anos de eleição, surjam imprevistos e a verba seja direcionada para outras necessidades da cidade.

Diante de seu papel determinante para construção do tema, o quadro da análise SWOT, formado pelas questões apontadas pelos próprios voluntários e enquadradas nas categorias pré-determinadas, será apropriado na pesquisa como um “pacote interpretativo” para o desenvolvimento das análises dos dados observados no contato direto com os agentes sociais, materiais de comunicação elaborados e notícias referentes ao panorama LGBT e, especialmente, sobre a Parada do Orgulho LGBT – Rio.

2.1.1 – Contexto político brasileiro de 2014

A divulgação do último capítulo da novela das nove, “Amor à vida”, quando aconteceria o beijo entre o casal homossexual dos personagens Fred e Niko, Matheus Solano e Thiago Fragoso, gerou grande repercussão do tema antes, durante e depois de sua veiculação em todas as mídias e, conseqüentemente, no cotidiano. No momento em que a cena do beijo de paixão, com enquadramentos em close, foi ao ar no dia 31/01/14, de dentro da minha casa, na zona norte, pude ouvir palmas e gritos de torcida vindos das janelas vizinhas, equivalentes aos de uma comemoração de gol da seleção brasileira em mundiais. A emissora gravou três versões para a cena com níveis diferentes de intensidades de beijo. Havia boatos de que a cena poderia não ser veiculada ou, caso fosse, poderia ser apenas mais um “selinho”, o que só aumentou a expectativa do público, por conta das práticas escolhidas em produções similares do passado da Rede Globo. Por fim, a cena do beijo de intensidade média foi a definida pelo autor para ir ao ar. O envolvimento amoroso dos personagens reverberou em uma positiva reação da opinião pública, e, diferente do planejado no roteiro inicial, tornou-os o casal protagonista da trama. No dia seguinte, reportagens em bares e áreas públicas onde grupos de amigos e famílias se reuniram para assistir ao último capítulo, também foram pauta de diversos programas e jornais. Em meio a tanta repercussão, entre duras críticas de grupos conservadores e aclamações de grupos liberais pela veiculação da cena, a emissora justificou o desfecho escolhido enviando um comunicado geral à imprensa:

Toda cena de novela é consequência da história, responde a uma necessidade dramática e reflete o momento da sociedade. O beijo entre Félix e Niko selou uma relação que foi construída com muito carinho pelos dois personagens. Foi, portanto, o desdobramento dramático natural dessa trama. A pertinência desse desfecho foi construída com muita sensibilidade pelo autor, diretor e atores e assim foi percebida pelo público. É importante lembrar que o relacionamento homossexual sempre esteve presente nas nossas novelas e séries de maneira constante, responsável e natural. A cena esteve de acordo com essa premissa e com a relevância para a história²⁷. (GLOBO, 2014)

As camadas conservadoras são formadas também por evangélicos que, segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010 somavam 42,3 milhões de pessoas, um número equivalente à população do estado de São Paulo. Uma numerosa expressão, dos mais diversos partidos, se mostra presente no Congresso Nacional, representados pela Frente Parlamentar Evangélica (FPE). Apesar de todas as declarações

²⁷Disponível em : <http://kogut.oglobo.globo.com/noticias-da-tv/audiencia/noticia/2014/01/com-beijo-gay-ultimo-capitulo-de-amor-vida-marca-44-pontos.html>. Acessado em: 20 jul. 2015.

homofóbicas e crises instauradas ao longo do mandato em 2013, os parlamentares da FPE²⁸ seguiram no ano de 2014 com a intenção de continuar na liderança da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara, desta vez com o deputado Jair Bolsonaro (PP-RJ), sucedendo o deputado e pastor Marco Feliciano, que por muito pouco, não obteve êxito na eleição votada em 26 de fevereiro para o cargo²⁹.

Outra disputa, no mesmo período, acirrou campanhas políticas nos meios de comunicação, com a criação da enquete no Portal da Câmara dos Deputados, para conhecer a opinião dos cidadãos solicitando que respondessem “sim” ou “não” ao questionamento “Você concorda com a definição de família como núcleo formado a partir da união entre homem e mulher, prevista no projeto que cria o Estatuto da Família?”³⁰. A polêmica sobre o “conceito de família” vinha sendo discutida desde fevereiro de 2013, quando a PL 6583/13³¹, proposta por um deputado da bancada evangélica, entrou em análise na câmara dos deputados. Em julho de 2015, a enquete encontrava-se em vigor, com mais de 10 milhões de votos e resultado parcial em equilíbrio (51% votaram não contra 48% votando sim). Mesmo não tendo um valor de referendo, os deputados creem que o resultado pode ser utilizado como argumento para o avanço do projeto de lei.

²⁸ Frente Parlamentar Evangélica, ou “bancada evangélica”, é uma frente parlamentar do Congresso Nacional do Brasil composta por políticos evangélicos de partidos políticos distintos, que em números absolutos representariam o terceiro maior “partido”, sendo superado apenas pelo PMDB e PT. No sítio oficial da organização, apresentam-se como “uma associação civil, de natureza não-governamental, constituída no âmbito do Congresso Nacional e integrada por Deputados Federais e Senadores da República Federativa do Brasil”. O grupo se articula contra temas como igualdade racial e de gênero, direito ao aborto, eutanásia e casamento entre pessoas do mesmo sexo, além de também se opor à criminalização da violência e discriminação contra LGBTs e de castigos físicos impostos por pais aos filhos. A FPE investiu com veemência em ações e articulações políticas a serem executadas no sentido de derrubar resoluções do Conselho Federal de Psicologia (CFP) que impedem que psicólogos tratem a homossexualidade como uma doença, apesar da decisão do CFP estar de acordo com a resolução de 1990, da Organização Mundial da Saúde (OMS), que retirou a homossexualidade da lista de distúrbios mentais. Também buscam a aprovação do Estatuto da Família, que restringe o conceito de família, discrimina LGBTs e regulamenta a heteronormatividade no Brasil. Disponível em <http://www.fpebrasil.com.br/portal/>. Acessado em: 20 jul. 2015

²⁹ Disponível em: <http://www.brasil247.com/pt/247/poder/131580/Petista-vence-Bolsonaro-e-vai-comandar-CDHM.htm> Acessado em 20 jul. 2015

³⁰ Portal da Câmara dos Deputados com enquetes ativas. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/enquetes/listaEnquete?grupoEnquete=enquete%20agencia>. Acessado em 20 jul 2015.

³¹ A proposta dispõe sobre a promoção de políticas públicas que valorizem a instituição familiar, por meio da criação do Estatuto da Família, definindo família como o núcleo formado a partir da união entre **um homem e uma mulher**, por meio de casamento, união estável ou comunidade formada pelos pais e seus descendentes. Propõe entre outras providências a celebração do “Dia Nacional de Valorização da Família” nas escolas públicas e privadas com a promoção de atividades no âmbito escolar que fomentem as discussões contemporâneas sobre a importância da família no meio social e que seja incluída no currículo escolar a disciplina “Educação para família”.

Muitas demandas acabam sendo concretizadas dentro da ideologia da bancada evangélica, pela força que exercem dentro do Congresso. Do ponto de vista da lógica política, manter as grandes igrejas na base aliada é um fator importante para o sucesso da empreitada eleitoral de qualquer governo.

Há certamente consequências no estabelecimento dessas alianças, como no caso do governo russo que aliado à Igreja Ortodoxa Russa proibiu em junho de 2012 *a realização de marchas do orgulho gay pelos próximos cem anos* (grifo meu)³². Em 2013, instauraram as chamadas “leis antigays” vetando a “propaganda de relacionamentos sexuais não tradicionais”, com previsão de multas e até a prisão de quem as descumprisse. Em fevereiro de 2014, com a visibilidade proporcionada pelas Olimpíadas de Inverno que aconteceram em Sochi, diversos protestos ao redor do mundo pressionavam os patrocinadores das Olimpíadas a se manifestarem contra a violência homofóbica na Rússia. Contudo, Thomas Bach, presidente do Comitê Olímpico Internacional, alertava que “Manifestações de atletas não serão toleradas. Os Jogos não podem ser usados para atos políticos mesmo que as causas sejam justas”³³. Somado ao cenário vigente no país, confirma-se uma completa omissão do Estado em casos de ataques homofóbicos o que, ao mesmo tempo, o torna cúmplice desses atos de violência.

2.1.2 - Disputas e discursos no espaço público

Em meio a um ano atípico de muitas intervenções em calendários, trânsito e rotina da cidade, foram mantidas algumas atividades específicas do movimento LGBT, apesar das muitas manifestações articuladas por associações, sindicatos, partidos políticos, entre outros, com as mais diversas temáticas. Passeatas contra a realização da Copa do Mundo no Brasil, contra a FIFA, contra o governo federal do Partido dos Trabalhadores (PT), contra a corrupção, contra o casamento gay, greves de classes de trabalhadores, passeatas contra o resultado das eleições e a favor de um impeachment, marcaram principalmente o primeiro semestre de 2014.

³² Disponível em http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=2597654&seccao=Europa Acessado em 20.07.2015

³³ Disponível em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2014/01/coi-punira-protestos-de-atletas-contra-lei-antigay-russa-durante-jogos-de-inverno-4402419.html>. Acessado em 27.07.2015

Nas capitais que receberam jogos do torneio, como São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Rio de Janeiro, os protestos foram intensos e com grande adesão da população motivada pela insatisfação com os altos gastos de verba pública destinados à realização da Copa do Mundo, além das desapropriações para obras e a falta de infraestrutura para os cidadãos em todo o Brasil. Em 7 de junho, a uma semana do início dos jogos, diversas categorias de trabalhadores, alguns em greve, como professores estaduais e municipais, ou em vias de decidir uma paralisação, como garis, rodoviários, vigilantes e funcionários da Companhia Estadual de Águas e Esgotos (Cedae) realizaram manifestações fechando diferentes vias importantes da capital do Rio de Janeiro. O ato causou um verdadeiro caos no tráfego de diversos bairros do centro à zona sul, alcançando uma expressiva visibilidade nas mídias eletrônicas e digitais.



Figura 5: Manifestantes exibem a faixa com a frase “Tem dinheiro pra Copa, mas não tem pra salário, moradia e educação! Todo apoio às greves dos trabalhadores”. (Fonte: Agência Brasil, 19/05/2014³⁴).

Convocada pelas redes sociais, assim como outras mobilizações, a “Marcha da Família com Deus pela liberdade”, ocorrida em São Paulo, no mês de março, protestava contra o governo do Partido dos Trabalhadores e pedia a volta dos militares ao poder, alegando que essa era a melhor forma de acabar com a corrupção e moralizar o país, conforme demonstrado por um manifestante que dizia que “o país está perdendo os seus valores e indo para o ralo. Não podemos suportar isso. Queremos resgatar os valores com os militares no poder³⁵”. O ato é uma reedição do evento de mesmo nome ocorrido em 19 de março de 1964, poucos dias

³⁴ Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-05-19/manifestacoes-de-rua-mudaram-habitos-e-opinioes-dos-brasileiros.html>. Acessado em 19.05.2015

³⁵ Disponível em: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2014-03-22/veja-imagens-da-marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-sao-paulo.html>. Acessado em 28.07.2015.

antes do Golpe Militar, quando parte da elite paulistana e da classe média protestava contra a “ameaça comunista”, representada pelo então presidente João Goulart. O público foi estimado pela polícia militar em cerca de mil pessoas, embora os organizadores afirmem que foram 3 mil participantes.

Organizada pelo Conselho de Ministros Evangélicos do Estado do Rio de Janeiro (Comerj), presidida pelo pastor Silas Malafaia, irmão do deputado Samuel Malafaia pertencente à bancada evangélica, a “Marcha para Jesus” faz parte do calendário oficial de eventos da cidade do Rio de Janeiro, desde 1998. Patrocinada pela Prefeitura desde 2012, a edição de 2014 ocorreu em maio, com o tema “Pela Família, pelo Brasil e contra a Corrupção” e os participantes marcharam da Central do Brasil até a Cinelândia, no Rio de Janeiro, onde um grande palco estava preparado para o encerramento com shows de famosos cantores gospel. Acompanharam o trajeto da marcha evangélica oito caminhões de trios elétricos, e no carro principal estavam o senador Magno Malta, o deputado Jair Bolsonaro, o pastor Everaldo e o presidente da Câmara Eduardo Cunha, além do pastor Silas Malafaia, que proferiu um discurso em defesa do Estatuto da Família, que “protegeria” o formato de família tradicional formada por um homem e uma mulher, contra a realização do aborto e do casamento gay.

Há uma enorme semelhança no formato da Marcha para Jesus com o das Paradas LGBT, não apenas pela dinâmica de uso de trios elétricos com músicas em ritmo bem animado cercados de fiéis, mas também nas similaridades de caracterizações do público com pinturas no rosto, chapéus divertidos, cornetas, apitos, danças e coreografias. O público chega ao local da concentração (que pode variar de acordo com o trajeto definido para cada ano) em caravanas organizadas, em ônibus de turismo, e grande parte uniformizada com a camisa oficial da marcha, sustentando faixas com mensagens religiosas e contra a corrupção. É possível encontrar algumas mensagens que circulariam igualmente por uma Parada LGBT como “Sou Madureira, com muito orgulho, com muito amor”, exaltando o bairro de onde procede a caravana. Mesmo em anos nos quais não há Copa do Mundo, o tema usualmente cita o termo “pelo Brasil”, incentivando na marcha o uso de bandeiras brasileiras e a predominância das cores verde e amarela, que nas Paradas não costumam ser tão uniformes, mas ambas possuem um público que investe muita alegria, produzindo um clima carnavalesco, de diversão, em prol de uma ideologia.

Também em maio, promovida pela ABGLT em todo o país, e realizada pela Superintendência de Educação Ambiental da Secretaria do Estado de Ambiente (Seam/SEA), por meio do projeto Ambiente Saudável Sem Homofobia, a “V Marcha Nacional contra a Homofobia” trouxe para a orla de Copacabana a homenagem ao dia 17 de maio, “Dia Internacional de Combate à Homofobia”. Durante a caminhada, agressões homofóbicas foram encenadas sobre a bandeira do arco-íris e entoadas frases pedindo o fim do preconceito. Com distribuição de material informativo sobre a diversidade e serviços públicos de denúncias e atendimento, ao fim da caminhada foram fincadas cruzeiras em um trecho das areias da Praia de Copacabana, simbolizando as vítimas fatais de crimes homofóbicos.

No mês das partidas da Copa, uma grande arena popular, o *Fifa Fun Fest*, funcionou no período de 12 de junho e 13 de julho de 2014, na altura da Avenida Princesa Isabel, em Copacabana, para que o público pudesse assistir em grupos, gratuitamente, a transmissão dos jogos da seleção brasileira via telão, além da oferta de outras atividades culturais. Ali adiante, em um dos principais pontos de encontro de LGBTs, na Praia de Ipanema, as bandeiras do arco-íris, conhecidas por definir o Posto 8, desapareceram no dia 23 de junho³⁶. A decisão foi tomada pelos donos dos quiosques da orla, que com o aumento da circulação de turistas na região, concluíram que estariam perdendo a clientela heterossexual para os concorrentes durante a Copa do Mundo. A atitude gerou reclamações e boicote dos frequentadores fiéis que consumiam ali há anos. Ativistas intervieram para tentar reverter a situação que ao longo de todo o ano se manteria num clima de mal-estar, mesmo com a reposição das bandeiras. A ocasião de muitos eventos, compreendida no cenário contemporâneo como uma oportunidade para ampliar a participação na causa LGBT, com a forte visibilidade da cidade apresentada como a que possui o destino gay mais popular do mundo, na prática, não se mostrou efetiva. Ao contrário, aponta que se em tempos passados houve um reconhecimento de um público LGBT com potencial consumidor, atraído pelas bandeiras de sua representação em um espaço de lazer, a realização da Copa do Mundo e outros eventos no Rio não impediram que se impusesse um cenário de escolha: manter os símbolos de representação LGBT, e a clientela habitual *ou* recolher as bandeiras do arco-íris, para aproximar uma clientela supostamente mais promissora em consumir no mesmo local, ainda que temporariamente.

³⁶ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/barraqueiros-retiram-bandeiras-lgbt-da-praia-de-ipanema-durante-copa-do-mundo-13112741>. Acessado em 19 jul 2015.

A compreensão de uma oportunidade de ampliação da participação na causa LGBT, como classificada na análise feita com o grupo de voluntários, advinda de uma época de muitos eventos, não só se mostrou inexistente e ameaçadora à espaços já conquistados como redutora do número de membros apoiadores.

Em junho, duas informações importantes foram publicadas no perfil do Grupo Arco-Íris: a definição de data de realização da Parada e a programação das homenagens ao Dia Internacional do Orgulho LGBT.

O anúncio com o texto “Atenção: data oficial da 19ª Parada do Orgulho LGBT Rio 2014 em Copacabana 14.09.2014”, ainda sem definição do tema. Alguns comentários logo abaixo da publicação demonstravam insatisfação com a coincidência de datas com a realização de outras Paradas, como as de Nova Iguaçu e Magé. Entretanto, o passar dos meses nos mostraria que nenhum dos três eventos se manteria nas datas previamente divulgadas.

Celebrando o 28 de junho, Dia Internacional do Orgulho LGBT, foi publicado um convite: “Faça uma foto, sozinho, com @ namorad@, amig@s, parentes, com quem você quiser, com a frase: #EuTenhoOrgulhoLGBT. Nos envie que iremos postar no *Facebook* do #GrupoArcoIris”. Muitas fotos de casais ou de uma pessoa com cartazes, montagens editadas com a frase sugerida, acompanhada de outros ícones românticos ou animados, foram publicadas. Alguns registros de uma pequena homenagem com bandeiras e cartazes feita pela ONG, na Praia de Copacabana, também eram visualizados na página. O evento mais expressivo em memória aos 45 anos dos *acontecimentos de Stonewall* estava agendado para o dia 2 de julho, uma quarta-feira. O “Ato Show Orgulho LGBT” reuniu artistas, cantoras, ativistas, *drag queens*, personalidades ícones do segmento LGBT e simpatizantes, que caminharam em uma passeata pelas ruas da Lapa, com bandeiras do arco-íris em punho, parando o trânsito e fazendo poses no asfalto com suas habilidades artísticas. Apesar de vivenciarmos uma época de ações conservadoras, na contramão da garantia dos direitos humanos e da garantia dos espaços democráticos, é possível e necessário expressar o orgulho, e não a vergonha, de assumir publicamente a sua orientação sexual e identidade de gênero (GRUPO ARCO-ÍRIS, 2014).

A passeata fez uma pausa na área dos Arcos da Lapa para que o flamejar das bandeiras juntas e a própria concentração de pessoas, num horário de forte fluxo do trânsito, comum no início da noite, empregasse maior visibilidade ao ato. Pedestres, comerciantes e comunidade

local empunhavam seus celulares para registrar e pedir fotos com os artistas, *drag queens* e suas bandeiras. O ato seguiu até o Bar Sinônimo, na Lapa, onde encerrava-se a caminhada e iniciava-se o momento da festa, que comemorava também os 21 anos do Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBT. Um quilo de alimento não perecível era o custo da entrada no local que estava especialmente decorado com as cores e bandeiras da diversidade para a programação com shows e apresentações dos artistas.

Um grupo da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos, do governo federal, apresentou no local da festa a campanha “Discriminação é gol contra!” iniciada durante a realização dos jogos mundiais, buscando sensibilizar os indivíduos a exercerem uma atitude cidadã, não discriminatória, e com orientações para denúncias em casos de discriminação. A celebração seguiu com apresentação de representantes da ONG lembrando o histórico da data, o trabalho desenvolvido e a importância de continuar na luta contra a intolerância que ainda predomina no Brasil e, conseqüentemente, viola direitos humanos da população LGBT. O representante da ONG, ativista da causa gay desde a década de 80, cita suas impressões³⁷ do evento:

Esse encontro foi tão mágico e estimulante que me motiva a tantas coisas, a primeira é agradecer a todos (...) que saíram de suas casas com sentimento para festejar o encontro. De festejar o trabalho, de festejar a possibilidade de ser digno. Todos com seus figurinos onde propunham uma possibilidade de identidade progressista e única. (...) Sim, foi uma caminhada para a vida através da arte. Novamente a arte transformista é um grande exercício de generosidade. O viver artista pode ser também uma grande arrogância do se sentir diferente do outro, mas a arte transformista é um pop sem pretensão. Sem sentimento do ser melhor, mas com toda certeza é uma generosidade das cores. Muitíssimo obrigada a todos vocês que alimentam essa realidade LGBT que acredito, o resto se esbarra no discurso binário dos héteros e isso é cansativo. Nada representa melhor esse movimento do que as cores desse arco-íris.

O ato em forma de uma caminhada se assemelha com as possibilidades causadas pelas práticas de visibilidade nos dias da Parada, como citado pelo ativista, proporcionando aos integrantes daquele momento um espaço físico e temporal no qual podem exercer sua própria identidade. Um caminhar que por meio da arte se expressa livremente, tornando-o também um ato cidadão e político.

³⁷ Entrevista de representante do Grupo Arco-Íris concedida para a Revista S!, Ano XII, nº143, jul 2014.



Figura 6: Artistas e ativistas no Ato Show Orgulho LGBT em 2014. (Fonte: Facebook, postado por Grupo Arco-Íris perfil I, 05/07/2014).

Coroando o encerramento do Mês do Orgulho LGBT, o horário nobre da televisão veicula uma nova trama, a novela “Em Família”, que no capítulo do dia 30 de junho, dramatizou o beijo gay do casal de lésbicas Clara e Marina, interpretados pelas atrizes Giovanna Antonelli e Thainá Muller. Uma nova repercussão tomou matérias e portais de entretenimento com expressivos comentários de fãs que nas redes sociais usam a *hashtag*³⁸ #clarina³⁹, uma mistura dos dois nomes dos personagens, para mostrar apoio e aprovação dos fãs. A ONG publica a matéria sobre o capítulo com a cena do beijo em seu perfil, adicionando outras *hashtags* #BeijoLésbico #AmorLésbico #BeijaréBom #28deJunho #OrgulhoLGBT #19ºParadaLGBTRio #GrupoArcoIris.

Iniciando o segundo semestre de 2014, entre manifestações, Copa do Mundo e campanha eleitoral, um resultado inesperado: na partida de 8 de julho, a seleção brasileira de futebol perdeu o jogo contra a equipe alemã, com o placar final de 7 X 1. O clima de euforia dos jogos começa a se desfazer na cidade. No dia 12, perde novamente, com o placar de 3 X 0 para a Holanda, classificando-se em 4º lugar geral no mundial. Após dois meses incomuns na

³⁸ A *hashtag* é um termo, palavra ou frase precedida do símbolo (#) em publicações de redes sociais. Ao inserir uma *hashtag* automaticamente ela se torna um *link*, que redireciona para uma página que concentra publicações que usaram o mesmo termo. Dessa forma, é possível assinalar que a publicação é parte de um contexto, de uma discussão maior.

³⁹ Derivado da palavra inglesa *relationship*, shipar é um termo abrigado para a junção dos nomes de um casal formando um novo nome, que se torna um tipo de apelido. Significa apoiar a união de um determinado casal, sejam personagens da ficção ou mesmo reais.

rotina do Rio, o foco dos assuntos cotidianos se volta para o cenário político e seus desmembramentos.

Aproveitando o momento de campanha, o Grupo Arco-Íris e o Fórum ONG/Aids do Estado do Rio de Janeiro colocaram em pauta a reivindicação de continuidade nas ações de prevenção à Aids e de tratamento dos infectados com o vírus HIV, de forma inusitada. O Obelisco de 28 metros de altura, na Avenida Rio Branco, no centro, foi coberto por uma enorme capa branca em formato de camisinha, onde era possível ler “Ética do Cuidado” em letras pretas. Representantes do movimento LGBT “vestiram” o monumento após serem suspensos por um guindaste. O ato teve o objetivo de incentivar o uso de preservativos e conscientizar a população sobre os riscos de doenças sexualmente transmissíveis, em especial a Aids por ter sido registrado crescente aumento de casos.

Reunindo cerca de vinte pessoas, o evento denominado “Pequena Grande Marcha do Orgulho Hétero”, realizada em 30 de novembro, reuniu cerca de 20 pessoas em uma marcha entre os postos 8 e 9 da praia de Ipanema. Carregavam um arco de bolas nas cores azul e rosa, além de faixas e cartazes com os dizeres: "Héteros unidos jamais serão extintos", "Meninos e meninas", "Preservar a espécie" e "Mulher é mulher". Na altura da Rua Farne de Amoedo, um dos integrantes da marcha foi até a beira da praia, trecho onde ficam as bandeiras do arco-íris e geralmente frequentado por LGBTs, e mostrou uma plaquinha com uma mensagem contra a heterofobia. Ele ainda perguntava para as pessoas que passavam pelo local: “Vocês estão do nosso lado ou do lado deles?”. Quando foram abordados pela imprensa, os participantes afirmaram que o evento é apenas um ato bem humorado, sem características homofóbicas, mas segundo representantes do Grupo Arco-Íris a manifestação que exclui não tem graça e gera novas preocupações:

É uma brincadeira? Ok. A vida tem que ser leve, mas é bom lembrar que o país vive um momento de conservadorismo muito grande. Dependendo dos olhos conservadores de quem veja esse movimento pode, sim, ser uma demonstração de homofobia, de preconceito. Eles disseram no blog que homens saradões que “malham olhando a bunda não serão bem-vindos”. Quando se exclui pessoas, se abre um precedente para o preconceito e se acende uma luz vermelha. (GRUPO ARCO-ÍRIS, 2014)

Há fundamento na preocupação apresentada pela ONG. Brincadeiras com temas que envolvam preconceito flertam sempre com a possibilidade de incorrer em uma interpretação

equivocada ou de disseminar um conteúdo inadequado. Em entrevista ao jornal *O Globo*⁴⁰, em 13 de novembro, o engenheiro Luiz Mário Ladeira, lembra que na década de 80 criou, com o amigo Carlos Imperial, famoso produtor musical da época, o Movimento Machão Mineiro. Com CDs gravados, publicações e entrega do prêmio “Machão do Ano”, promovido anualmente na década de 1990, o movimento em prol do orgulho heterossexual fez um certo sucesso. Desapareceu por volta do ano 2000, após o falecimento de Carlos Imperial, e justamente por isso, o engenheiro afirmou ter ficado muito feliz ao saber da existência da passeata:

Sou inteiramente solidário com eles. O movimento se solidariza com eles desde que, evidentemente, as propostas não sejam matar ou bater em gay. Essa bandeira eu já tinha levantado porque a gente chegou à conclusão que, se não houvesse uma reação ao que eles estavam fazendo, daqui a uns tempos, para você falar que é hétero, ia ter que ser cochichando. (*O GLOBO*, 13/11/2014)

Assim como a ideia da inversão da lógica normativa no período de Carnaval, as Marchas e Paradas visibilizam a existência dos grupos que por não partilharem das mesmas práticas sociais da maioria, veem no momento de exaltação da diversidade, a possibilidade de exercer uma identidade que durante outros dias do ano não poderia ser exposta, sem que houvesse o risco de agressão verbal ou até física. Assim sendo, a lógica da brincadeira ou ato apenas bem-humorado não inverte o sentido da normatividade uma vez que se trata justamente de uma maioria. O ato promove o reforço aos discursos homofóbicos daqueles que compreendem a diversidade como ameaça a condutas normativas, necessitando que haja algum tipo de “reação”, como citou o entrevistado.

⁴⁰Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/bandeira-da-heterossexualidade-foi-levantada-na-decada-de-80-com-movimento-machao-mineiro-14546797>. Acessado em: 14 de jun de 2015.



Figura 7: Marcha do Orgulho Hétero reúne poucas pessoas na Zona Sul do Rio (Foto: Eduardo Vallim/Ego), postado por Grupo Arco-Íris perfil I, em 2014. (Fonte: *O Globo*, 30/11/2014).

2.1.2 – O manifesto pós-Parada do Orgulho LGBT de São Paulo

Assim como outros eventos pelo Brasil em 2014, a edição paulista, que teve como lema “País vencedor é País sem Homosbtransfobia”, e geralmente ocorre no mês de junho, durante o feriado de Corpus Christi, teve sua data antecipada para dia 4 de maio, junto ao feriado do dia do trabalhador. A orientação geral da Prefeitura é que não se sobrepusessem grandes eventos com o calendário dos jogos, o que contribuiu também no sentido de evitar que os participantes tivessem dificuldade em se hospedar na cidade, por conta da procura dos turistas que fizeram reservas para o período da Copa do Mundo.

No dia 8 de maio, a Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, organizadora do evento há 18 anos, publicou em seu sítio e também em seu perfil *Parada do Orgulho LGBT de São Paulo - APOGLBT* na rede social *Facebook*, um “Manifesto público sobre o 18º Mês do Orgulho LGBT de São Paulo” no qual informava que foi preterida pela Prefeitura de São Paulo, por meio da Coordenadoria de Políticas LGBT, das decisões sobre diversos aspectos do planejamento e execução do evento. No período de planejamento e organização do evento, apenas uma reunião foi realizada entre a ONG e a Prefeitura, na qual não estavam presentes outros representantes, apesar de diversas solicitações da associação. Diversas queixas foram relatadas, como o fato de não possibilitarem o contato com fornecedores, Polícia Militar, equipes de segurança e técnicos dos trios, o que descaracterizou

a APOGLBT como organizadora do ato, fazendo com que as equipes de trabalho e produção só se reportassem e obedecessem instruções da equipe que os contratou de fato pelo serviço.

Em um trecho do documento, citam que “Todos os contatos e solicitações só puderam ser enviados por meio da Prefeitura, o que foi claramente intencional para nos manter longe do controle do NOSSO evento”. A associação questiona o fato de perder a ação de maior visibilidade do movimento social LGBT para o poder público, concluindo que o propósito de tal atitude seria “uma tentativa clara de se apoderarem do que é do povo, afinal, quantos movimentos sociais reúnem tantas pessoas como a Parada LGBT de São Paulo?” (APOGLBT, 2014).

Em 2013, outras queixas por problemas de ingerência por parte da Prefeitura foram pontuadas pela associação numa reunião de alinhamento de atuação, porém a promessa de que a relação seria diferente para o ano seguinte, não só foi descumprida como ganhou proporções bem maiores. No encerramento, a associação cita que “é suprapartidária e que o poder público tem o DEVER de estar a serviço dos movimentos sociais e não o contrário (grifo deles)”.

Durante uma das reuniões de voluntários na ONG organizadora do Rio, perguntei sobre o documento “Manifesto” da APOGLBT publicado sobre a Parada LGBT de São Paulo e se havia alguma repercussão do fato para a organização Parada LGBT no Rio. Os responsáveis se mostraram cientes do ocorrido, mas despreocupados com a questão. Contudo, relataram que na reunião de planejamento com alguns órgãos oficiais do Rio houve uma proposta de “organizar uma equipe para pensar a Parada”, mas que no desenrolar do debate os representantes do Grupo Arco-Íris expressaram que não haveria melhor opção do que eles mesmos, que já conhecem esse trabalho há anos, sobretudo com forte experiência e estrutura adquiridas. Explicaram-me uma diferença fundamental do movimento LGBT em São Paulo, onde há uma atuação da militância mais enfática, pulverizando o movimento, numericamente mais presente e que envolve os cidadãos num engajamento político. É comum que os ativistas de lá, após algum tempo, filiem-se a algum partido, candidatando-se a cargos políticos. Embora estejam comprometidos com as reivindicações da causa, dificilmente se elegem, justamente porque, ao final, a pulverização se reflete também nos votos, não alcançando o percentual mínimo para que o candidato se eleja, enfraquecendo a luta LGBT no âmbito da política.

2.2 – BASTIDORES DE UM VOLUNTARIADO: *MODUS OPERANDI* DE CAPACITAÇÃO

A retomada dos encontros, após o período da Copa do Mundo, seria agora uma “capacitação de voluntários”, na sede da ONG. A primeira capacitação teve convocação marcada para o final de julho.

Na sala de encontros, sempre às sextas-feiras, há uma mesa com lanches e, em uma das vezes, uma televisão ligada transmitindo um telejornal, distraía os presentes até que o quórum fosse satisfatório para o início da reunião, às 20 horas, com dezoito participantes. O atraso de uma hora para o começo das reuniões era bastante comum. Poucas vezes esse tempo foi usado para exibição de materiais ou para algum vídeo. Por vezes, ouvi alguns voluntários lamentando-se de participarem de poucos minutos dos encontros, por preocupação com o horário de retorno e distância para seus lares. Durante a espera para o início da reunião, observava a interação entre alguns participantes. Em uma ocasião, fui interrogada inesperadamente pela colega sentada ao meu lado:

- *Você sempre vem aqui?*

- *Sim, sou voluntária.*

- *É a primeira vez que eu venho. Meu professor que me mandou.*

- *Professor de quê?*

- *Estou me formando em Assistente Social, mas não atuo na área. Sou funcionária pública, trabalho num museu. – ela me entrega um livreto da exposição que estava acontecendo no museu. Agradei. – Está demorando muito a começar, não é? São quase 20 horas. Eu sou mãe de três filhos e já tenho cinco netos. Tenho horário para ir pra casa, eles estão me esperando. Não vou poder ficar muito. Você é casada?*

- *Sim.*

- *Com homem ou com mulher? – pergunta abaixando o tom de voz.*

- *Com homem.*

- *Você não é gay?*

- *Não.*

- *Ah, eu também sou casada com homem. E seu marido não se importa com o fato de você estar aqui?*

- *Não, por quê?*

- *É porque aqui a gente tem que perguntar as coisas, né? Por que você está aqui?*

- Eu faço pesquisa. Sou estudante de Comunicação.

Nossa conversa foi interrompida pela chamada do início da reunião. Após 15 minutos, observei que ela se retirou.

Na abertura das reuniões, os participantes são convidados a se apresentar expondo as razões de estarem se voluntariando. Em sequência são anunciadas as atividades programadas para o mês e informes gerais, como convocação para participação em alguma sessão na câmara dos vereadores, quando há pautas do movimento LGBT. Normalmente há divulgação de atividades culturais gratuitas, ou com preços bem acessíveis, em outros espaços. O representante condutor da reunião, antes presidente, apresentou-se como diretor cultural, sem mais detalhes sobre a mudança. Entretanto, ao final do encontro, todos receberam um material de boas vindas ao voluntariado, impresso, apresentando a Parada LGBT, a ONG Arco-Íris e sua equipe com a mudança citada.

Notei que há uma colaboração da ONG com o Centro Universitário IBMR que eventualmente encaminha alguns estudantes para assistirem palestras ou prestarem alguns serviços, contabilizando assim horas de atividade acadêmica. Alguns encontros tiveram a atuação de profissionais de psicologia que realizavam algumas dinâmicas de avaliação com o grupo. Ao apresentar-se, por exemplo, o participante deveria acender um palito de fósforo e usar o máximo de tempo de queima do palito para sua fala. Em outra ocasião, eram utilizados papel e lápis para que se fizesse um desenho e depois trocá-lo com um colega para continuar o desenho anterior. Finalizada a atividade, o representante da instituição perguntou se começar um desenho novo teria sido mais fácil do que interferir no desenho do outro. Seguiu-se uma explicação sobre trabalhar em algo que já existe há alguns anos, como a Parada LGBT, e a importância do exercício de cooperação.

Enquanto aguardávamos o início de uma reunião, em outro dia, um dos participantes conta para outro sobre a intenção do mediador das reuniões tornar-se candidato a vereador nas próximas eleições. O mediador, ouvindo a conversa, acena a cabeça positivamente e responde que ainda está escolhendo um partido. Na análise SWOT, a saída de uma liderança é um aspecto de fraqueza porque geralmente não há substitutos preparados, quando as lideranças seguem para a carreira política. De toda forma, essa movimentação do ativismo para a política é uma questão antiga e fez parte da estratégia política de algumas organizações e associações LGBT, suscitando algumas divergências internas, desde o passado. Porque entende-se que,

para a garantia de direitos, é necessário ter representantes comprometidos com a causa LGBT, atuando diretamente nas instâncias políticas. Entretanto, dentro da militância emerge um certo receio quando o trabalho do movimento se mistura ao apoio de determinada candidatura.

Toro & Werneck (1996, p.55) comentam que um processo de mobilização deve estar sempre aberto à entrada e saída de participantes, é natural que aconteça. Participa quem quer, enquanto quer. Na base de uma mobilização, está o consenso em torno de uma ideia que os participantes concordam em colocar acima das divergências, apesar delas. Entretanto, ao se acirrarem, passarão a dificultar o entendimento e uma ação conjunta do movimento.

Ao fim das reuniões, há o registro em fotos com todo o grupo. O mediador pergunta se alguém teria restrição de publicar sua imagem das fotos na página da ONG na internet. Ninguém se manifestou. Eventualmente um sorteio de camisas e distribuição de kits de prevenção também ocorre. Há sempre uma comemoração para os aniversariantes do mês, com bolo e presentes da ONG. Quando o mês não tem agendamento de encontro acumula-se a comemoração de aniversário para o mês subsequente.

Em uma reunião, o mediador explica o caso polêmico com o ator Paulo Gustavo, informando com mais detalhes aos presentes a necessidade e importância da resposta da organizadora diante da opinião negativa para o movimento LGBT, veiculada na mídia.

Ele deu uma declaração dizendo que não concorda com a Parada Gay e que não levaria os pais. Na verdade tudo isso começou porque ele não quis assumir. Ele tem o direito de não assumir também. A gente não pode querer arrancar as pessoas do armário. Às vezes esse armário está trancado há muito tempo, ou ele mesmo se trancou.

Um participante intervém:

Ele ganha dinheiro com isso!

O mediador continua:

Pois é. A nossa resposta foi cirúrgica, direta. Dizendo da importância da Parada, SIM. Que são nas Paradas que as políticas públicas se fortalecem. Ele é um ator, ganha dinheiro fazendo piada com mulher, com negro, com gay. Mas ele deu um tiro no pé. E vejam lá na matéria, milhões de pessoas comentaram sobre isso, inclusive apoiando. Então gente, é preciso estar atento. Porque ele é um artista, um formador de opinião, e não tem a dimensão do que ele falou. A gente sabe que milhões de pessoas vão assistir à peça dele, e ele tem que perceber o quanto uma declaração dessas pode ser nociva a todos nós. Então quando a gente vê um processo de homofobia ainda internalizada, e isso pode ser por muitas razões, a gente tem que agir na hora,

não pode esperar nem um segundo. A Parada pode ser detonada. Um trabalho de meses e meses.

O episódio começou em uma entrevista veiculada no sítio do jornal O Dia, quando perguntado sobre sua sexualidade, o humorista Paulo Gustavo não respondendo diretamente a questão incluiu em sua fala que era “contra a realização de Parada Gay, acho que não tem que ter isso. Não tem Parada Hétero.”. A partir daí os canais de contato do ator nas redes sociais foram tomados de questionamentos de fãs e público em geral sobre a entrevista, entendendo-se que declarações de celebridades podem sofrer alguma edição do veículo, dando margens a outras interpretações. Em resposta, o ator confirmou seu posicionamento em uma publicação na própria rede social:

Tive uma criação sem preconceitos e aprendendo sempre a conviver com as diferenças. Hoje sou um cara independente, livre, feliz e amado! Atenção: Falei sobre a Parada Gay para o jornal O Dia e talvez tenha sido mal interpretado por algumas pessoas! Ok, vamos lá! Disse que sou contra a parada gay e SOU! Porque acho que uma coisa que era para ser um movimento político, não é! Vira uma RAVE no meio da rua, com assalto, brigas e com um monte de gente se beijando e eu não curto! Não tenho vontade de levar meus pais! Tenho orgulho do movimento gay e de fazer parte disso! Inclusive falo sobre isso e faço política através da minha arte! Ponto final! Quem não entender sinto muito! (Publicação Facebook Paulo Gustavo)

Esclarecida a veracidade da entrevista e seu ponto de vista, o assunto já havia gerado uma polêmica que se estenderia dividindo opiniões, entre louvores e decepções nas respostas de seus seguidores. Rapidamente a ONG Arco-Íris publicou uma carta para a imprensa na qual esclarecia longamente que, infelizmente, o comentário de Paulo Gustavo reforçava o ódio contra homossexuais e o preconceito. A carta completa foi publicada no sítio da ONG e em uma notícia sobre o assunto, no próprio jornal O Dia.

O apoio de celebridades com forte repercussão e representação na mídia, compreendido como uma oportunidade na análise do cenário LGBT, neste caso, revelou-se uma ameaça. Os espetáculos de Paulo Gustavo reproduzem justamente a antiga crítica da caricatura possível para personagens gays na mídia, com tiradas engraçadas, gestos de escárnio fora da norma ou atitudes de vilão. Ainda que sob críticas, estes personagens cumprem sua função com o público, como na forma do grotesco carnavalesco, de iluminar a ousadia da invenção, associar elementos heterogêneos, aproximar o que está distante, ajudam o espectador a liberar-se do ponto de vista dominante sobre o mundo, permitindo

compreender uma outra ordem, diferente e possível (BAKHTIN, 2010, p.30). Mas, ao divulgar seu pensamento fora dos personagens, desqualificando politicamente a mobilização, dizendo que não curte “um monte de gente se beijando”, o ator exterioriza sua oposição à realização da Parada LGBT gerando visibilidade midiática para uma percepção diferente das formas escolhidas pelo movimento LGBT.

Segundo o mediador, parte da comunidade LGBT se queixa de ter menos expressão no desfile-mobilização como, por exemplo, os transexuais. Seus representantes reivindicaram, junto à organização, a liberação de participarem exibindo os seios descobertos. Há os que gostam de ficar com o corpo mais à mostra, desnudo, e por vezes acabam sofrendo mais repressão, ouvindo expressões homofóbicas. Ao relatar para os voluntários este fato, o mediador acha possível atender a requisição, mas sugere que seja uma ação planejada, com o grupo com os seios à mostra reunido em uma “linha de frente”, antes do trio das transexuais, segurando uma faixa com alguma frase “bem elaborada, bem legal”. Explica que não pode ser apenas a exibição aleatória, como um ato isolado, porque assim perderia o sentido dentro da Parada LGBT. Comparou com a ação das equipes que distribuem os kits de prevenção. Junto com a distribuição do kit deve ser expressada uma palavra e não apenas a entrega do preservativo, de forma silenciosa. Deve-se, segundo ele, dizer “use camisinha”, “vamos nos prevenir” e então entregar.

Percebi que há uma preocupação com a parte discursiva das ações no sentido de torná-las sempre mais politizadas, expressando argumentos que possam construir um raciocínio em torno das questões reivindicadas ou mesmo para autoconscientização. Além disso, a requisição afeta uma preocupação dos organizadores com a percepção distorcida das características festivas da Parada LGBT, apontada como uma fraqueza na análise SWOT. A ação das transexuais era uma opção possível, mas deveria ganhar um formato e um texto. Tornando-a uma ação planejada, compondo uma comunicação mais direta, por meio da frase, com o público, constituindo mais um ato dentro do evento, contextualizando-o.

O mediador apresentou a definição do tema da 19^a Parada do Orgulho LGBT Rio 2014: “Seremos Novamente Milhões de Vozes”. Para a edição de 2013, o slogan inicialmente proposto era “Somos milhões de VOTOS”, entretanto a palavra “VOTOS” remetia diretamente ao sentido de campanha político eleitoral, o que foi desaconselhado pela assessoria de comunicação. Em substituição, o tema definido foi “Somos milhões de VOZES” não perdendo assim o enaltecimento da questão numérica, de quantidade de LGBTs existentes

que também precisam ser ouvidos, reforçando a temática para a edição de 2014, com o acréscimo da palavra “novamente”. A justificativa foi baseada em um esforço de visibilizar o público LGBT, onde milhões de vozes significam milhões de votos, diante de um ano eleitoral e das perspectivas de um recrudescimento do conservadorismo no Congresso. “Vivemos um dos piores momentos onde um grande retrocesso está iminente. Há muitos candidatos contra LGBTs.”, disse o representante.

Lembrou ao grupo presente, que dentre as opções, há dois fortes candidatos ao governo do Estado que precisam ser observados quanto a seus posicionamentos contra os ganhos da causa LGBT até então, referindo-se a Marcelo Crivella do Partido Republicano Brasileiro e Anthony Garotinho do Partido da República. Lembrou da época da ditadura quando o contexto acirrou a cultura militar, com a imposição do Código Penal Militar punindo com detenção a prática homossexual⁴¹, vigente até os dias atuais.

Um dos voluntários pergunta qual é o candidato “menos pior para a causa LGBT”. Citou-se o fato de que houve forte contribuição e avanços para a causa LGBT durante o governo de Sérgio Cabral do PMDB, que durou de 2007 até 2014. O movimento reconhece que deste esforço plantou-se a semente do programa Rio Sem Homofobia. Neste cenário, o candidato pertencente ao mesmo partido, na opinião do mediador, é o que mais se aproximaria a dar continuidade ao trabalho que vem sendo desenvolvido.

A ONG entregou a todos os voluntários uma cópia da matéria publicada no Jornal O Dia, em 12 de agosto, com o título “Movimento LGBT quer partidos comprometidos com a causa gay”⁴² junto a uma cópia da carta-compromisso que solicita a incorporação de 10 itens ao plano de governo dos candidatos ao cargo de Governador do Estado do RJ. Os itens abordavam questões de reconhecimento de direitos já adquiridos, fortalecimento e implantação de políticas públicas para a população LGBT, garantindo o princípio republicano de laicidade do Estado e a questão que diz respeito diretamente ao objeto analisado, no item 6 do documento:

⁴¹ De acordo com o artigo 235 do Código Penal Militar, é crime, com pena de detenção de seis meses a um ano, "praticar, ou permitir o militar que com ele se pratique ato libidinoso, homossexual ou não, em lugar sujeito a administração militar". Algumas ações foram encaminhadas, em diferentes épocas, no sentido de excluir os termos discriminatórios como “pederastia” e “homossexual ou não”, entretanto em abril de 2014, o atual procurador-geral da República, Rodrigo Janot, rejeitou a posição anterior do próprio Ministério Público, mantendo o artigo em vigor.

⁴² Disponível em : <http://odia.ig.com.br/eleicoes2014/2014-08-12/movimento-lgbt-quer-partidos-comprometidos-com-a-causa-gay.html>. Acessado em 06.07.2015

Reconhecer as Paradas do Orgulho LGBT e demais manifestações e ações que promovam uma cultura de paz, de combate à homofobia e de celebração da diversidade sexual, apoiando com recursos financeiros e outros subsídios a sua realização. (GRUPO ARCO-ÍRIS, 2014)

A questão do subsídio financeiro do governo mostrou-se fator determinante para a execução do evento pela organizadora. Em épocas de crise como a que a economia brasileira vem atravessando, que se reflete em cortes de orçamento para serviços básicos à população, todas as instituições organizadoras de Paradas LGBT sofreram reduções significativas nos subsídios que lhes eram destinados. A Parada LGBT de Madureira, realizada em 20 de julho de 2014, sofreu um corte de mais de 50% da verba, relatou o mediador. Esclareceu que conseguir a destinação da verba exige um grande esforço das lideranças, um trabalho de argumentação e convencimento, que justifique a promoção da cidadania por meio do evento. E depois que se vence essa fase, não há garantias de que o objetivo alcançado se concretize, como constatado no exemplo acima.

A necessidade de recursos financeiros gera uma discordância interna no movimento LGBT destacando grupos que não aceitam que o evento dependa exclusivamente da verba para existir. Esse tema teve muitos desdobramentos e por esta razão será analisado em outro item deste capítulo.

Dentre os candidatos que foram abordados até o anúncio do adiamento do evento, de setembro para novembro, comunicado em 28 de agosto, somente o candidato Marcello Crivella não assinou o documento. Entretanto, com a mudança de data, o instrumento de comprometimento com a causa, ainda em período de campanha, perdeu sua força.

2.2.1 – Papel de voluntário

Para ser voluntário, é preciso ter mais de 18 anos ou ter autorização dos pais com firma reconhecida em cartório para maiores de 16 anos. É preciso preencher um termo de adesão com dados pessoais e entregar uma foto 3x4 e cópia de documentos como CPF, identidade e comprovante de residência antes do dia do evento na sede da ONG.

Em um dos primeiros encontros do segundo semestre, houve um esclarecimento sobre o papel de atuação dos voluntários na ONG e durante o evento. O responsável relatou que no ano anterior houve casos de abandono do local de trabalho para dançar, brincar, pular, namorar e que não é essa a postura esperada. O Grupo Arco-Íris pode responder oficialmente

pela atitude de seu voluntariado. É preciso ter comprometimento com o trabalho, há uma responsabilidade a ser cumprida.

A Parada LGBT sofre muitas exigências de diversos órgãos como Associação de Moradores, sub-prefeitura, polícia, bombeiros, defesa civil, além do rigor em cumprir o horário de encerramento do evento, em geral programado para às 20 horas, possibilitando a liberação da via às 22 horas. A Polícia Militar e o Corpo de Bombeiros costumam fazer uma grande pressão junto às equipes integrantes da logística para que se acelere o andamento dos trios para evitar atrasos. Em diversas reuniões com esses órgãos, especialmente com a Associação de Moradores, são exibidas filmagens de fatos para os quais pedem providências, como, por exemplo, participantes fazendo sexo na rua, na areia, em grupos, árvores de amendoeiras que são depredadas, pessoas urinando em diversos locais indevidos, entre outras reivindicações. Já há um esquema de holofotes na areia para coibir sexo na praia. O ritual de abertura e recolhimento da imensa bandeira do arco-íris, com 120 metros de comprimento e 10 metros de largura, também exige um tempo exato de quem atua nesta tarefa. Não pode ser estendido além do tempo planejado para que não acarrete atrasos que precisem ser compensados depois do ritual. Em junho, foi observado que várias regras impostas à organização da Parada LGBT foram violadas durante a realização do evento *Fifa Fun Fest*, aberto ao público de forma gratuita que funcionou durante o período da Copa, no mesmo local onde ocorre o desfile. Entre elas, cabines de banheiros químicos com a porta em direção à Rua Barata Ribeiro, uso indevido do espaço na areia da praia e, indignados, planejavam levar tudo para ser discutido nas reuniões com a prefeitura, pois o evento é altamente pressionado.

O mediador, ativista de longa data, contou sua chegada na organização e sua longa experiência desde a “época que não havia nenhum recurso”, quando cada um que chegava trazia o que tinha e agregava. Como sua experiência é da comunicação estética visual foi por meio dela que relatou poder estabelecer essa troca.

Propôs ao grupo que pensasse sobre a relação de troca que estava se estabelecendo ali. “Ninguém vem de graça, todos têm algum interesse.”, disse. E nesse jogo da troca de interesses era importante que cada um refletisse sobre o que poderia trazer e o que poderia levar. Talvez houvesse mais para levar do que para trazer. Cada um deveria pensar na sua área profissional de atuação. Citou exemplos, quem é da enfermagem pode atuar na higiene, profilaxia; quem é da psicologia pode trazer algo para a área comportamental. Importa pensar juntos como na prática podemos contribuir para qualificar um evento que é muito

marginalizado, até mesmo pelo próprio movimento. Pois há os que dizem que o evento é só muita sacanagem, como se não houvesse nada disso em todos os outros grandes eventos e shows de Copacabana.

Apontou a criatividade como fator importante para o trabalho de criação de materiais mas imprescindível no campo das ideias, como solução de problemas em tempo recorde. Contou que no passado distante, há três dias de realizar uma Parada LGBT, a prefeitura proibiu o uso dos galhardetes produzidos e sua fixação nos postes, como previsto no momento da confecção, nos bairros do Centro à Zona Sul. Caso a ordem fosse infringida uma multa seria cobrada. Porém, era nessa peça que estava a logomarca de um patrocinador, conseguido com muito esforço. Então exercitando a criatividade foi possível criar bolsas a partir do material dos galhardetes e assim manter a logomarca do patrocinador no evento.

A equipe da ONG tem pensado e trabalhado pela sustentabilidade do grupo. Fazer um evento desse custa caro, e precisa contar com ter um caráter profissional. Ironicamente, é o terceiro maior evento da cidade e o que menos recursos e apoio governamental recebe. E relata que só tem sido possível porque pessoas têm se proposto a trocar coisas para que isso aconteça. Não é só pensar em buscar patrocinador, mas em que cada um ali presente poderia ajudar a resolver. Exibiu os materiais reciclados das lonas e banners dos trios que eram descartados e atualmente são parte de um projeto importante, que gera recursos.



Figura 8: Bolsas produzidas com sobras de material para o projeto de sustentabilidade. Foto: Gisele Paris, 16/11/2014.

A cada interpelação sobre a legitimidade da Parada, apesar de esta encontrar-se em sua 19ª edição, reinicia-se o discurso de esclarecimento de sua importância na função social e política para a luta LGBT. O questionamento começa inclusive durante seu planejamento, quando pessoas perguntam aos participantes e voluntários da organização o que eles estão fazendo numa sexta-feira à noite, numa ONG, discutindo sobre Parada LGBT, ao invés de estarem aproveitando pra curtir outros lazeres. E esse é o momento em que se entra com o trabalho, como relata o mediador:

A gente tem que entender que as pessoas pensam isso e o nosso trabalho é fazer o caminho contrário. Assim: Olha tem isso que você está pensando talvez, mas deixa eu te mostrar esse lado aqui, porque você acha que só tem oba-oba e não é bem assim. Você sabia que a gente oferece serviço de prevenção de hepatite? Sabia que o número de HIVs positivos aumentou? Tá transando com camisinha? Esse é nosso papel. Não é que ele não vai beijar na boca e curtir, mas é o nosso papel mostrar porque ele tá ali, que tem um lado pra além da diversão, que tem função social, que tem um objetivo político, ele só tá ali sambando e beijando na boca, porque antes vieram muitos que deram a cara à tapa, que foram expulsos, que sofreram. Porque as pessoas acham que tudo que está aí começou agora, só que não é assim. Começou lá atrás.

Um participante comenta:

As pessoas veem muito a Parada como uma oportunidade pra sair do armário.

Ao que o mediador responde:

Mas é também. Porque tem um número de pessoas que só podem ser elas mesmas nesse único dia. Os outros 364 dias elas estavam trancafiadas dentro de seus armários e seus baús, porque não se permitem. E aí a Parada é meio aquele momento de “o mundo vai acabar hoje”.

Lamentando sobre o fato de a sociedade atual estar muito fundamentalista querendo que LGBTs “voltem pro armário”, um participante expressa que a Parada é o momento de dizer: não! Assim como em outras ações sociais e na marcha lésbica.

Querem que a gente volte pro gueto. Em São Paulo, a imprensa fez um guia pra não sofrer ataques homofóbicos, pra voltar pro armário e pra não poder ser o que se é. Disseram que se não quisessem apanhar na rua, que os LGBTs tinham que frequentar lugares que tenham pessoas iguais a eles, tipo clubes, saunas gay e lésbicas.

Um participante, mais antigo no ativismo, interpela:

A gente tem que entender que no contexto político nosso tudo é recente. Vinte anos não é nada. Então os avanços da causa vêm crescendo e ganhando visibilidade, inclusive dentro dos nossos prédios, famílias e mídia. Porque a mídia com novelas incentiva e mostra. Hoje a galera sai de roupa colorida, de travesti e tal e se sente à vontade. Também temos que entender que é um pequeno avanço pra nossa geração a realidade atual, diferente das outras gerações. Agora nós temos um mapeamento e temos que mudar os critérios que tínhamos até pouco tempo atrás. E o primeiro deles qual é? A mídia. Todos nós temos acesso a internet e tudo que acontece a priori está lá, e é importante divulgar sim. O que queremos é agregar uma cidadania como um todo, então é importante cada um de nós aqui ter uma noção mínima e ter como questionar e responder de forma diplomática, mas com conhecimento e não ficar xingando, porque hoje temos uma mídia muito forte que é o Facebook. Então vamos lá comentar, repudiar sim e nas questões de divergências, pra gente, ter uma opinião coletiva é o melhor para o movimento LGBT. Pra gente se fortalecer.

A resposta coincide com a oportunidade apontada na análise SWOT, como um aspecto positivo, contribuindo para a aceitação da diversidade ao visibilizar mais representações LGBT nos meios de comunicação de massa.

2.2.2 – Operacionalizando a Parada LGBT

O trabalho dos voluntários que têm disponibilidade para o horário da manhã é das nove às quinze horas, pois, quando a Parada começa o desfile, as tendas encerram as atividades. Conforme a Parada vai se deslocando, passado o último caminhão de trio elétrico em frente à área de tendas de serviços, encerra-se a atividade e recolhe-se o material para entregar para a equipe do caminhão da logística que vem atrás de tudo. Algumas tendas, como as da prefeitura, também precisam ser desmontadas.

É muito importante que o restante do material das tendas, de decoração, banners, cadeiras, tudo retorne para a ONG, para ser reutilizado ou reciclado e transformado em produto a ser vendido. Essa renda ajuda a ONG a pagar algumas contas. É preciso um trabalho muito atento e rápido, antes que o caminhão da Comlurb passe limpando e liberando a via. A logística é fundamental e por isso trabalha muita gente nessa área.

Os voluntários prestam suporte de acordo com as necessidades, como buscar uma água, arrumar uma cadeira, etc. Quando a tenda é pequena, dois voluntários dão conta. Mas na tenda das autoridades, necessita-se de um número maior.

As tendas que prestam serviços aos cidadãos são armadas ao longo da Avenida Atlântica, localizadas entre o posto 5 e o posto 6 da praia, um dia antes do evento. Mas dependem de disponibilidade da prefeitura e da polícia pra isso. Podem variar em quantidade de acordo com cada ano, e atendem tanto a ONG Arco-Íris quanto aos parceiros que oferecem informações e encaminhamento de saúde, prevenção, conscientização, cidadania, entre outros. Cada tenda tem uma demanda de voluntariado, de acordo com a necessidade de execução do trabalho, que geralmente é solicitado com antecedência por cada parceiro.

O trabalho nos trios inicia às treze horas. Quem atua nos trios forma uma espécie de dupla com um segurança. Tanto os que estarão na recepção de entrada quanto os que estarão na frente. Cada trio tem uma cor de pulseira de acesso e os convidados só podem embarcar no trio correspondente. Na recepção, confere-se a cor e a colocação da pulseira, devendo estar bem ajustada ao pulso, de forma que não possa ser retirada sem arrebentá-la. É uma forma de evitar que a pulseira fique frouxa e de cima dos trios ela seja jogada para algum outro participante do evento, como já aconteceu.

Os voluntários só terão acesso ao trio para o qual foram designados. Apenas os membros responsáveis do Grupo Arco-Íris podem circular em todos os trios. Não é permitido transição entre eles porque há uma quantidade limite de número de pessoas que deve ser respeitada. Menores de idade não podem embarcar no trio, em nenhum lugar, nem na cabine do motorista. Ele deve ser barrado em qualquer hipótese. Uma falha nesse ponto e a organização terá um grande problema. Igualmente proibido é o acesso de pessoas portando garrafas ou qualquer tipo de vidro. E do alto do trio não se joga nada, nem brindes. Ocorrendo este caso, o participante deve ser retirado.

Um voluntário deve ficar com o CD com a gravação das palavras de ordem que deve ser reproduzido de 30 em 30 minutos. Essa estratégia funcionou bem no ano passado, foi muito elogiada, e será novamente adotada.

Os motoristas dos trios elétricos são monitorados por voluntários que ficam à frente do trio, com duas placas. Uma tem um lado verde e outro vermelho. A cor verde avisa ao

motorista que pode se deslocar e a vermelha que ele deve parar. Outra placa tem a frase “vá devagar” de um lado e no outro “vá rápido”. Há uma cadência no deslocar dos trios, que não pode ser rápida e nem muito devagar. Deve-se, como em uma escola de samba, manter uma distância entre os outros trios de forma que não permita abrir o que eles denominam como um “buraco”, ou seja, um espaço vazio de pessoas ou onde elas fiquem muito espaçadas. Quando isso acontece gera um problema imenso para toda a logística do evento. É como se de repente se formassem duas Paradas, causando um reflexo no local da dispersão da multidão que passa a ficar mais lenta e aleatória, conseqüentemente, extrapolando o horário programado. De toda forma, quando assim acontece, o voluntário que está no controle da placa, geralmente um dos mais antigos e experientes, fica com uma responsabilidade grande em relação aos participantes que estão próximos, é preciso redobrar o cuidado. Há momentos em que é necessário manifestar-se balançando os braços e avisando com firmeza para que se afastem das cordas, evidenciando que o trio irá se deslocar.

Quando o “buraco” se abre e não há controle sobre o deslocamento do trio, corre-se o risco de se aglomerar uma multidão muito próxima aos trios, ou mesmo à sua frente, atrasando o evento. Há uma corda ao redor de cada trio, suspensa por seguranças particulares contratados pela ONG, para isolar a área entre o caminhão e o público. Este espaço não deve ter circulação de pessoas por uma questão de segurança. Por vezes, alguns participantes fantasiados gostam de ultrapassar a corda e dançar ali, ganhando um certo destaque mas “ali não é um mezanino. Essa prática observada e relatada no capítulo um, me apontou o equívoco da minha interpretação sobre esse espaço, que naquele momento, ao meu olhar, assemelhou-se a uma área de destaque, “quase VIP”, onde observei muitos participantes fantasiados dançando tranquilamente durante um bom tempo. Não os vi sendo abordados por ninguém. Agora, durante a reunião, apontou-se o alto risco de atropelamento nesse espaço, sendo imperativo retirá-los, chamando a segurança quando necessário. O voluntário não deve se indispor com as pessoas. Caso a ordem não seja obedecida ele deve chamar o segurança que é treinado para lidar com esse tipo de situação.

Quando um trio chega à altura do Copacabana Palace, o som é desligado e as luzes apagadas, porém continua avançando mais duas quadras até o local da dispersão, onde deve ocorrer o desembarque também de forma controlada. Em sequência, a equipe de apoio começa a desmontar a decoração e retirar os adereços. Encerrada essa atividade, o trio sai e então o caminhão da produção se aproxima recolhendo o material. Quem está em funções no

trio gerencia isto também, evitando que os outros que estão atrás não possam avançar acarretando atraso no horário de encerramento.

A ONG enfatiza de forma peremptória que, por uma questão de postura profissional, não permite que os voluntários consumam bebida alcoólica durante o trabalho. Deixam claro que estar ali é uma opção e que caso a pessoa deseje seguir apenas na diversão, basta retirar a camisa e o crachá, não afetando assim a imagem da organização. Para falar com o público, é preciso que o responsável pela função não esteja com suas faculdades mentais alterada. O mediador comenta:

Imagina um milhão de pessoas, acontece um tumulto, é um milhão de pessoas correndo! A gente teve problema ano passado e preocupação porque a gente recebeu vários avisos dizendo que ia ter um tal de pink block, e a gente não sabia o que era esse pink block. A gente estava naquela onda de black block e a gente falou: pronto, acabou. O número de policiamento então foi muito maior do que dos outros anos, porque nosso medo era com aqueles 100 metros de tenda, de repente alguém jogar um coquetel molotov. Olha a complicação, olha o tumulto que poderia acontecer. Então é isso. Você tem que estar atento não só com a sua vida mas com as vidas que estão participando. É uma festa mas é um evento muito sério. De responsabilidade muito grande.

No capítulo anterior, relatei em uma entrevista com o deputado Jean Wyllys que a organização do grupo *pink block* estava junto com ele, promovendo o *glittervandalismo*, uma ação de ironia ao próprio vandalismo e sem nenhuma intenção violenta. Entretanto parece que não houve nenhum tipo de comunicação com o grupo responsável pela organização, causando uma compreensão equivocada da ação, gerando receio e um aumento de investimento no número de seguranças.

2.3 - AÇÕES “POLITIZADAS” E “NÃO-POLITIZADAS” – PASSEATA OU PARADA?

Completando vinte anos de existência das Paradas LGBT no Brasil, identifica-se na mobilização além dos conflitos externos entre alguns grupos da sociedade e o público LGBT, também divergências internas entre os membros do próprio movimento. Durante as pesquisas para elaboração deste trabalho, observamos demandas, posturas, formatos de comunicação e compreensões de luta discordantes entre os integrantes da comunidade LGBT. Há também opiniões divergentes acerca da politização do movimento :alguns defendendo o modelo festivo de Parada LGBT, com argumentos de que é uma excelente oportunidade de exercer uma participação política, e outros expressando críticas aos aspectos festivos da Parada LGBT, partindo de uma visão de seu aspecto lúdico, de celebração ao orgulho LGBT, denotando uma falta de comprometimento político.

A edição 2014 da Parada LGBT do Rio, agendada para dia 14 de setembro, sofreu a um mês da data a ser realizada, um adiamento para o novembro. A instituição organizadora, ONG Arco-Íris, justificou a decisão esclarecendo que “importantes parceiros e financiadores que patrocinam a Parada, e questões como os megaeventos que ocorreram no Rio de Janeiro, além de ser também um período eleitoral, atrasaram a liberação das verbas de patrocínio”, inclusive a verba da Prefeitura do Rio. Para a organização, o investimento viabiliza ações como programação cultural, oficinas, ações de vacinação, de teste de HIV, entre outras, que geram a repercussão necessária à causa. Em entrevista à imprensa, os responsáveis concluíram ser “melhor a parada acontecer depois das eleições, para que os candidatos não se aproveitem do evento para se promover”⁴³.

A publicação nas redessociais da ONG sobre o adiamento também gerou muitos comentários de indignação de participantes e agentes de excursões de outros Estados do Brasil, que já haviam se programado para a data. A queixa mais recorrente era pelo fato de terem divulgado a data desde 23 de junho, e definindo a alteração faltando apenas duas semanas para a data cancelada, o que gerou prejuízos com cancelamentos e adiamentos. Alguns comentários faziam referência ao fato do adiamento de data do evento ser uma situação recorrente.

⁴³ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/ativistas-do-pink-blocs-questionam-adiamento-marcam-parada-gay-para-domingo-14165721>. Acessado em 12 jul. 2015.

Parte do movimento LGBT discordou da decisão. Essa dissensão motivou a realização de um manifesto e uma outra marcha, convocada para o feriado de 12 de outubro, no mesmo local e fazendo o mesmo percurso, denominada 1ª Nova Parada LGBT do RJ – Sem meias palavras. Diferente do tradicionalmente visto na orla de Copacabana, abolindo trios elétricos, megawatts de som e serviços de orientação e saúde prestados, o formato adotado foi o de passeata, contando apenas com uma bicicleta de som, cartazes e os próprios corpos dos 300 participantes⁴⁴.

Os coletivos que aderiram ao manifesto e apoiaram a realização da Nova Parada LGBT alegavam que haveria outras questões envolvidas, não sendo plausível a falta de verba. Não conformados, publicaram na rede social *Facebook* um convite para o novo evento com o seguinte conteúdo:

Em 2014, a Parada Gay seria realizada em pleno período de eleições presidenciais (!!!), mas um "atraso no recebimento de verbas" pela organização adiou o evento para novembro. Certos de que não é necessário ter *dinheiro* para exigir *direitos*, munidos de uma bicicleta de som e nossos próprios corpos, convocamos todos e todas para a I Nova Parada LGBT (aspas e grifo deles).

Caso fosse cumprida a data prevista, o evento antecederia o dia das eleições no 1º turno, ocorrido em 05 de outubro. Com o adiamento para 16 de novembro, a convocação por um posicionamento dos candidatos e partidos em relação às pautas da comunidade LGBT, no entendimento de parte do movimento, teria sua potência política enfraquecida. Uma vez que um grande ato público, como a Parada LGBT, aconteceria após o período de campanha eleitoral, os partidos e candidatos não estariam mais suscetíveis às pressões da opinião pública, nem mais interessados em visibilizar amplamente suas propostas e plano de governo, pois em novembro a eleição estaria definida e encerrada.

Antes de discutir sobre a politização não só do formato do evento, mas do próprio movimento LGBT, entendemos ser necessário conceituar tanto política como participação política, tendo em vista a multiplicidade e amplitude de sentidos que esses termos podem assumir.

Segundo o jurista Dalmo de Abreu Dallari, “Política é a conjugação das ações de indivíduos e grupos humanos, dirigindo-as a um fim comum” (DALLARI citado por RESENDE, 2001, p.86). Desta forma, no entendimento do autor, participação política é a ação ativa sobre problemas de natureza política que afetam determinado grupo ou comunidade, cujos participantes

⁴⁴ Disponível em: <http://blogs.odia.ig.com.br/lgbt/2014/10/12/parada-em-copacabana-cobra-de-dilma-e-aecio-aco-es-para-lgbts/>. Acessado em 23 de jun. de 2015.

sofrerão as consequências, ainda que possam vir a repercutir também na sociedade. Colaborando com a concepção de que a ordem social é construída por sujeitos que formam a sociedade e por esta mesma razão, são passíveis de mudança, “os indivíduos não devem ficar em atitude passiva, deixando as decisões para outros, porque correm o risco de que outros acabem dominando, sem resistências.” (DALLARI, 2004, p.33).

De forma a garantir essa participação, o artigo 5º da Constituição Federal de 1988 destaca, dentre outros, direitos fundamentais e relacionados ao exercício da cidadania, como a liberdade de associação sem interferência estatal e a liberdade de reunião em locais públicos. Com isto, entendemos que a participação política não se restringe apenas à administração direta, mas também, e principalmente, a espaços alternativos como ONGs, coletivos e outros tipos de associações onde se estabelecem os diálogos, os debates, combatendo também o aspecto de baixa adesão e conscientização política, apontado como uma fraqueza. São esses espaços que permitem a discussão e compreensão das relações que ocorrem entre as esferas públicas e privadas de poder, e onde o indivíduo será capaz de influenciar nos processos de construção que ocorrem na política nacional, consolidando a existência da dimensão argumentativa (MAFRA, 2008).

Conforme já abordado no capítulo anterior, o movimento LGBT começa a se mostrar mais definido com a abertura política ocorrida no fim dos anos 70, ficando essa fase conhecida como a primeira onda. Como nos aponta Green (2000), entre 1978 e 1979, instalase a fase de politização do movimento, quando

uma dúzia de estudantes, escriturários, bancários e intelectuais de classe média baixa reuniam-se semanalmente em São Paulo. Indo de apartamento em apartamento, sentando no chão por falta de móveis suficientes, eles planejavam o futuro da primeira organização pelos direitos dos homossexuais no Brasil. As reuniões se alternavam entre sessões de conscientização e discussões. (GREEN, 2000, p. 273).

Podemos compreender este esforço como um certo tipo de associação. Pessoas comuns que, inconformadas com a realidade de repressão que o cotidiano lhes impunha, engajaram-se em formas de se associar, de constituir um espaço no qual pudessem trocar materiais de leitura, refletir sobre suas impressões, e debater questões que afetavam a todos. Esses primeiros passos foram vitais para que se tornassem um grupo de ativistas, que ampliaram as temáticas para além da sexualidade, contemplando também questões sobre discriminação social, artes, ecologia e machismo. Ao ampliar as temáticas, ampliaram não só o poder do grupo, que seria a semente de uma das primeiras organizações posteriormente denominada “Somos: Grupo de Afirmação

Sexual”, como sua participação política, inserindo-se em debates de universidades públicas, ainda no ano de 1979. (GREEN, 2000, p.274)

Guardadas as devidas proporções e considerações de temporalidades diferentes, esta forma de participação política, e frutífero campo de formação de ativistas tem extrema semelhança com as práticas de atuação da ONG Arco-Íris na atualidade. Por meio da promoção de encontros abertos ao público, com temáticas variadas, há o objetivo de disseminar informações de conscientização e cidadania e de exaltar a importância de práticas permanentes da negociação de diferenças e interesses para o benefício da comunidade LGBT, entre elas a Parada LGBT.

Em meio a um ambiente mais politizado, o movimento LGBT trouxe para o Brasil o formato daquela que ainda é, atualmente, a principal e mais proeminente estratégia de manifestação, a Parada do Orgulho LGBT, uma construção simbólica que desempenha o papel de dar visibilidade ao movimento, conforme definido por sua estratégia política. Chamam a atenção da sociedade por diferentes motivos, facilitando a inclusão de temas políticos nas pautas de discussão do poder público, de acordo com Prado e Machado (2007):

As Paradas, como evento estratégico da visibilidade homossexual, interpelam os mecanismos sociais e institucionais de inferiorização social e discriminação sofrida pela população homossexual na sociedade brasileira, transformando a condição de vida dessa população em tema público de discussão, debate e reflexão para o Estado e para a Sociedade Civil. Nesse sentido, a “Parada GLBT” tem se revelado uma importante ação coletiva de cunho político, enquanto instrumento de participação social e política de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transgêneros na sociedade contemporânea. (MACHADO e PRADO, 2007 citado por GUIMARÃES, 2012, p. 22).

Assim sendo, fica identificável o conceito de participação política apresentado por Dallari (2004) nas Paradas LGBT, pois embora existam os mais diversos motivos para se participar de um evento que exalte a diversidade, elas conjugam as ações de indivíduos e grupos em torno de uma finalidade comum: o combate à discriminação e à violência a que alguns grupos pertencentes a minorias estão expostos.

2.3.1 – Uma Nova Parada LGBT no Rio

Ainda que os militantes concordem no propósito de exaltar a diversidade e alcançar visibilidade pública, o conflito de opiniões entre eles, no modo de comunicar suas reivindicações, evidencia-se por meio da realização do evento I Nova Parada LGBT Rio de 2014, que ocorreu em

12 de outubro, domingo, com concentração no Posto 6 da Praia de Copacabana, onde parte do trabalho de campo foi realizado.

No início da tarde, na concentração do evento, havia vários participantes reunidos utilizando os materiais para a elaboração cartazes, disponíveis fartamente para quem desejasse. Grande parte do público jovem trocava peças de fantasias, arcos, capas e se enfeitava com bandeiras, trajes nas cores do arco-íris ou algum adereço mais colorido. Alguns membros de instituições religiosas carregavam *banners* com frases de apoio à diversidade. Adotando um formato diferente do tradicionalmente visto nas tradicionais Paradas LGBT, abolindo os trios elétricos e os potentes *megawatts* de som, a passeata contou com um megafone e uma bicicleta com uma caixa de som de alcance bastante limitado que embalava a animação do público até o momento da abertura da passeata, que contou com uma média de 300 participantes⁴⁵.

Antes do início da caminhada, o humorista Rafael Puetter, conhecido como Rafucko, que apelida a si próprio como “ditador gay⁴⁶”, empunhou o megafone e convidou Aécio e Dilma, dois participantes com máscaras brancas e roupas caracterizadas, representando os candidatos à presidência, que disputariam o segundo turno das eleições, para ao seu lado ouvirem a leitura do manifesto proposto para o evento. O manifesto pleiteava:

Criação de uma lei que regule o casamento civil igualitário, sem meias palavras. Criminalização da homofobia com penas socioeducativas para agressões verbais e atos discriminatórios, e agravamento de pena para crimes de lesão corporal e homicídio, sem meias palavras. Legalização do aborto pelo SUS e políticas de facilitação do parto em casa, sem meias palavras. Distribuição de material para prevenção do HIV, da homofobia e da violência contra a mulher em todas as escolas do Brasil, sem meias palavras. Programa mais trans, criação de políticas públicas para promoção da qualidade de vida para pessoas trans, como a aprovação da lei João Nery, sem meias palavras. Liberação imediata dos mamilos femininos, peito de fora não é ato obsceno, sem meias palavras. Reforma tributária e religiosa, tributação fiscal de toda instituição religiosa, sem meias palavras. Plena igualdade entre casais hetero e homossexuais no processo de adoção de crianças, sem meias palavras. (Manifesto Nova Parada LGBT, 2014)

Terminada a leitura do manifesto, iniciou-se o ato chamado de “sambada na cara dos bonecos de Levy Fidelix e Silas Malafaia e abraço corretivo no Paulo Gustavo”. Imagens

⁴⁵Disponível em: <http://blogs.odia.ig.com.br/lgbt/2014/10/12/parada-em-copacabana-cobra-de-dilma-e-aecio-acoos-para-lgbts/>. Acessado em 23 de jun. de 2015.

⁴⁶O apelido “ditador gay” foi escolhido em razão do Deputado Marco Feliciano ter publicado em seu perfil no *Facebook* a frase “Vivemos a ditadura gay”, quando o candidato Levy Fidélis foi condenado por homofobia.

ampliadas com os rostos de Levy Fidélis e Silas Malafaia estavam espalhadas no chão e o público foi convidado a dançar pisando em cima das fotos. O primeiro, é ex-candidato à presidência pelo PRTB e foi derrotado no primeiro turno. Também foi condenado a pagar uma multa de um milhão de reais, por danos morais⁴⁷, devido a declarações durante o debate eleitoral na televisão, em que associou a homossexualidade à pedofilia e afirmou que gays precisavam de atendimento psicológico. O segundo não tem cargo político, e é aliado da bancada evangélica que segue o mesmo pensamento. A parte do ato relacionada ao “abraço corretivo no Paulo Gustavo” não se concretizou em algum ato explicitamente. A imagem de seu rosto estava presa ao corpo de uma caveira cor de rosa presa a um tridente de plástico, empunhada por um participante.

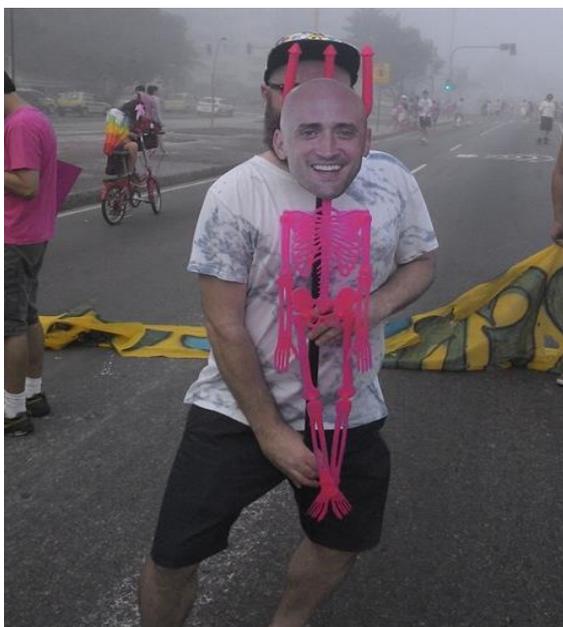


Figura 9: I Nova Parada LGBT Fonte: Gisele Paris, 12/10/2014.

O público se aglomerou na pista levantando os cartazes atrás de uma grande faixa amarela, exibida na frente, com a frase “Somos a rede social”, demonstrando a concretização de uma ação que teve início e convocação por meio das redes sociais, e ganhou adesão, forma de passeata e expressão pública.

⁴⁷Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/maisnoticias/brasil/2015/03/17/noticiasbrasil,3408503/marco-feliciano-se-posiciona-sobre-condenacao-de-levy-fidelix.shtml>. Acessado em 13 jun. 2015.



Figura 10: I Nova Parada LGBT Fonte: Gisele Paris, 12/10/2014.

A caminhada seguiu um bom tempo tranquila com palavras de ordem e cantos, mesmo com alguns pequenos grupos de 2 ou 3 homens que, em alguns momentos, cruzavam a passeata pela calçada, a pé, caminhando na direção contrária, gritando palavras de ódio (atos de homofobia) que eram invariavelmente ignoradas.

A estratégia de visibilidade adotada pelo movimento LGBT em busca da igualdade de direitos rompe as barreiras do privado e ocupa o espaço público. Atitudes de expressão pública ampliada das minorias, como no caso de uma passeata ou Parada, costumam gerar medo e reações contrárias em busca da manutenção do *status quo*, que vão desde “campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física, como o homicídio daqueles que, para eles, lhes sejam ameaçadores, embora ‘apenas’⁴⁸ no plano simbólico” (SILVA, 2006, p. 69). Em algum grau, atos de homofobia surgem quando alguma manifestação LGBT se apresenta, confirmando a possibilidade apresentada pelo autor.

Outra análise para esse tipo de atitude homofóbica, segundo Toro e Werneck (1996, p.21) é a da destruição por incompreensão. Uma mobilização social é uma oportunidade de congregar pessoas que se dispõem a contribuir para a construção de um interesse compartilhado, que passa a ser de todos. Quando esse interesse exclui alguém, esse alguém não irá se comprometer e vai buscar atacar, desestimular e destruir o movimento e a disposição dos outros para agir. (TORO & WERNECK, 1996, p.21)

⁴⁸ Segundo o autor, “‘apenas’ é somente uma figura de retórica, pois a violência simbólica é real, é injuriosa e tem poder no processo construtivo da identidade (SILVA, 2006, p. 69).

Durante a caminhada, abordei alguns participantes buscando respostas sobre as razões da existência de uma Nova Parada, como denominado no convite, e sobre a diferença na politização do formato. A temática sobre o aumento do conservadorismo e o combate à homofobia surge em várias entrevistas. Ao perguntar a um homem de 25 anos sobre o motivo de sua participação, seguiu-se a seguinte resposta:

Eu acho que tem um viés político, e acho importante. Primeiro tem aquela coisa da exposição, da gente mostrar que existe e tal, embora hoje em dia isso não tenha mais tanta necessidade, que a galera já sabe. Acho que isso nos anos 90 era mais forte, essa coisa e isso agora já não precisa. Mas tem a própria pauta que tá sendo colocada ali, tá sendo lembrada e tá num momento complicado. Tem duas forças muito fortes agora, acho que tem a força pró, a força ativista que é a que tá aqui, e tá tendo uma parte reacionária que tá caindo em cima, Bolsonaro e Malafaia.

Sobre a politização do movimento que estava acontecendo, em relação à parada oficial, opina:

Tô (sic) achando esse aqui mais politizado. Eu não achava a outra parada ruim, como muitos gays até falavam: “Ah, que isso aqui (a Parada Oficial) é só festa!”, porque o carnaval hétero também é festa, enfim, só a festa também valeria a pena. Mas aqui acho que tá com uma força maior nas pautas, na discussão da mensagem, acho que tá rolando mais. Se não fosse já valeria, mas não, tem esse discurso também. (Entrevista 3 da nova parada LGBT).

Uma jovem de 25 anos levantava um cartaz onde se lia “O conservadorismo aumentou e a resistência também – Movimento de Mulheres Olga Benário RJ”. Questionada sobre a razão de participar e a necessidade de aumentar a resistência, disse:

Eu vim participar porque eu acho que o movimento de mulheres também tá nessa luta não só pela igualdade de gênero, mas pela liberdade sexual também, igualdade de direitos para todos os gêneros.

E por que você veio participar dessa Nova Parada LGBT?

Porque a outra parada, ela é uma parada que não tem um caráter tão político quanto tá tendo essa agora. É uma nova parada porque tem um caráter mais político, e não só de festa e não é aparelhada pelo governo, você vê a maioria das pessoas que tão(sic) aqui são militantes independentes, militantes que fazem a luta. A desculpa da outra parada pra não ter foi pela falta de verba e o que eu acho assim é que, como tava (sic) escrito na descrição do evento, da ideia da nova parada é que não precisa de dinheiro, a gente não precisa de dinheiro para exigir direitos. Os movimentos sociais historicamente foram movimentos sem apoio financeiro, com pessoas independentes movimentos populares independentes, e a gente tá (sic) na rua, a rua é pública e a rua é o lugar que a gente tem que tá (sic) para tá (sic) exigindo esses direitos, sem necessidade de ter apoio de algum governo, de algum político ou de algum órgão específico que dê dinheiro.

Por que ela está mais politizada? Só porque não tem dinheiro da verba? Qual é a questão exatamente?

Foi construído um manifesto junto com vários movimentos de mulheres, movimentos por igualdade de direitos de gêneros, e a gente fez com a nossa pauta, com o que a gente quer que, esses políticos que vão ser eleitos, tanto a Dilma quanto o Aécio, ou como agora no Rio vai ter eleição pra governador, haja uma pauta exigindo direitos e politizando esse evento porque o conservadorismo nessas eleições aumentou muito, tanto a bancada evangélica quanto a bancada ruralista, todas essas bancadas aumentaram muito no senado e, em contrapartida, a resistência também aumentou. A gente não acha que tem que esperar o segundo turno passar pra poder vir pra rua exigir direitos, eu acho que esse é o momento de tá (sic) na rua para exigir direitos, pra avisar pra esses políticos que a gente não vai ficar em casa esperando eles decidirem da cabeça deles o que é melhor pro gay, o que é melhor pra mulher, o que é melhor pro travesti, o que é melhor, sei lá, enfim, nós somos pessoas e a nossa voz tem que ser ouvida, nunca as pessoas ganharam direitos, nunca na história da luta dos movimentos sociais os trabalhadores ganharam direitos de graça, pela boa vontade, pela benevolência do Estado e dos seus braços, seus políticos e etc. Os direitos das pessoas, os direitos sociais dos trabalhadores, das mulheres, enfim, foram conquistados sempre, historicamente. É por isso que vir pra rua é fundamental pra exigir e pra mostrar pra sociedade, que é também conservadora na sua maioria, porque se não fosse a gente não teria essa bancada sendo eleita, aumentando de forma expressiva como aumentou. A sociedade conservadora precisa ser confrontada também, as pessoas têm que tá (sic) na rua pintadas, as pessoas tem que tá (sic) na rua sim, as mulheres com os seios de fora. Por que o homem pode andar sem camisa e não é estupro na rua e se a mulher andar sem camisa é estupro? Por que? Porque é crime, o corpo da mulher é criminalizado o tempo todo, pelo Estado, pela sociedade, e a gente tem que tá (sic) na rua chocando mesmo, tanto as pessoas quanto os governos, e outros movimentos que não são presentes, mas que deveriam. Enfim, eu acho que a rua é o espaço historicamente de luta. As lutas se construíram na rua e os direitos foram conquistados historicamente, nunca foi dado nada de mão beijada pra ninguém.

Como disse o deputado estadual Carlos Minc (PT-RJ), ao convocar o público a lutar contra o preconceito, durante discurso de abertura do desfile da Parada LGBT de 2014: “Tremei reacionários e conservadores. A sociedade vai dar uma resposta a esse ódio. E essa resposta sempre será o povo nas ruas, pedindo mais liberdade e amor.”⁴⁹

A questão de realização do evento antes do segundo turno das eleições, como citado também na resposta anterior, destaca-se como força convocatória urgente para o posicionamento dos candidatos e, em algumas falas, apresentam um pouco de desconfiança, como para este participante de 30 anos:

⁴⁹ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/publico-de-parada-lgbt-toma-orka-para-cobrar-politicas-publicas-o-fim-da-homofobia-14576917>. Acessado em 17 jul. de 2015.

Acho que por causa da intenção principal da parada, que é um manifesto pros políticos se posicionarem, porque como a verba não saiu pra fazer a parada, eu acho que foi muito conveniente por causa do segundo turno, então acho que o fundamento do manifesto é esse, para que os políticos se posicionem a favor das causas homossexuais.

E como você acha que esse tipo de movimento pode trazer essa resposta?

É pra trazer visibilidade mesmo. Se colocar na agenda política na verdade. Existe uma necessidade do movimento, e não só no movimento, mas de todo homossexual que sofre preconceito, que sofre violência, que ele quer medidas e políticas públicas que possam fazer com que ele não sofra mais isso, que ele possa ser tratado igual. Então é uma necessidade que a gente sente na verdade de fazer isso antes das eleições, pra que haja uma conscientização, e sobre a nossa importância também, a importância de existir, dessa necessidade de respeito da igualdade, de respeito da diversidade. Então é isso, a gente tá nessa.

Um dos organizadores do evento, o ativista LGBT Rafucko, buscou adotar um discurso de conciliação, defendendo a existência das duas paradas na cidade, mas criticou o adiamento da Parada LGBT oficial, afirmando que:

Vou deixar claro, eu falo por mim e vou falar o que tá(sic) no manifesto, que ninguém, tipo (sic), a gente combinou que o manifesto é a única fala que tem. Ninguém tá(sic) autorizado a falar pela parada. Vou te explicar o que tá(sic) no manifesto. É que a Parada do Rio foi adiada por falta de verba de patrocinador, e essas pessoas se reuniram pra mostrar que não precisa de dinheiro para pedir direitos. A gente fez 8 pautas unindo várias lutas de liberdade ao próprio corpo, da mulher, da trans, dos gays e lésbicas, e trouxe pra cá, e nesse momento tão importante que é a eleição sabe, segundo turno, tão pautado pela homofobia essa eleição, então a gente achou que era importante marcar posição. Na história do mundo quantas manifestações existiram e que não precisaram de verba?

Ao ser questionado sobre por que ele acha importante, nos dias de hoje, uma manifestação que não tenha recursos, o organizador explica a escolha do tema da Nova Parada:

Eu acho que é mais fácil dela ser direta ao ponto, porque a gente tem hoje, enfim, não só em parada gay, política, todo o espectro sempre tem dinheiro envolvido tem uma meia palavra, e esse é o slogan que a gente escolheu: Sem meias palavras. E acho que uma coisa importante pra essa independência é não depender de ninguém, seja de dinheiro, de apoio, de patrocínio, por isso que é cada um por si, cada um chama quem quiser, cada coletivo se organiza, vem, tipo, eu vim como Rafael.

Uma outra participante de 25 anos explica por que resolveu estar presente:

Porque eu sou gay, sou tudo, acho que a gente é todo mundo, não só gays, lésbicas, trans, mas negros e todas as minorias, minorias não, porque negros são maioria, mas todas as classes oprimidas, e é muito importante porque

agora, tempos de Bolsonaros e Felicianos e, enfim, eles só tão(sic) crescendo, e a gente precisa crescer também, então é importante a gente mostrar pra todo mundo que a gente também é forte.

Dois amigos de 40 anos com barbas e adereços também explicam a razão de participarem da Nova Parada e a como compreendem sua politização:

Olha, primeiro pelo intuito político. Acho que tudo isso aqui é o intuito político da reivindicação dos direitos, principalmente isso. Por isso que eu acho que hoje teve essa parada, que em termos foi fictícia, pra trazer mais o intuito político do que a brincadeira em si na rua. Essa é minha interpretação. A parada oficial é uma grande festa. Já se tornou uma grande festa há muito tempo, então tem música, tem dança, não tem uns cartazes na rua, não tem a reivindicação mais tão evidente como tá tendo aqui hoje.

Estou lendo no seu cartaz a frase “O cartaz tem clamor”. O que isto quer dizer?

Pra fazer ser visto, fazer ser ouvido também. O cartaz tem a frase de impacto, o clamor. Mas eu acho que todos os movimentos são importantes, a parada oficial, as paralelas, porque descentralizar é fortalecer, quando você descentraliza você pulveriza e você entra no meio das pessoas e todo mundo te ouve, é isso que é importante, ser ouvido quanto mais vezes puder, a maior quantidade de pessoas possível.

Um casal empurrando um carrinho de bebê caminha junto com a passeata. Pergunto ao homem, 35 anos, por que decidiu participar.

Porque eu participei em várias, a verdade é que eu não morava aqui no Rio antes, eu morava em Paris e sempre participava lá, e é a primeira vez que eu tô (sic) participando nessa aqui, me parece mais esperto participar nessa que, justamente fala que não se precisa de dinheiro para reclamar por direitos, do que na outra.

E qual é a diferença da que está acontecendo hoje aqui pra as que você já participou em outros anos, lá no seu país?

A de Paris, em relação a essa é muito maior. Eu acho que tem facilmente de 500 mil a 1 milhão de pessoas. É um negócio muito festivo, muito mais do que político. Lá na França, às vezes é muito despolitizado mesmo.

O que você entende por ser despolitizado?

Coisas assim tipo, de não pautar questões que tavam(sic) óbvias, evidentes. Eu lembro que em época de eleições eles diziam: que ganhe o partido socialista, que ganhe o Sarkozy é a mesma coisa pra gente, a gente já ganhou, porque os dois se comprometeram com certas coisas. Então, de pensar isso, só de um lado de aquisição de direitos, mas não se vê questões em benefício do trabalhador, por exemplo. Então tinha essa coisa que era

mais da festividade, ou em momentos em que tinha tido(sic) crimes homofóbicos semanas antes, do qual não eram falados durante a marcha, então tinha essa coisa bem mais de festa. Os carros, muitos dos carros são carros de boates na verdade, de boates gays. Bancam os carros alegóricos, carro de som, muito mais do que organizações, mesmo quando são as organizações que abrem o evento.

Considerando as críticas ao formato espetacular da Parada LGBT, de valorização à festa, esta natureza descontraída também é parte de uma estratégia de comunicação, como nos mostra o depoimento de uma ativista do Grupo Corsa, lembrando as raízes do ato aqui no Brasil, a respeito da construção da 1ª Parada do Orgulho GLT (sigla da época), em São Paulo:

(...) A nossa discussão ficou entre passeata e parada. Mas a questão da passeata tem uma conotação política muito forte, assim, e, apesar do evento ser político, ele não é só político. Tem todo um lado de festa, de alegria, de brilho, que está aí, está paralelo. E é até uma forma de mostrar para a sociedade como a gente vive bem a vida e não tem problemas assim existenciais com relação à orientação sexual. E seria, também, uma coisa que afugentaria muita gente, imagina: ‘Vou a uma passeata gay’ (FACCHINI, 2005 citado por GUIMARÃES, 2012, p. 89).

Com a possível reconstrução da cidadania no país, após as eleições indiretas de 1985, a militância, que até então trabalhava em projetos de transformação social, passou a focar os direitos civis. Essa mudança se deu pelo surgimento da Aids, que fez com que as leis e as ações junto às políticas de combate a esta doença se transformassem nas questões mais importantes. Nesse período, começa uma aproximação entre as organizações da sociedade civil e o governo, que passa a financiar projetos para políticas de prevenção e combate à doença, consolidando a proposta de comunidade, e fortalecendo o ideal de identidade sexual (PARKER citado por SILVA, 2006).

Ainda na década de 80, o Brasil viveu aquele que pode ser considerado seu mais rico período de discussões sobre cidadania, que ocorreram durante os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte instalada em 1987 e finalizada em 1988. Nessa época, representantes dos diversos movimentos sociais, dos trabalhadores urbanos e rurais, das entidades de classe, do empresariado e de diversas outras parcelas da população se mobilizaram, em busca de colocar na agenda constituinte suas reivindicações.

Esse novo cenário pode ser apresentado como o que apresentou às novas gerações o que era a democracia. Toro & Werneck (1996, p. 9) a definem como uma ordem social que “se caracteriza pelo fato de suas leis e suas normas serem construídas pelos mesmos que as vão cumprir e proteger”, considerando a democracia uma ordem autofundada, que não pode ser imposta, “devendo ser quotidianamente construída”. Surge pela decisão de uma sociedade que, a partir de uma união de propósitos e do respeito às diferenças, acredita na possibilidade de sua

criação. Ao descobrir que a construção da sociedade depende de suas escolhas e suas vontades, assumindo que têm nas mãos o seu destino, as pessoas podem transformar a democracia em realidade. Partindo deste conceito de democracia, os autores percebem o cidadão como “a pessoa capaz de criar ou transformar, com outros, a ordem social e a quem cabe cumprir e proteger as leis que ele mesmo ajudou a criar” (TORO & WERNECK, 1996, p. 10).

Imbuídos de sua própria força, consciência de direitos e compreendendo o quão fundamental era a construção de resistências dentro de uma democracia, uma das maiores realizações do Grupo Gay da Bahia foi a luta pela retirada da homossexualidade do rol de doenças, uma vez que esta era classificada como desvio e transtorno sexual, segundo o código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças (CID). Essa contenda, apoiada por uma petição com dezesseis mil assinaturas, contou com o apoio de parlamentares, personalidades públicas e diversas entidades, e assim pôde impactar direta ou indiretamente nas questões sobre políticas públicas nacionais. Como resultado, em fevereiro de 1985, o Conselho Federal de Medicina publicou uma resolução retirando a homossexualidade do rol de doenças, antecipando a decisão da Organização Mundial de Saúde (OMS), que só baixou a mesma resolução em 1991.

Conforme salienta Green, esse período foi marcado pelo aumento da violência contra a população LGBT no Brasil. Segundo o autor, foram documentados por Luiz Mott mais de 1.200 assassinatos de homossexuais masculinos e femininos entre meados das décadas de 1980 e 1990.

O caso que exemplifica de forma mais dramática a violência contra homossexuais no Brasil envolveu, em 1993, o assassinato de Renildo José dos Santos, vereador do município de Coqueiro Seco, no estado de Alagoas. Em 2 de fevereiro de 1993, a câmara municipal aplicou-lhe uma suspensão de suas atividades por trinta dias porque ele havia declarado num programa de rádio que era bissexual. Ele foi acusado de “praticar atos incompatíveis com o decoro parlamentar”. Quando terminou o período de sua suspensão, ele não foi readmitido e teve que pleitear a ordem de um juiz para que pudesse reassumir seu posto na câmara. No dia seguinte, ele foi sequestrado. Seu corpo foi encontrado em 16 de março. Seus braços e a cabeça haviam sido amputados e o cadáver queimado. Apesar de cinco homens terem sido presos nesse caso, incluindo o prefeito da cidade, eles foram inocentados de qualquer envolvimento no assassinato. Ninguém foi punido por esse crime. (GREEN, 2000, p. 289).

Foi nesse período que o movimento homossexual passou a ter uma atuação mais política, com foco na busca por cidadania. Em seu livro *Sopa de Letrinhas? Movimento Homossexual e a Produção de Identidades Coletivas nos anos 1990*, Regina Facchini relata como os grupos que compõem o movimento homossexual buscaram definir e se guiar por suas siglas, uma vez que elas

orientavam suas ações e representavam suas bases teóricas e políticas, revelando “processos de construção e reconstrução de identidades coletivas, as implicações que elas têm em termos de inclusão ou exclusão de comportamentos aos indivíduos que poderiam ser alvos da ação do movimento.” (FACCHINI, 2005, 272).

Como tanto a faceta de mobilização social, como o frequente desempenho político do movimento LGBT brasileiro ainda são pouco conhecidos do público em geral, as Paradas LGBT, através de seu aspecto festivo simulam as celebrações carnavalescas, e são vistas como menos “aborrecidas”, proporcionando aos militantes uma forma de ampliar seu espaço social e político, e de questionar a ordem estabelecida enquanto expressam suas reivindicações. Ambos formatos sendo paradas ou passeatas são atos políticos e se retroalimentam, como na compreensão de um homem de 30 anos, participante da Nova Parada:

Porque a parada é muito mais um movimento político do que simplesmente um evento, então como a parada esse ano foi, parece que foi mexida, por motivos políticos, essa parada foi organizada justamente para lembrar dessa razão, de ter a parada. É igual ao movimento oficial, só que o que acontece, quem não ficou satisfeito com essa ideia de adiar a parada né, de data, tá vindo aqui também. Fortalece. Agregar sempre é bom. Dividir é que não pode.

Isso fortalece a opinião dos organizadores da Parada do Orgulho LGBT do Rio, que, ao levar um grande público à orla de Copacabana no evento realizado em 2014, reforçam o entendimento de que a Parada é sim um ato político, como afirma a representante do Grupo Arco-Íris, organizadora do evento, em entrevista:

Se imaginarmos que ainda há uma grande parcela de LGBTs que vive escondida nos guetos e neste dia está se mostrando, andando de mãos dadas ou se beijando, isso prova o caráter político do evento. Fala-se em carnavalização, mas o carnaval também reivindica. (O GLOBO por Vanini, 2014)⁵⁰.

Ao instaurar estratégias de espetacularização e práticas de festa, as Paradas visibilizam os aspectos de mobilização social e luta política das minorias, ao mesmo tempo que, enquanto passeatas, mantêm seu caráter político e reivindicatório. Isso é reforçado pela visão de Silva (2006), que entende que o aspecto político continua presente no evento, tendo ocorrido apenas uma reestruturação na forma de manifestação política, com a aproximação da festa à política, prática até então impensável.

⁵⁰Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/publico-de-parada-lgbt-toma-orla-para-cobrar-politicas-publicas-o-fim-da-homofobia-14576917>. Acessado em 12 de jul de 2015.

Ainda assim, podemos descrever ambos os formatos de passeata ou Paradas como acontecimentos de cunho político, que mesmo com diferentes percepções por parte do público têm como principal objetivo expandir a visibilidade da parcela da população que se reconhece como LGBT, compondo um processo maior de mobilização social, manifestando seu desejo por mudanças sociais na construção das identidades de gênero e, ao mesmo tempo reivindicando seu lugar na ordem social existente, cotidianamente.

3. NARRATIVA POLÍTICA E ENUNCIÇÃO SOCIAL FESTIVA

Este capítulo tem o objetivo de analisar as práticas de espetáculo, festa e argumentação presentes nas Paradas LGBT bem como as dimensões de mobilização social e política observadas a partir da visão da pesquisadora como voluntária no evento realizado em 2014.

Iniciando com a descrição da Parada LGBT de Madureira, considerada a segunda parada do Rio de Janeiro em importância e em público, apresento os aspectos de espetáculo e o destaque que a dimensão festiva ganha neste desfile-mobilização, uma vez que o aspecto argumentativo não está tão evidente. Exploro a forte busca por visibilidade das ditas minorias sexuais no evento da Zona Norte, e comparo alguns destes aspectos observados na Parada LGBT da Zona Sul.

Praticando a observação participante, descrevo as ações sociais e o trabalho realizados pelo voluntariado de acordo com as orientações e planejamento da organizadora, os espaços existentes e seu uso e, por fim, as questões não previstas como a violência, e as discussões e aspectos políticos apresentados pelas faixas e *banners* que enfeitavam os trios elétricos, observados durante a realização da Parada LGBT de Copacabana, na edição de 2014.

3.1 – FRESTA NA FESTA: ALGUMAS COMPARAÇÕES ENTRE A PARADA DO ORGULHO LGBT EM MADUREIRA E EM COPACABANA

Bairro carioca com uma efervescência cultural ímpar, Madureira abriga a realização de ensaios de escolas de samba, bailes charme, apresentações do Jongo da Serrinha, feiras gastronômicas e uma gama de atrações para diversão de diferentes gostos e tribos. O bairro originado às margens da malha ferroviária urbana, a partir de sua expansão no final do século XIX, abrigava a classe operária das fábricas denominada como suburbanos; sub-urbanos, porque foram criados distante do centro econômico e cultural da urbe, com o propósito de retirar a classe operária de baixa renda que lá vivia. Pensando em sua dimensão geográfica e na centralidade econômica que exerce na atualidade, é importante ressaltar que uma das características sociais do subúrbio é o acolhimento e Madureira não é indiferente, nem impessoal, a estas sociabilidades (OLIVEIRA, 2013).

O percurso de trem da estação Central à estação Madureira, mesmo com as poucas composições disponíveis aos domingos, não levou mais do que vinte e cinco minutos. A cada estação, mais participantes chegavam e se juntavam incrementando a animação das conversas durante a viagem, práticas muito similares às que ocorrem nos deslocamentos por meio do metrô em dias de Parada LGBT na Zona Sul do Rio. Após o desembarque, com saída para a Rua Carolina Machado, os grupos se dispersavam em direção às vias de acesso à Rua Carvalho de Souza, ponto de concentração da 14ª Parada do Orgulho LGBT de Madureira, na Zona Norte da cidade.

No trecho próximo ao Viaduto Negrão de Lima, um grupo de evangélicos recepcionava com cantos, danças coreografadas e jargões gospel o público que chegava. Alguns ofereciam “abraços grátis” e explicavam que “os religiosos homofóbicos excluem, mas nós incluimos”. Convidavam a visitar um culto da Igreja Contemporânea, que tem sede no mesmo bairro, onde funcionava um antigo cinema na Galeria Edgard Romero. Diferente da maioria dos locais públicos no Rio de Janeiro, ao que parece, lá é um local onde é possível declarar-se LGBT e evangélico publicamente, sem medo de sofrer alguma violência.



Figura 11: Grupo religioso da Igreja Contemporânea, em 2014. (Fonte: Facebook, 23/06/2014).

Com o tema “Direitos e justiça igual para todos”, a tarde de 20 de julho nas proximidades do Calçadão de Madureira foi embalada pelo som do funk e músicas eletrônicas dos oito caminhões de trios elétricos. Enfileirados até a altura da escola de samba Império Serrano, todos com os tradicionais arcos de bolas coloridas, cada trio exibia uma cor e pertencia a um grupo ou temática. Acima dos oito trios, um “teto” de cordões de barbante com fitas metálicas prateadas, preso entre os postes, formava um “céu reluzente” com três balões de gás hélio que exibiam o patrocínio do programa estadual Rio Sem Homofobia, realização do grupo Movimento de Gays, Travestis e Transformistas (MGTT) e logomarca da prefeitura para o desfile da diversidade.

Inversamente aos trios vistos na orla de Copacabana, as laterais, traseiras e dianteiras apresentavam poucas lonas ou faixas com frases. Dois trios exibiam o título do evento e o tema, em um mesmo formato, em todos os lados. Um trio exibia uma faixa bem pequena com o título “Coquetes, o bloco! Primeiro bloco gay de Madureira. Junte-se à nós”. Três banners com fotos da Rainha Gay do Carnaval LGBT do Rio de Janeiro em 2014 e uma faixa do Site Club, boate gay de Nova Iguaçu, decoravam outro trio. No seguinte, somente uma faixa pequena do “Grupo Gay Atobá – Utilidade pública Municipal e Estadual” afixada na grade superior do trio. A boate gay localizada em Madureira, a Papa G, estampava a traseira e metade da lateral de um trio, junto a um pequeno banner da Prefeitura do Rio de Janeiro. Um ônibus estampado com a logomarca da empresa FM O Dia, estacionado na Av. Ministro Edgar Romero, ao lado do primeiro carro, o de abertura, fornecia internet sem fio para o público.

Referência do bairro de Madureira, a escola de samba Portela afixou sua bandeira e uma faixa azul e branca, estampada com duas mãos se apertando em um gesto de cumprimento, na lateral de um dos trios, logo abaixo da imagem de uma águia, símbolo da

escola, junto à frase “Comunidade sempre presente”. Apesar de o desfile passar na frente de outra escola de samba, a Império Serrano, forte ponto de referência no bairro, nenhuma pista de sua presença junto ao evento foi encontrada.

A organizadora da Parada LGBT, o grupo MGTT ocupava o trio de abertura que exibia, em um dos lados, uma faixa com o título da edição junto com a logomarca da Prefeitura do Rio de Janeiro. Contrastando com a prática do evento em Copacabana, poucas pessoas ocupam os trios em Madureira. Alguns caminhões de trio são de formato diferente na parte superior, com espaço restrito e capacidade limitada, e suportam um número menor de pessoas. Somente o primeiro trio mostrava um número um pouco maior de pessoas entre lideranças, ativistas, convidados e imprensa.

A produção de materiais e lonas que cobrem e decoram os trios tem custo muito elevado de confecção. Somada às exigências legais que um evento desse porte precisa cumprir, somente com expressivo recurso financeiro torna-se possível viabilizar esse formato de Parada LGBT. De toda forma, as frases referentes às reivindicações do movimento LGBT ou informações sobre serviços e direitos ficaram disponíveis nas tendas de ação social. Mesmo com o corte de cinquenta por cento da verba previamente programada pela Prefeitura, a equipe organizadora conseguiu incluir as tendas com oferta de serviços sociais aos cidadãos, na parte da manhã, como, por exemplo, prevenção à tuberculose, hanseníase, distribuição de kits com camisinhas, vacinação contra hepatite B, testagem de HIV, posto de informações do conselho tutelar e da defesa civil. Além das equipes de emergência, obrigatórias nas Paradas LGBT, a campanha Lixo Zero também foi apresentada com duas garfis apoiando uma grande faixa com a frase “Não jogue lixo no chão. Evite ser multado.”, com uma versão também em espanhol.

O público compareceu em massa, segundo os organizadores, alcançando um recorde de um milhão de pessoas⁵¹, e após as 18 horas era quase impossível circular nas vias do evento. A Rua Carvalho de Souza, onde os trios estavam estacionados, possui largura para a passagem de dois automóveis por vez. Certos trechos com calçadas estreitas permitem acesso aos prédios e lojas em imóveis bem antigos, que na ocasião estavam fechados por tratar-se de um domingo. Carrocinhas e isopores de vendedores ambulantes, além da instalação de

⁵¹ Disponível em: <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-07-20/parada-gay-de-madureira-reune-cerca-de-um-milhao-de-pessoas-diz-organizadores.html>. Acessado em 08 de set 2015.

banheiros químicos, ocupavam ambos os lados das calçadas gerando uma grande aglomeração dos participantes entre os trios elétricos, as filas das portas dos banheiros e os ambulantes que dividiam o mesmo espaço. A logística não oferecia áreas de escape, geralmente necessárias para uma manifestação deste porte, o que ocasionou alguns tumultos.

Ao tentar sair de um ponto, próximo ao primeiro trio, em direção à estação de trem, segui atrás de participantes que conseguiam avançar em fila, como fizeram outros também, que vieram atrás de mim, formando assim um fluxo pujante, com ritmo mais consistente. Repentinamente, um volume maior de pessoas na direção contrária à nossa choca-se com o fluxo, dissolvendo-o e interrompendo o deslocamento, gerando tensão entre grupos que pretendiam seguir em direções antagônicas. No choque, não há controle de direção que se faça possível. Dissolvido, o grupo perdeu a potência e cada um passou a exercer a própria ação individual buscando uma fresta rumo ao seu objetivo. Ali várias negociações aconteceram de acordo com o desejo e possibilidade de cada um. Havia participantes que empurravam o corpo alheio para abrir à força algum caminho; muitos paqueravam e se beijavam vivenciando a experiência de liberdade, rara no cotidiano, proporcionada pelo acolhimento da Parada LGBT, ainda que se tornem, ao mesmo tempo, um obstáculo a ser evitado. A força do encontro não abalou os que dançavam sem preocupação com o ritmo ou mesmo com todo o resto, expressavam-se como em um estado de transe, como também outros descarregavam sua energia pulando e cantando, além dos que, festejando, consumiam o que compravam dos vendedores ambulantes presentes pelo caminho.

Nisso consiste uma grande diferença em relação à Parada LGBT de Copacabana. A característica geográfica, da amplitude do espaço urbano no trecho do desfile, permite a qualquer participante se retirar do fluxo a qualquer momento pelas laterais do desfile, seja em direção à praia ou em direção à outra metade da via. Na Avenida Atlântica, em Copacabana, é possível exercitar de forma mais flexível, tornar-se parte do desfile ou observá-lo, retomando-o em outro ponto, quando assim se desejar. Há também o fato da Avenida Atlântica ser um ponto turístico e ao mesmo tempo residencial, permitindo a participação das pessoas por meio de janelas, varandas e coberturas de suas casas. O roteiro do trajeto da Parada LGBT em Madureira, apesar de ter uma vila de casas ou algum sobrado, é essencialmente comercial, o que não deixa margem para esse tipo de participação.



Figura 12: Rua Carvalho de Souza, concentração da Parada LGBT de Madureira, em 2014. (Fonte: *O Dia*, 20/07/2014).

No dizer de Jean Duvignaud, a festa é um desses elementos que nos possibilitariam compreender o que nos liga uns aos outros, que cria vínculos, que produz elos. Para o autor, explica-se destarte o que acontece quando os homens se reagrupam nestes momentos privilegiados, de transe e de festa

permitindo às pessoas e coletividades sobrepujarem a “normalidade” e chegarem ao estado de transe, onde tudo se torna possível porque o indivíduo se inscreve em sua essência humana, em uma natureza que ele completa pela sua experiência do ainda não vivido, de aventurar-se corajosamente no desconhecido. (DUVIGNAUD, 1983, p.222)

A Parada LGBT do subúrbio promove, por meio de uma festa da causa LGBT, a possibilidade de experimentar o afeto a céu aberto na coletividade, integrando-se em um movimento social, para além do sentido carnavalizado bakhtiniano, ofertando aos sujeitos inversões cotidianas do comportamento heteronormativo dominante. Festejando, cada indivíduo aciona a capacidade de romper com a ordem estabelecida, liberando-se de si mesmo, das interpretações que por vezes não dão conta ou mesmo sufocam as realidades. Em um universo sem leis surgem frestas que possibilitam ao indivíduo experimentar, tornar-se outro, em um outro mundo, onde ele pode ser amparado e transformado por forças que o ultrapassam. (DUVIGNAUD, 1983, p.212)

Não se pode considerar apenas a comunhão entre os participantes. Desentendimentos na negociação de idas e vindas geram brigas, xingamentos e lutas que coexistem com a

harmonia na celebração. Para me afastar de uma briga, segui um pequeno fluxo que se formava, apesar de retornar para a direção de onde vim. Há momentos em que não se tem escolha de direção para transitar. Pode-se ter que aguardar mais do que o tempo desejado para alcançar o destino previsto. É o efervescente coletivo que coordena a direção, não o sujeito em seu desejo individual, e como consequência, distribui-se naquele espaço restrito a aglomeração que se forma no entorno dos trios.

Assim se opera o deslocamento da massa de corpos na manifestação e, pode-se dizer que de forma muito semelhante, considerando que a festa está no campo do imaginário, torna-se possível vivenciar a experiência de um mundo anômico, que desloca os sentidos estabelecidos permitindo o aventurar-se. Onde uma comunidade se encontra reunida por uma festa, “uma capacidade de criação e inovação age sobre a existência coletiva, transformando-a e perturbando-a, sugerindo novas formas que, cristalizadas, vão pesar sobre os membros da sociedade” até que outro questionamento se estabeleça, gerando dessa forma um embate permanente (DUVIGNAUD, 1983, p.230).

Em Madureira, não ocorre o ritual da bandeira que convoca os participantes ao ato de “levantar as cores” do arco-íris, num gesto de celebração ao orgulho LGBT, promovendo a integração dos participantes ao ato característico da dimensão festiva (MAFRA, 2008). O trajeto, com cerca de um quilômetro de extensão, é estreito na concentração tanto na Rua Carvalho de Souza quanto no pequeno trecho da Avenida Edgar Romero, onde faz uma curva em forma de “S”. Até que metade dos trios alcancem a via mais larga do percurso, na Estrada do Portela, o deslocamento do público não ocorre de forma fluida antes do final da tarde. Ao anoitecer e durante o desfile dos trios, boa parte dos participantes parece não se deslocar, talvez pela impossibilidade logística, citada acima, ou por uma preferência em assistir ao desfile, antes de segui-lo. Talvez seja essa atitude que leva aos bloqueios de saída e às aglomerações em massa que impedem a fluidez na circulação local.

Grande parte do público participante não usava fantasias ou adereços em suas vestimentas, entretanto a estética surge em outras formas. Cabelos coloridos, cortes assimétricos, penteados, uso de bonés, chapéus e óculos cintilantes ou escuros, para combinar com o mais importante item a ser vestido, “a alegria da festa”, para exercer não só a liberdade do afeto público como o divertir-se.

No discurso de abertura, tomaram a palavra algumas lideranças do movimento LGBT e outros representantes. A *drag queen* Suzy Brasil lançou um longo grito de boa tarde e interagiu com o público entre brincadeiras, piadas e inclusive apelos, como por exemplo, para que ninguém usasse o banheiro do Shopping Madureira para fazer sexo; alertava ao público para tomar cuidado com a “*Elza*, que estava à solta”, indicando que todos tomassem mais cuidado com seus pertences, prevenindo-se contra furtos. Na gíria gay, “dar a elza” é sinônimo de roubar. A mesma precaução vinha sendo abordada pela liderança do evento em entrevistas⁵² anteriores, explicando como transcorreria a segurança nesta edição.

A questão da segurança ficará por conta do Estado e Município com policiais do 9º Batalhão de Polícia Militar com total organização e segurança e a Guarda Municipal com grande reforço para este evento, além da Defesa Civil e cem seguranças como apoio colocados pela organização da Parada. Aproveitamos o momento para solicitar que as pessoas não coloquem suas carteiras e celulares nos bolsos traseiros para evitar furto.

De fato, notei policiais militares em pontos específicos, um carro da polícia estacionado próximo à concentração, outros três policiais com motos na Estrada do Portela, mas sem nenhuma torre de observação ou mesmo alguma estrutura que permitisse uma visão geral do público. Não identifiquei seguranças de apoio, exceto nas portas de acesso dos caminhões de trios elétricos. Também não havia sinalização de cuidado com a distância de segurança entre os trios e os participantes. Encerrados os discursos, iniciou-se o lançamento de fogos de artifício para marcar o início do desfile, por volta das 19h.

Na peça de divulgação do evento, constam as imagens da atriz Viviane Araújo e do promotor David Brasil como padrinhos da Parada LGBT de Madureira, entretanto não observei a presença física dos mesmos em nenhum dos trios. Inversamente, a Parada LGBT de Copacabana não incluiu nos últimos anos imagens de pessoas famosas em seu material de divulgação, apesar de ter a presença de celebridades no trio de abertura invariavelmente. A estratégia no uso de celebridades difere entre a Parada da Zona Sul e a Parada da Zona Norte. O uso das imagens no convite do evento da Zona Norte da cidade aposta em um possível interesse do público quando há o reconhecimento da presença de celebridades. É comum que participem da manifestação em alguns anos, durante algumas horas, assim como

⁵² Entrevista concedida para a Revista S!, Ano XII, nº143, jul 2014.

aleatoriamente apresentando outros eventos do calendário do movimento LGBT, como entrega de prêmios, ações beneficentes e concursos.

O evento termina quando o último trio cruza a frente da quadra da escola de samba Império Serrano. As vias interditadas devem ser reabertas ao trânsito às 23 horas, e por esta razão todo o percurso precisa estar liberado para limpeza a partir das 21 horas.

3.2 - ENTRE TRIOS E TENDAS: PARADA DO ORGULHO LGBT DO RIO DE JANEIRO DE 2014

Ao chegar à Avenida Atlântica pela manhã, me dirigi à tenda para a qual fui designada, integrando a equipe de voluntários que atuaria na ação de distribuir *kits* de prevenção. Mas não sem antes cruzar com os sorridentes componentes, infalíveis na presença e na animação com a qual conduzem sua abordagem nas Paradas LGBT: o grupo de evangélicos da Igreja Contemporânea oferecendo abraços grátis.

O balcão na frente da tenda estava abarrotado de *kits* compostos por preservativos femininos e masculinos, gel lubrificante, um broche do evento e folhetos informativos dentro de uma embalagem. Havia também cartelas com “adesivos praguinhas⁵³”, com a data e a logomarca da Parada LGBT, que tinham a finalidade de serem coladas nas roupas dos passantes, junto com a entrega do *kit*. Na tenda ficaram os voluntários mais antigos e os demais, em geral mais jovens também, encheram bolsas com *kits* e adesivos posicionando-se em pontos mais distantes, ampliando a área de distribuição.

A mecânica da distribuição era simples e rápida, porém, na prática, havia diferentes formas sendo aplicadas. Muitos participantes passavam pelo balcão e retiravam o *kit* rapidamente, quase não interrompendo o passo. Um dos voluntários entregava o produto enquanto caminhava no meio do público, nas imediações da tenda, e chamava a atenção de todos gritando: “Olha a camisinha! Vamos usar camisinha! Tem que se cuidar!”. Ao estender o *kit* em direção a um participante, outro voluntário solicitava permissão para colar o adesivo, interrompendo assim os seus passos e, obrigando-o a fazer minimamente uma pequena

⁵³ Fabricados em formato pequeno, entre 5 a 6 centímetros de diâmetro, para aderir, geralmente, em tecidos ou superfícies não necessariamente lisas, como blusas ou outros acessórios. É uma forma de divulgação mais utilizada em campanhas eleitorais com o número do candidato.

parada. Esse intervalo era suficiente para que ouvisse ao menos uma frase, como “Sexo seguro é sexo com camisinha” ou “A gente precisa *proteger o gol*, melhor usar camisinha”.

Lembro que, em uma das reuniões de voluntários no Grupo Arco-Íris, essa postura com alguma abordagem verbal foi recomendada. Não era adequado que o voluntário entregasse o *kit* sem dizer uma palavra a quem o recebesse. Falar algo durante a ação da distribuição era fundamental. No horário da manhã o público estava mais pré-disposto a receber a informação e também o *kit*, uma vez que estavam em um horário de lazer, passeando, se exercitando e, na maioria das vezes, sem pressa. Ao ouvir a frase dita pelo voluntário alguns respondiam concordando, sorriam, agradeciam e com alguns estabeleceu-se uma conversa. A forma de contato com o público na ação é relevante, para que ele possa perceber uma abertura ao diálogo.

Observei que alguns homens passavam mais de uma vez em frente à tenda para levar mais de um *kit*, já que não havia restrições quantitativas. Ao receberem o *kit*, várias pessoas solicitavam levar uma maior quantidade para distribuir em seus prédios, para conhecidos e familiares, o que era imediatamente atendido.

Em certo momento chamou a atenção um voluntário negando a entrega do *kit* a um jovem que se dirigiu ao balcão. De dentro da tenda, disse em alto tom “Se depender de mim, não entrego! Não entrego para menor de idade”, na direção do rapaz que se afastava devagar, olhando ao redor. Ninguém contestou a atitude do voluntário. O rapaz se retirou. Horas mais tarde, o jovem tornou a passear próximo à tenda mais algumas vezes, até que recebeu o *kit* de um dos voluntários que não presenciou a cena anterior.



Figura 13: Vista do balcão da tenda de prevenção na manhã da 19ª Parada do Orgulho LGBT de Copacabana. Estrutura do posto policial em frente ao poste. (Foto: Gisele Paris, 16/11/2014).

A distribuição de *kits* é uma das diversas atividades relacionadas à cidadania, saúde e promoção da qualidade de vida oferecidas no dia da Parada LGBT. Desde 2008, o Grupo Arco-Íris disponibiliza serviços e projetos sociais na programação matinal do evento, denominada “Ação, Orgulho e Cidadania”. Várias tendas são montadas justapostas, formando uma área na qual o público pode encontrar uma equipe de profissionais, entre eles, assistentes sociais, psicólogos, enfermeiros e advogados que prestam orientações sobre direitos, encaminham para apoio terapêutico, centros de cidadania LGBT e atendem cidadãos e familiares vítimas de discriminação e de violência homofóbica. Na área de saúde, realizam vacinação contra a hepatite B, testagem de AIDS, distribuem preservativos e folhetos informativos sobre saúde e profilaxia.



Figura 14: Voluntária da equipe de prevenção distribuindo kits na 19ª Parada do Orgulho LGBT de Copacabana. Estrutura do posto policial em frente ao poste. (Foto: Gisele Paris, 16/11/2014).

3.2.1 – Tendas e Serviços

A realização desses serviços e projetos na parte da manhã não costuma gerar muita visibilidade na divulgação do evento, apesar de constar em vários materiais como *banners*, filipetas e cartazes o texto “9 horas: cidadania + saúde + serviços” ou “Ação, orgulho, cidadania e direitos humanos”. No planejamento de comunicação do grupo Arco-Íris, há um objetivo específico de utilizar esses projetos sociais como “minimizadores da percepção negativa que grande parte da sociedade tem em relação ao evento⁵⁴”, entretanto, além de pouca visibilidade prévia, não há muita clareza nas frases dos materiais de campanha citados acima, sobre que tipo de serviços o cidadão poderá encontrar na data. Pode-se inferir que as atividades ali ofertadas só são compreendidas pelo público que coincidentemente está transitando no local naquele dia e, tomados pela curiosidade e atraídos pelas cores e pela música, seguem em direção às tendas. Os serviços da tenda CEDS e Rio Sem Homofobia

⁵⁴ Planejamento de Comunicação da 19ª Parada do Orgulho LGBT – Rio 2014

foram os que ganharam maior repercussão em matérias de jornais e na internet, em maior quantidade em comparação a anos anteriores⁵⁵.

A CEDS-Rio, junto ao programa Rio Sem Homofobia⁵⁶, ocupava as quatro primeiras tendas da área “Lounge Rio Sem Preconceito”, decoradas com grandes painéis coloridos com frases informativas e de conscientização como “Não existe grupo de risco e sim comportamento de risco. Faça seu teste”, “Contra a discriminação por orientação sexual: Lei Municipal nº 2475/1996”, “Boa saúde envolve boas escolhas”, “Viva a vida com intensidade e informação. Use camisinha”, “Toda forma de amar é saúde”, “Ninguém precisa ser gay/lésbica/transsexual para lutar contra a homo/lesbo/transfobia”. Esta última frase é o slogan da campanha “Beijinho no Ombro e Rala Preconceito”, que estampava balões pela Parada LGBT. Para chamar a atenção da sociedade para a luta contra todo e qualquer tipo de preconceito, ao longo da Avenida Atlântica, cinquenta galhardetes com as mesmas frases foram afixados nos postes da orla.

Dois monitores exibiam vídeos de campanhas de conscientização e do projeto do Centro de Referência Rio Sem Preconceito, recém-aprovado pela prefeitura, visando a construção do primeiro centro de referência em atendimento a casos de discriminação, que será erguido na Lapa, região central do Rio. Por todo o espaço, havia totens informativos com leis municipais e estaduais que asseguram direitos da população LGBT, com projetos para inserção no mercado de trabalho e com diversos dados sobre as atuações da CEDS, que têm a função de “obter a visibilidade de cariocas e turistas com campanhas de conscientização, ações junto à população e o que for possível para a cidade do Rio de Janeiro se distanciar desse comportamento [*o homo/lesbo/transfóbico*]”⁵⁷. A equipe da CEDS prestava orientação sobre os projetos e o coordenador Carlos Tufvesson distribuía filipetas com a pergunta “Você conhece alguma vítima de homo-lesbo-trans-fobia?” com informações sobre como agir nestes casos e explicava a frase que estampava a camiseta da equipe:

⁵⁵ Matérias que dão ênfase aos serviços das tendas mencionadas podem ser encontradas em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/publico-de-parada-lgbt-toma-orla-para-cobrar-politicas-publicas-o-fim-da-homofobia-14576917>; <http://igay.ig.com.br/2014-11-16/parada-do-orgulho-lgbt-do-rj-traz-comida-sustentavel-e-servicos-a-populacao.html>; <http://acapa.virgula.uol.com.br/politica/saiba-o-que-rolou-na-19-parada-do-orgulho-lgbt-do-rio-de-janeiro/2/2/25404>. Acessado em 16 de agosto de 2015.

⁵⁶ Desdobramento do programa Brasil Sem Homofobia, criado em 2004, o governo do Rio de Janeiro determinou que, a partir de 2007, a Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos, sob a coordenação da Superintendência de Direitos Individuais, Coletivos e Difusos passasse a cuidar do enfrentamento da homofobia, da promoção da cidadania LGBT, estabelecendo também ações contra a discriminação por estado de saúde e contra a intolerância religiosa. Para atuação no âmbito municipal, a Prefeitura criou em 2011 a Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual (CEDS).

⁵⁷ Disponível em: <http://www.cedsrio.com.br/site/home>. Acessado em 20 de ago 2015.

Hoje a camiseta da CEDS reforça que a luta é de todos: *ninguém precisa ser trans para lutar contra a transfobia*. Visto em solidariedade às minhas amigas trans que estão sendo mortas pela impunidade. Temos de ficar atentos! Essa impunidade tem feito até heterossexuais serem vítimas da homofobia. O mesmo ódio que atinge mulheres, negros e alimenta a intolerância religiosa é o ódio que atinge aos LGBTs. Todas as minorias precisam se unir para impor políticas públicas efetivas para enfrentar a impunidade⁵⁸ (grifo meu).

LGBTs são considerados “minorias” por irem de encontro ao modelo heterossexual considerado como norma. Minoria não é apenas uma forma de repressão, mas o próprio teor da repressão. Não é por serem oprimidos que homossexuais se tornam minoria, e sim porque dessa forma são inventados e moldados, num conceito formado na mentalidade vigente desde o século XIX. Adotar termos como “homossexual” e “heterossexual” contribuiu para a invenção dessa, digamos, categorização “minoria”, por meio da linguística, consolidando a essência normativa como sendo a heterossexualidade (MÍCCOLIS & DANIEL, 1983, p. 55).

Muitos participantes faziam fotos nos grandes painéis coloridos com as frases e circulavam na exposição. A campanha do Laço Vermelho convidava o público a “entrar em uma corrente de solidariedade através das redes sociais”, contribuindo com a divulgação do Dia Mundial de Luta Contra a AIDS, comemorado em primeiro de dezembro. O apelo era para publicar nas redes sociais a *hashtag* #DesafioDoLacoVermelho junto a uma foto criativa do participante interagindo com o símbolo da campanha, o laço vermelho, desafiando outros três amigos a fazerem o mesmo. Buscando maior visibilidade e adesão dos participantes da Parada LGBT, havia várias opções disponíveis para fazer a fotografia solicitada, como, por exemplo, desenhar com um batom vermelho o símbolo na própria pele, mostrar a miniatura produzida com fita vermelha, interagir com o grande banner da ação, entre outras.

O “*Lounge Arco-Íris*” era a segunda área das tendas logo após o espaço da CEDS. O espaço funcionava como área de concentração para autoridades, políticos, famosos, lideranças e imprensa enquanto aguardavam a subida para os trios, até o início do cerimonial de abertura.

Na sequência, havia o espaço de venda de camisetas oficiais da Parada LGBT e de bolsas feitas com o material reciclado das lonas e painéis produzidos para eventos de anos anteriores, importante receita para a organizadora.

⁵⁸ Disponível em: <http://www.cedsrio.com.br/site/noticias/2014-11/mais-uma-vez-o-espaco-rio-sem-preconceito-marca-presenca-na-parada-do-orgulho-lgbt->. Acessado em 20 de ago de 2015.

A Secretaria de Estado do Ambiente desenvolveu em sua tenda ações que articulavam a temática ambiental com a da diversidade cultural, identidade de gênero e desigualdade social de LGBT. Oficinas de reciclagem de embalagens para a confecção de carteiras e de compostagem para a produção de adubos, a partir de resíduos orgânicos, que normalmente são descartados como cascas de frutas, legumes e borra de café. O deputado estadual Carlos Minc, que em 2007 assumiu a Secretaria Estadual do Ambiente (SEA), hoje comanda a Comissão de Combate às Discriminações, sempre marca sua presença nos discursos de abertura do evento, e nos últimos vinte anos nunca deixou de lutar pela causa LGBT. Ele declarou, na cerimônia de abertura da Parada LGBT de 2014, porque a pasta aborda um tema de direitos humanos:

Não é mais possível falar em meio ambiente ecologicamente equilibrado e saudável se há homofobia. Por isso, criamos na secretaria o programa “Ambiente Saudável é Ambiente sem Homofobia”, em prática desde 2012, e presente em eventos e ações diversos ao longo do ano.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) levou painéis informativos do Laboratório de Pesquisa Clínica em DST e HIV/AIDS – LaPClin AIDS, do projeto PrEP Brasil⁵⁹, sobre profilaxia pré-exposição, o desenvolvimento de novos medicamentos testados para prevenção, pesquisas e estudos recentes sobre o HIV/AIDS.

Na tenda, havia produtos cosméticos de fabricação caseira, como sabonete, creme, essências e xampu, que estavam em demonstração. Peças de decoração, cortinas, acessórios, roupas, e utilidades domésticas produzidos com diferentes tipos de materiais reciclados promoviam uma opção possível de utilização para produtos que seriam descartados. Propunha-se ali uma ideia de sustentabilidade, dando novas finalidades para materiais que podem ter sua vida útil estendida. Havia instruções de como criar e preservar uma mini-horta e outras mudas, além da distribuição de receitas com partes de alimentos que costumam ser descartadas, e divulgação de projetos “Verdes” da Superintendência de Território e Cidadania⁶⁰.

⁵⁹ Pesquisa Profilaxia Pré Exposição do Medicamento Truvada. Tal pesquisa é conduzida pela equipe do laboratório LapClin Aids da Fiocruz. Disponível em: <http://prepbrasil.com.br/entendendo-a-prep/>. Acessado em 28 de ago de 2015.

⁶⁰ A Secretaria de Estado do Ambiente (SEA) criou, em 2011, a Superintendência de Território e Cidadania (STC), com o objetivo de construir e fortalecer políticas públicas socioambientais com ênfase na geração de emprego e renda. Propõe a implantação de projetos socioambientais, prioritariamente, em territórios com UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora), buscando aliar sustentabilidade e consciência ambiental a ações sociais, promovendo projetos que incorporem capacitação profissional, geração de renda e inclusão produtiva.

Outras três tendas independentes eram destinadas respectivamente: à vacinação contra hepatite; à divulgação de um produto higienizador íntimo descartável, com distribuição de amostras grátis; e ao posto de emergência. Havia também uma tenda mais afastada dedicada aos lanches, que eram distribuídos para os voluntários, para os trios e para equipes de segurança, bombeiros e policiais.

Algumas horas depois, fui realocada para uma outra tenda, da atividade de credenciamento, que não estava presente entre as tarefas disponíveis aos voluntários, de acordo com o quadro de distribuição de nomes de voluntários e das respectivas áreas de atuação (trios, logística, venda de camisetas, cerimonial, prevenção, lanches, atendimento às tendas, produção e coordenação de DJs) afixado na ONG. Lá fiquei com mais uma voluntária que nunca havia visto durante as reuniões. Aliás, ao longo do dia, observei vários voluntários, mais concentrados nas atividades de produção que não estiveram presentes em nenhuma das reuniões da ONG.

No espaço, devidamente identificado pela faixa escrita “credenciamento”, havia muitas caixas de camisas, duas cadeiras e um balcão. Recebemos a instrução de entregar aos respectivos nomes enumerados em uma lista os envelopes que continham as pulseiras e as camisas da 19ª Parada LGBT. No balcão, chegavam convidados previamente inscritos como lideranças de movimentos sociais, ativistas, representantes de instituições das causas envolvidas, assessores políticos, celebridades, imprensa, entre outros, para receber o kit de identificação de acordo com o trio para o qual foram designados. A maior parte dos convidados estava destinada ao trio de abertura, o primeiro, onde ocorrem os discursos, no cerimonial que marcava o início da Parada LGBT. As lideranças tiveram acesso ao primeiro trio e, posteriormente, poderiam se alocar nos demais, de acordo com a representatividade temática de sua causa. Na entrada da tenda, um tripé com um *banner* convidava “Inscreva-se aqui no programa de voluntários Rio 2016”. Aproximadamente oito pessoas se identificaram como integrantes do comitê LGBT dos Jogos Olímpicos e ficaram em frente à nossa tenda dando informações para os interessados. Por diversas vezes, o supervisor da equipe nos abordou sobre a possibilidade de receberem uma pulseira para terem acesso aos trios, apesar de minhas explicações sobre a impossibilidade disso.

A tenda funcionou também como um ponto de encontro da coordenação para decisões e ajustes de última hora. Havia um CD gravado com a locução de uma mensagem que deveria

ser reproduzida em cada trio pelos DJs, de meia em meia hora, como no ano anterior. Essa tarefa era designada para um voluntário, que tinha, especificamente, a responsabilidade de coordenar o tempo de reprodução da mensagem. Entretanto, como é comum ocorrer alguma falha na organização de eventos deste porte, as cópias dos CDs não foram providenciadas a tempo. Cogitou-se a possibilidade de encontrar algum comércio que pudesse realizar as cópias dos CDs, mas a tentativa não obteve sucesso e a ação foi cancelada.

A cerimônia de abertura contou com vários discursos entre representantes do Grupo Arco-Íris, lideranças de grupos LGBT de outras regiões, representantes de instituições estatais, dos deputados Carlos Minc e Jandira Feghali, dos atores Rodrigo Sant'Anna e Letícia Spiller, caracterizada como a *drag queen* da personagem que interpreta no filme que divulgava, "O Casamento de Gorete". O pai do jornalista Lucas Fortuna, vítima de um crime homofóbico, porém não qualificado com tal⁶¹, pronunciou um depoimento comovente. Em homenagem ao jornalista, que geralmente militava usando saia, alguns participantes vestiram saia em protesto contra a *ditadura de gênero*. Após quase uma hora de discursos, a abertura oficial encerrou com o Hino Nacional, cantado por Jani Di Castro, e o desfile começou a se movimentar. Entre o terceiro e o quarto trios ocorreu o ritual da bandeira do arco-íris. Para estendê-la, a equipe de segurança contratada pela organização abriu um espaço neste local, delimitado por uma corda, no meio do público presente, posicionando a bandeira enrolada ao longo da avenida e foram, aos poucos, desenrolando-a e segurando suas bordas.

O ritual ocorreu por duas vezes ao longo do dia. Na primeira vez, por volta de meio dia, a bandeira foi estendida no chão, com uma dinâmica mais tranquila porque o público estava andando aleatoriamente e os trios estacionados. Essa é uma exposição mais voltada aos muitos fotógrafos da imprensa que são autorizados a fazer fotos do alto dos trios, produzindo, assim, a repercussão do evento na mídia. Alguns tradicionais representantes da causa LGBT, caracterizados e fantasiados, são autorizados a ficar em cima da bandeira, para saciar os olhos ávidos pelos aspectos coloridamente espetaculares da Parada LGBT, comumente presentes na

⁶¹ Em 18 de novembro de 2012, o corpo do jornalista goiano Lucas Cardoso Fortuna foi encontrado apenas de cuecas e com hematomas na praia de Calhetas, no município do Cabo de Santo Agostinho. Insatisfeitos em roubar o celular e vinte reais que estavam na carteira, os criminosos espancaram o rapaz de 28 anos e jogaram seu corpo no mar para que pudessem ter tempo de ir a seu quarto de hotel e roubar os pertences da vítima, o que acabou não ocorrendo. Militante da causa LGBT e gay assumido, Lucas foi fundador do Grupo Colcha de Retalhos, em prol dos direitos homoafetivos e organizou paradas da diversidade em seu estado. O crime repercutiu em todo o país através da mídia e das redes sociais levantando suspeitas de crime homofóbico. Entretanto o laudo do Instituto de Medicina Legal (IML) apontou afogamento como causa da morte e a condenação dos culpados foi baseada em crime de latrocínio: roubo seguido de morte. Disponível em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/segurancapublica/?p=8890>. Acessado em 06 de agosto de 2015.

repercussão midiática do evento nos veículos de comunicação. A *drag queen* Eula Rochard, citada no primeiro capítulo, fotografada nas edições de 2013 e 2014 com a bandeira ao fundo, ilustrou várias matérias de jornal e internet que realizaram a cobertura do desfile⁶². Os *Angels da Diversidade*, como são conhecidos os rapazes que se vestem com fantasias de anjos coloridos, e participam de todas as Paradas LGBT no Rio de Janeiro, também posaram para registro em cima da bandeira em todos os anos que esta pesquisa abrange. Depois de algum tempo, finalizados os registros da imprensa, a bandeira foi recolhida e a avenida liberada novamente para circulação.



Figura 15: *Angels da Diversidade* durante a Parada LGBT na edição de 2013. (Fonte: *O Globo*, 23/06/2013).

No segundo momento, há um nível maior de tensão envolvido, pois os caminhões de trios estão em movimento, o público está aglomerado, em deslocamento e, principalmente, mais distraído em um estado de diversão. A estratégia inicia da mesma forma que a anterior, porém, a bandeira é estendida ao alto pela equipe de segurança durante todo o tempo e só então o público é convidado a ficar ou passar por debaixo dela, sustentando-a também. Ali embaixo, a maioria do público segue na direção dos trios, caminhando ou pulando, e empurrando o tecido para cima, o que dá um efeito de tremulação irregular à ação, mais atrativo principalmente quando vista de cima. Aqui ocorre outro momento de muita dedicação dos fotógrafos da imprensa. O registro de toda a extensão que essa mobilização ocupa na

⁶² Matérias com fotos da *drag queen* Eula Rochard podem ser encontradas em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/fotos/2014/11/fotos-parada-gay-em-copacabana-no-rio.html>; <http://noticias.uol.com.br/album/2014/11/16/veja-fotos-da-19-parada-do-orgulho-lgbt-no-rio-de-janeiro.htm#fotoNav=1>; <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/fotos/parada-gay-colore-copacabana-e-pede-criminalizacao-da-homofobia-veja-fotos-16112014#!foto/1>. Acessado em 05 de agosto de 2015.

avenida, com os trios coloridamente decorados, o público e a grande bandeira do arco-íris é uma imagem bastante usual.

Há participantes que começam a andar em direção contrária do fluxo, os que atravessam para o outro lado por baixo da bandeira, e a distribuição de pessoas não fica uniforme, chegando algumas vezes a fazer uma “barriga” na bandeira que quase toca o chão, fazendo com que a equipe de segurança que está nas bordas precise agitar o tecido rapidamente. A retirada é determinada pela produção e conduzida pelos seguranças, aos poucos.

Por volta das quatro e meia da tarde, o público passou em frente a nossa tenda erguendo a imensa bandeira. Fui para a parte da frente da tenda fazer algumas fotos e logo recebi o alerta de um colega voluntário sobre o risco de ter minha câmera roubada. Um participante abordou a equipe da tenda dizendo que estavam ocorrendo “arrastões” no evento e que tomássemos cuidado. Em seguida, um dos coordenadores nos orientou a recolher nossos pertences e encerrar a atividade. Percebi um clima de tensão entre aqueles que estavam mais em contato com os organizadores. Assim que o último trio cruzou a nossa tenda, a atividade foi encerrada e todos dispensados.

A convite da organização, os voluntários que desejassem poderiam, a partir do encerramento da atividade das tendas, participar do desfile em um dos trios disponíveis. Nós seríamos distribuídos de acordo com as disponibilidades e com os limites de segurança de cada trio. Fui encaminhada para o trio nove, com a temática da saúde e, assim, pude exercitar a observação participante a partir de uma outra perspectiva.

A caminhada do posto cinco ao posto quatro da praia, onde alcancei o trio, ainda foi sob sol forte por volta das cinco da tarde. A entrada no trio se deu de forma muito tranquila com a pulseira de identificação. Havia voluntários que encerraram suas atividades e os que ainda estavam trabalhando naquele trio. A equipe do comitê LGBT dos Jogos Olímpicos de 2016 também estava presente, junto ao público que desfilou desde o início no trio.

A área superior era bem espaçosa, com 40m², e transmitia uma sensação de não estar lotada, ou além dos limites, permitindo a livre circulação dos presentes. Apesar disso, a quantidade de pessoas era suficiente para estabelecer disputas por um lugar nas laterais, de onde era possível ter a visão livre e, principalmente, fotografar. Ao desencostar da lateral para

comprar uma bebida, uma participante solicita ao grupo de amigas que se espalhe com os braços e pernas para assegurar que seu lugar fique “guardado” até retornar.

As áreas frontal e traseira, com capacidade para algo entre seis e oito pessoas, eram ainda mais altas que a área do meio, permitindo uma visão mais panorâmica. O espaço ali era estreito, o que acirrava a disputa por uma vaga naquela posição. Em alguns trios as áreas frontal e traseiras são reservadas para dançarinos, *drag queens* ou com algum tipo de fantasia mais vistosa. É uma posição de alta visibilidade para ver e ser visto.

Do alto do trio, a paisagem da praia fica muito atrativa, assim como a daquele mar de gente quase sem fim caminhando animadamente na avenida. Escuto a conversa entre colegas que viram do alto alguns roubos:

- Ainda bem que estamos protegidas aqui em cima porque lá embaixo tá tendo muito roubo, tu viu?

- Pois é, a (fulana) não conseguiu pulseira. Será que tu consegue tirar e jogar pra ela lá embaixo?

Depois de algum esforço uma delas consegue alargar a pulseira e retirá-la sem que arrebetasse, pelo pulso. Chamam a amiga que está na avenida, próxima ao trio e jogam a pulseira de cima do trio. A amiga agarra, coloca e dá a volta em direção à escada de acesso. E assim o grupo se reuniu no trio.

Instantes depois foi possível assistir à ação de alguns garotos roubando em grupo. Caminhavam em fila até acelerar o passo e escolher uma vítima. Entregavam o produto roubado para outro que corria ainda mais. Com vários correndo por entre a multidão ficava difícil detê-los. Alguns roubos ocorreram na areia também. A sequência de ação dos garotos estava constante, sendo acompanhada por todos de cima dos trios do início ao fim. No microfone, um dos organizadores pedia repetidamente a atenção da polícia militar informando a área que deveria receber atenção. As torres de observação ocupadas por policiais anteriormente estavam vazias. Na areia da praia, vimos banhistas sendo cercados e tentando correr.

A situação não era inusitada na cidade que preenche muitas páginas de impressos e programas de TV que espetacularizam a violência todos os dias. Apesar disso, considerando que a Parada LGBT faz parte do calendário oficial da cidade e foi planejada com participação

de diversos órgãos de logística e segurança pública com muita antecedência, tornou-se surpreendente a recorrência e o número considerável de roubos durante o evento.

3.3 – VOZES, NARRATIVAS E TRIOS – UMA ENUNCIÇÃO SOCIAL COLETIVA

A vida cotidiana é constantemente tomada por uma agenda cultural nos grandes centros urbanos. Uma proliferação de eventos e atividades pode ser encontrada diariamente em qualquer jornal. Eventos constituem uma mídia atuante nas subjetividades e, tomados como estratégias de comunicação de produtos e marcas de todos os tipos, mobilizam a opinião pública, geram polêmica, criam fatos, tornam-se acontecimentos, despertam emoções nas pessoas e fazem do entretenimento uma nova indústria. A mídia alimenta-se de muitos eventos. Cidades ganham novas vidas, turistas viajam pelo mundo para participar de eventos. O evento amplia os espaços para a vida social e pública e conduz as pessoas para a experimentação conjunta de emoções. Por exemplo, uma peça de teatro, um jogo de futebol, uma exposição transmitem emoções e desenvolvem sentimentos compartilhados. (MELO NETO, 2000, p.14)

Programada para se desenvolver em uma sequência, um caminho pré-determinado, a experiência dos participantes torna-se moldada de acordo com a compreensão desejada por seus idealizadores. Por mais que alguns aspectos escapem ao planejado, eventos equivalem a uma narrativa que mesmo ouvida por diferentes espectadores, coincidirá cronologicamente em fatos, dados e experimentações.

Não há um domínio sobre todos os participantes, há sempre aqueles que podem escapar da sequência prevista, entretanto, como clientes escapando de filas que demarcam uma fila de espera de um banco. A Parada LGBT também utiliza uma estratégia que conduz o público a assistir sua “história” de acordo com o que foi planejado por seus organizadores.

Simmel chama atenção para a existência de um caráter dual das formas desenvolvidas pela dinâmica das interações sociais com a ordem social. Para o autor, o fato de as formas se desenvolverem na interação da sociabilidade significa que os atores têm condições de modificar e recriar os elementos presentes nas formas estabelecidas de um evento, preservando um grau de espontaneidade que nunca se esgota totalmente. E é por isso que, por mais que indivíduos sigam práticas sociais rotineiras e padrões institucionalizados de comportamento, ainda assim podem ressignificar as formas de interação, escapando ao

controle administrativo, à regulamentação legal ou ao alcance político. “Assim, entendemos que a proposta analítica de Simmel não vislumbra a sociabilidade somente como uma categoria de interação, mas como uma forma de leitura das relações coletivas em sociedade” (SIMMEL citado por MAFRA, 2008, p.67).

Durante uma das reuniões de capacitação dos voluntários, um dos representantes ressaltava a importância de entender que “a Parada é um instrumento da causa⁶³”. O movimento é múltiplo e, mesmo com as diferentes necessidades de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, procura manter a unidade nas ações, pleiteando não só direitos que beneficiam a todos como visibilizar, das formas possíveis, as demandas individuais. “As frases dos trios são as nossas vozes”, explicou.

As “nossas vozes” citadas fazem parte da retórica política das mensagens dos trios e também da campanha de marketing da celebração por direitos e visibilidade. São “vozes” que por vezes deixam pistas de contradição ou mesmo de sentidos, que retomados e cíclicos ao longo dos últimos anos, não dão conta de esgotar uma transformação concreta, tampouco reduzem a necessidade de debate e luta por determinada causa.

A ordem dos caminhões de trios na Parada LGBT apresenta uma narrativa que, de certa forma, conta as fases das conquistas em que se encontra cada causa presente. Como destacado no primeiro capítulo, partimos da ideia de que essas “vozes” constituem representações de um enunciado social coletivo (BAKTHIN, 1997) da Parada LGBT, composto pelo discurso dessas “vozes” em sua dimensão argumentativa, mas também se misturam à carnavalização do evento. É como se no meio da dimensão festiva, elas marcassem a pauta de luta do movimento LGBT como uma lembrança que não pode ser esquecida. Pode-se afirmar que os vestígios do eixo argumentativo também caracterizam a Parada LGBT como uma ação política.

No total, em 2014, onze trios operaram como uma plataforma comunicacional da dimensão argumentativa do evento. Cada um emitiu parte dessas vozes nas frases das lonas que cobrem as laterais dos trios como um outdoor móvel. É por meio dessas “vozes” que a mobilização convoca o espectador, inicia uma conversa, que pode se estender também à mídia, e à cidade. Justifica o porquê de sua realização com mais de um milhão de pessoas em um domingo de sol reunidas, sejam os representantes do movimento LGBT, os voluntários

⁶³ Reunião de Voluntários no Grupo Arco-Íris em 2014.

que trabalham para realizar esse desfile-mobilização, aqueles que participam como observadores ou se projetam como parte integrante deste fenômeno sociocultural: o público. As frases mostram o carro chefe das pautas políticas do movimento LGBT e de outros movimentos que precisam lidar com o preconceito. Entretanto, será que essa pluralidade de vozes, traduzidas nas frases expostas nos trios, seriam plenivalentes? Que possíveis sentidos e valores sociais convivem, interagem, são postos circulação no espaço público da avenida?

Oficialmente, o primeiro trio é reservado para a cerimônia oficial de abertura, de onde os discursos emergem e provocam atenção e interação com o público. É o trio da ONG que organiza a Parada: o Grupo Arco-Íris. Decorado com um arco de bolas e muitas bandeiras com as cores do arco-íris, símbolo do movimento LGBT, anunciava “Somos mais fortes quando estamos unidos”. Um apelo para a organização coletiva e não enfraquecimento interno do movimento. É uma convocação que prepara para a construção narrativa de que “Juntos podemos combater toda forma de discriminação.” Tem a intenção de pautar o cotidiano de momentos e situações constituídos de uma única voz do movimento LGBT, ainda que com demandas diferenciadas dentro do movimento que é social e político.

A logomarca do evento com mãos fechadas erguidas para o alto é um antigo ícone representativo de diferentes lutas. Assim como a temática, que se transformou de “somos milhões de vozes” para “Somos novamente milhões de vozes”, as seis mãos coloridas, presentes na logomarca da edição de 2013, ganharam uma alteração na quantidade. Junto às mãos coloridas, outras mãos na cor cinza foram acrescentadas, sugerindo uma quantidade maior de participantes na luta.



Figura 16: Crachá de voluntários da Parada LGBT com a logomarca da edição de 2014. Fonte: (Agência Target, 27/06/2015).

Escolhido como símbolo das minorias sexuais, o arco-íris mescla uma gama de cores entre as quais torna-se impossível traçar uma linha onde o matiz do violeta acaba e o do laranja começa. Enxergamos as cores com distinção mas em que ponto preciso uma se mescla com a outra? Assim também ocorre com as diferenças sexuais que enxergamos com distinção, mas em que ponto preciso os primeiros se mesclam com os segundos? Compreender que as diferenças entre as minorias sexuais são visíveis, porém não delimitadas, torna imprescindível incluir nos estudos LGBT a discussão sobre outras minorias (SOUZA JUNIOR, 2002, p.71). O sujeito das demais frases do trio listadas abaixo pode ser tanto o movimento LGBT quanto todos os outros movimentos presentes que sofrem algum tipo de preconceito.

“Somos mais fortes quando estamos unidos.”

“Juntos podemos combater toda forma de discriminação.”

“O arco-íris somos nós, nossa força, nossa voz.”

O segundo trio da Parada teve a missão de abordar o tema “Família”. A composição das lonas destaca fotos de representantes LGBT e suas famílias, que compõem as “milhões de

vozes” do movimento que a manifestação quer representar politicamente. As fotos foram selecionadas por meio de uma campanha nas redes sociais⁶⁴. Aqui, a bandeira símbolo, o arco-íris é abandonado. Compõem o carro bandeiras brancas que remetem a uma simbologia de paz e/ou redenção. Nesse contexto, destaca-se a frase “A homo-lesbo-transfobia destrói famílias”, pois desvela uma mensagem ambígua. Afinal, o verbo destruir pode ser compreendido pelo viés conservador, e não como uma forma de violência às formações de famílias plurais e com estrutura diferente da proposta que se convencionou: homem e mulher. O sentido é complementado pela segunda frase do trio: “Famílias unidas pelo amor e respeito à diversidade”, que junto com a mensagem “Consideramos justa toda forma de amor” e “Somos todos família”, constitui o enunciado coletivo político. Contudo, subverte a questão política de representatividade, afinal, também é possível ler ali uma conotação de normatividade, quase moral do que seja a composição familiar. O enunciado mais abrangente do direito universal da bandeira de luta está na frase: “Qualquer maneira de amor vale a pena!”. É ele que resume a linha política e a representação proposta como um direito.

Combater a homofobia está presente na maioria dos discursos e campanhas LGBT junto à afirmação das identidades não-heterossexuais, gerando cada vez mais questionamentos e impactos para a comunidade LGBT, enquanto a identidade heterossexual continua em uma zona de conforto do discurso porque seria a natural, normal, determinada pela biologia e até por Deus. Problematizar constantemente a identidade heterossexual como uma construção, obviamente tornando a luta mais complexa, árdua e dura, mas não impossível, pode lançar algumas luzes esclarecedoras para a compreensão e o respeito à diversidade sexual. Como exemplo, podemos citar a sugestão do pesquisador em Cultura e Sexualidade, Leandro Colling (2011, p.15) para que, no campo da educação, os conteúdos didáticos problematizem como se construiu esse ideal de família nuclear, como e se está presente na atualidade e em que intensidade. Que se aborde também e questione-se em igual proporção o que torna alguém heterossexual ou homossexual.

Lésbicas e bissexuais eram a temática do trio decorado por bandeiras amarelas. Um grande banner traseiro exibia a campanha “1 comprimido por dia pode prevenir o HIV/AIDS.”. Refere-se a parte de uma pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz, que visa entender como é essa adesão ao tratamento que propõe a PrEP (profilaxia pré-exposição

⁶⁴ O perfil do Grupo Arco-Íris na rede social *Facebook* solicitou que os participantes enviassem fotos junto de seus familiares. Algumas seriam escolhidas para ilustrar o carro com a temática das famílias durante o evento.

ao vírus da AIDS) dentro de nossa cultura e, a partir disso, avaliar qual estratégia deve ser incorporada às políticas públicas de prevenção. O tratamento utiliza uma combinação de dois retrovirais que podem reforçar a prevenção no combate à proliferação do vírus HIV. É positivo que a informação seja divulgada mas, considerando que a causa lésbica possui uma menor visibilidade, que está buscando ser corrigida na atualidade, e que o tratamento é direcionado a pacientes não infectados, e recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para populações de alta vulnerabilidade, talvez a presença da campanha no trio que se destina à temática da “Saúde” eliminaria alguma alusão ao estereótipo de lésbica e bissexuais serem especificamente populações mais propensas à contaminação.

As “vozes” que constituem o movimento LGBT nem sempre são um todo ou uma unicidade como demonstram alguns cartazes e faixas. Isso fica perceptível na luta por demandas específicas. Como no terceiro trio, cujo grupo em destaque eram as mulheres lésbicas e bissexuais. Frases como “Lésbicas unidas contra o racismo!” evidenciam o apoio a determinadas causas. No entanto, essas vozes transitam entre as especificidades e a universalidade, quando se somam a outras vozes, sejam elas grupos determinados, como as mulheres bissexuais, ou o movimento social LGBT. Afinal, desse modo ganham corpo na luta por aquelas demandas específicas, como na frase “Lésbicas, sim! Somos milhões de vozes contra a lesbofobia”, em que as milhões de vozes podem ser tanto as lésbicas como o movimento social; ou como nas frases “Lésbicas e bissexuais contra o machismo e a violência” e “Lésbicas e mulheres bissexuais! Queremos visibilidade e respeito!”, nas quais lésbicas e mulheres bissexuais se tornam uma única voz diante de demandas que lhes dizem respeito, mas que entretanto, não contemplam homens bissexuais.

Atendendo à demanda de duas das frases do quarto trio, “Somos travestis e transexuais. Somos cidad@s de direito e exigimos respeito” e, “Somos milhões de vozes travestis e transexuais”, a relatora da lei que combate a violência doméstica contra a mulher, a deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ) abordou, em seu momento de discurso na cerimônia de abertura, as mudanças necessárias na lei, via emenda. Deixou explicitado que transexuais e transgêneros que se identificam como mulheres também estarão protegidos, com os mesmos mecanismos de prevenção, punição e proteção às mulheres.

Ao requerer “A identidade é minha. Pela aprovação da lei de identidade de gênero!” o trio aborda a questão mais política no que se refere à causa das transexuais. O projeto de lei de identidade de gênero, ou “lei João Nery” (PL 5002/2013) como ficou conhecido, de autoria do

deputado Jean Wyllys, foi baseado na lei de identidade de gênero argentina (“Ley 26.743”), considerada a mais avançada do mundo e aprovada por ampla maioria na Câmara dos Deputados do país vizinho, com o apoio da presidenta Cristina Kirchner e das principais lideranças da oposição. No Brasil, o projeto tem sido alvo de deturpações, simplificações, inverdades e campanhas de pânico moral promovidas por fundamentalistas, por conta da parte da lei que diz respeito ao direito à identidade de gênero das pessoas menores de idade. Como há muita falta de conhecimento e conseqüentemente de esclarecimento sobre causas que afetam principalmente transexuais e travestis, é de grande importância visibilizar questões voltadas diretamente a este público e, por esta razão também, a reivindicação pelo reconhecimento de existência na frase “Transexuais masculinos: Sim, nós existimos!”. São indivíduos mais vulneráveis a sofrer homofobia no Brasil, segundo a Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos⁶⁵.

A Lei João W. Nery tem como objetivo desburocratizar o processo de reconhecimento de identidade de gênero, garantindo que travestis e transexuais possam ter todos os documentos pessoais retificados com a assinatura de uma declaração no registro civil. A mudança é significativa, e contempla as frases “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, e “Mais educação e oportunidades de trabalho para travestis e transexuais”, uma vez que com documentos adequados à identidade de gênero do indivíduo, travestis e transexuais podem candidatar-se a vagas de trabalho com muito menos medo de ter suas respectivas dignidades desrespeitadas.

Decorado com bandeiras cor de rosa, aplica-se questão idêntica à do trio anterior sobre o *banner* da campanha “1 comprimido por dia pode prevenir o HIV/AIDS”. O fato de transexuais e travestis sofrerem maior discriminação e violência deveria ser o bastante para que qualquer possibilidade de construção de estigma fosse eliminada, deixando essa questão para o trio da temática “Saúde”.

A enunciação coletiva evoca a primeira pessoa do plural nos verbos, fala por “milhões”, e ressalta o “somos milhões de vozes pelo casamento igualitário” no quinto trio. No entanto, nessa enunciação coletiva, nesse “somos milhões de vozes”, há espaços para

⁶⁵ Número de denúncias de violência contra a população LGBT, entre 2011 e 2014: 7.694. Destas, cerca de 20% são ocorrências contra travestis e transexuais, sendo a discriminação (85%) e a violência psicológicas (77%) as mais frequentes. Disponível em : <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/01/1582263-sus-passa-a-registrar-dados-de-violencia-contr-a-populacao-lgbt.shtml>. Acessado em 17 de julho de 2014.

subjetividades que se diferem entre si. Em “Faça valer o seu direito. Reconheça a sua união homoafetiva”, por exemplo, não é um desejo de todos os casais.

Decorado com buquês brancos por toda a volta do trio, a temática do casamento, também com lei prevista, ainda sofre com arbitrariedades de cartórios, o que justifica as reivindicações a seguir: “Pelo reconhecimento do casamento e da união estável entre pessoas do mesmo sexo no código civil”, “A nova dimensão do direito de família são os laços de afeto. Pela aprovação do estatuto da diversidade sexual”, “Temos o direito de amar quem nós quisermos e construir nossas famílias”.

A faixa com a frase “Um lugar tão maravilhoso como o Rio não combina com homofobia”, presente no trio seguinte, busca aplacar as consciências por meio do apelo à cidade carioca. A cidade, dita “maravilhosa”, não pode ser preconceituosa. Seguindo o programa do governo federal Brasil Sem Homofobia, “O Estado do RJ é pioneiro em ações e serviços públicos população LGBT” aponta a posição de vanguarda da cidade em ações de inclusão e reconhecimento de direitos iguais. Entretanto, pesquisas apontam que os canais de denúncia indicados na faixa “Disque cidadania LGBT – 0800 0234561 - www.riosemhomofobiaa.rj.gov.br” eram tidos até 2012 como pouco eficazes passando a ganhar credibilidade de 2013 em diante.

Desde 2006, a temática da “Liberdade Religiosa” está presente na celebração. Em 2014, com a realização da Copa do Mundo no Brasil, a campanha “Discriminação é Gol Contra”, já citada no capítulo anterior, estampava a camisa da maioria dos participantes deste trio lembrando a luta dos LGBT em busca destes objetivos. E unindo duas causas para somar forças na luta contra o preconceito, encontramos “Toda forma de discriminação deve ser combatida. Juntos em defesa da liberdade religiosa e dos direitos da população LGBT.”.

“Por um Rio com liberdade religiosa e direitos humanos” é mais um apelo para a reflexão por meio da imagem, ou moral que poderia aderir à cidade carioca. Apelidada de “maravilhosa” não seria desejável ter um adjetivo negativo aderido ao seu nome, como, por exemplo, “preconceituosa”. Apesar da existência da Lei Federal 9459/97, que considera crime inafiançável e imprescritível a prática de discriminação ou preconceito contra religiões, é fácil

encontrar dados que demonstram o incremento de casos deste tipo, principalmente no Rio de Janeiro⁶⁶.

O sétimo trio destinado ao Centro de Promoção da Liberdade Religiosa & Direitos Humanos (CEPLIR) trazia na lateral uma grande lona com uma ilustração no formato de balões de diálogo com os verbos: “respeitar, dialogar, compartilhar, realizar, debater, conscientizar, construir, informar, conhecer e somar”. O órgão criado em 2012 pela Secretaria de Estado de Assistência Social e Direitos Humanos, tem como objetivo defender, garantir e promover os direitos humanos e a liberdade da crença e filosofia religiosas. Nas palavras de Cláudio Nascimento, superintendente de Direitos Individuais, Coletivos e Difusos desta Secretaria:

O CEPLIR é um serviço para o enfrentamento da intolerância religiosa e promoção dos direitos humanos e o nosso trabalho é para a construção de um Rio de Janeiro com liberdade religiosa e direitos humanos. O CEPLIR acolhe e atende indivíduos e instituições discriminados, baseados em confissão de crença e religiosidade, e inclusive o direito de não ter crença.⁶⁷

A faixa “Toda forma de discriminação deve ser combatida. Juntos em defesa da liberdade religiosa e dos direitos da população LGBT.” apresentava ao mesmo tempo uma demanda geral, que diz respeito a toda a população brasileira, através do combate aos mais variados tipos de discriminação (racial, social e religiosa), e uma mais específica, que atinge especificamente o público LGBT, que é a discriminação de gênero.

Segundo Conde (2004), de uma maneira geral, as religiões criam dificuldades a duas estratégias fundamentais do movimento homossexual, que são a auto-aceitação e formação de um orgulho homossexual e a de ver suas pretensões se transformarem em leis, principalmente pela ação da bancada religiosa existente no Congresso Nacional que sempre se une para derrubar as propostas que busquem atribuir dignidade e direitos a esta parcela da população.

O trio era pintado de lilás em sua estrutura e exibia bandeiras na mesma cor. O único que estava totalmente coberto, provavelmente como proteção contra o forte calor, apresentava informação indispensável como trio do Centro de Cidadania LGBT capital. Estampava as

⁶⁶ Quase mil casos de intolerância religiosa foram registrados no Rio de Janeiro, entre julho de 2012 e dezembro de 2014. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-08/quase-mil-casos-de-intolerancia-religiosa-foram-registrados-no-rio>. Acessado em 17 de agosto de 2015.

⁶⁷ Disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/seasdh/exibeconteudo?article-id=1416191>. Acessado em 20 de set de 2015.

frases “O estado do RJ é pioneiro em ações e serviços públicos para a população LGBT. Em caso de discriminação ou em busca de seus direitos, procure-nos”, como também dados de serviço “Funcionamento de 9h às 18h, de segunda a sexta. Pça Cristiano Ottoni, Prédio da Central do Brasil, 7º andar ou pelo Disque Cidadania LGBT. A gente cuida de você!”.

Com relação às demandas específicas e à universalidade dos direitos, o nono trio marcou a luta pelo acesso à Saúde e ao Sistema Único de Saúde (SUS)⁶⁸. Conforme explicaram Noronha et al. (2012), integram as diretrizes do SUS a igualdade no acesso à Saúde, sem discriminação ou privilégios, mas também a equidade, com a oferta de serviços às populações específicas. Nesse sentido, a diretriz da participação social visa que a comunidade contribua formulando e fiscalizando políticas no setor.

Desse modo, o movimento social LGBT se apresenta tanto como uma voz com demandas específicas como um conjunto em que determinadas vozes necessitam de cuidados direcionados, como demonstram as frases da Parada do Orgulho LGBT. Entre as frases generalizantes estavam “Saúde integral para todas e todos” e “Cuide-se! Faça o teste da AIDS e não abra mão da prevenção!”. Neste último caso, contudo, apesar de ser geral, a frase revela que grupos como jovens, homossexuais, travestis e transexuais são “populações chave” (WHO, 2014) no enfrentamento da epidemia do HIV/AIDS.

As frases específicas eram “Lésbica, não deixe de fazer o preventivo. Visite um ginecologista”, “Trans, você tem o direito de usar o seu nome social no cartão do SUS” e “Jovens, na pegação ou na fidelidade a camisinha é sempre a sua melhor parceira”. De modo geral, essas frases mostram uma saúde relacionada à doença, mas também aos direitos, como do uso do nome social por transsexuais.

O penúltimo trio reúne todas as demais questões que estão em luta, sejam de sindicatos de categorias profissionais específicas, trabalhadores rurais sem terra, legalização de drogas, sustentabilidade do meio-ambiente ou práticas de proteção animal. Qualquer temática que se organize pode pleitear agregar-se ao movimento, o que por vezes é usado pelos opositores como uma forma de criminalizar uma manifestação, o que justifica a presença da frase “Pela autonomia e contra a criminalização dos movimentos sociais.”.

⁶⁸ Entre outros serviços, o SUS oferece a atenção médica e hospitalar, de urgência e emergência, de prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças (NORONHA et al., 2012).

“Movimentos sociais na luta contra todos os preconceitos” resume e exemplifica o cruzamento de interesses e de solidariedade da comunidade refletido no discurso mais amplo de cidadania além das questões específicas dos direitos LGBT. Desde 2005, a Parada do Orgulho LGBT deu início a um novo rumo de sua história, em que uma concentração maior nas questões diretamente relacionadas aos direitos civis dos cidadãos LGBT intencionava criar uma conscientização social e combater todas as formas de discriminação, violência ou desigualdade sociopolítica no Brasil. Esse é um marco importante do potencial transformador da manifestação, que vai além das questões inerentes às minorias sexuais, mesmo que assumam algum risco de tornarem-se uma distração em relação às principais preocupações e, assim, gerarem uma consequente perda do foco sobre os motivos específicos para a luta (BUTTERMAN, 2012, p.89).

A representação nacional das instituições defensoras da causa LGBT é referência deste trio: “ABGLT, a maior rede LGBT na América Latina presente!” e une-se às diversas vozes também na reivindicação junto à promoção de políticas públicas imprescindíveis ao movimento, demonstrada na frase “Alô, congresso! Criminalização da homo-lesbo-transfobia já!” e “Trabalhadores unidos pela diversidade.”.

Com muitas fitas verdes ao redor como decoração, o último trio pertence ao Grupo Arco-Íris e nesse ano divulgava propósitos de ação da ONG, além de seus contatos: “Por políticas de inclusão e combate à discriminação – Facebook: Grupo Arco-Íris perfil 1.”; “Visite a nossa sede e seja voluntário: www.arco-iris.org.br.”; “Conheça nossas atividades e serviços: [Facebook.com / grupo arco-iris perfil 1.](https://www.facebook.com/grupo-arco-iris-perfil-1)”.

O trio recebeu também a tradicional bateria da escola de samba Mangueira, que no samba enredo de 2014 incluiu o tema da diversidade. O desfile da escola no sambódromo trouxe um carro em homenagem à Parada LGBT. Nele, trinta e dois homens entravam em armários cor de rosa com trajes masculinos e logo depois saíam deles caracterizados como *drag queens*. O enredo “A Festa Brasileira Cai no Samba da Mangueira”, que aborda as festas populares que acontecem em todo o Brasil, homenageava o principal evento festivo da cidade de São Paulo, a Parada do Orgulho LGBT, que acontece anualmente na Avenida Paulista. Além do carro alegórico, a escola levou também quatro alas representando a diversidade na avenida, com 100 componentes em cada uma delas. Experiente carnavalesca e responsável pelo enredo da escola, Rosa Magalhães, explicou que “É uma maneira também de

comemorar todas as conquistas que os gays conseguiram ultimamente, como o casamento, por exemplo”.

Uma das alas teve coreografia, celebrando a aprovação do casamento civil entre homossexuais. Na encenação, homens e mulheres estavam a princípio lado a lado, cobertos num cenário com várias camas de casal. Depois, eles se separavam formando casais homoafetivos.

O trio da ONG Arco-Íris ainda tratou de outra temática, apresentada através do termo controle social, que é empregado comumente, no sentido sociológico, para designar o controle do Estado sobre a sociedade, por meio de mecanismos que estabeleçam a ordem social disciplinando a sociedade e submetendo os indivíduos a determinados padrões sociais e princípios morais. Assim sendo, assegura a conformidade de comportamento dos indivíduos a um conjunto de regras e princípios prescritos e sancionados facilitando seu controle. Mesmo na teoria política possui uma ambiguidade, podendo ter sentidos diferentes tanto para designar o controle do Estado sobre a sociedade quanto para designar o controle da sociedade (ou de setores organizados na sociedade) sobre as ações do Estado. Além de não ser um termo popularmente utilizado, propicia uma compreensão muito dúbia na construção da frase “Exija do poder público os seus direitos. Exerça o controle social.”. Se a convocação teve a finalidade de imbuir o cidadão da consciência de seu poder, dentro de uma esfera de participação popular, a escolha do termo poderia ter sido mais adequada à compreensão do público em sua diversidade em todos os aspectos, assim como na outra frase do trio “Não se omite contra a violência, denuncie! Disque 100!”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período da pesquisa, o biênio 2013-2014, foi marcado por uma série de eventos históricos que tiveram repercussão imediata sobre o campo analisado. Este trabalho tornou-se, em alguma medida, beneficiário e vítima do tempo em que foi produzido. Grupos conservadores que defendiam a “cura gay”, o conceito tradicional de família e casamento, expressavam oposição contra a adoção de filhos por casais homoafetivos e contra a representação de LGBTs na mídia, sobretudo na programação da TV, ganharam visibilidade durante esse período juntamente com a efervescência dos movimentos sociais brasileiros, que suscitaram vários questionamentos, ampliando a discussão sobre a temática da diversidade e polarizando opiniões.

Especialmente no panorama político, embates entre representantes eleitos no congresso e durante a campanha eleitoral de 2014 não foram ignorados por ativistas e instituições representativas das causas LGBT. Estas, por sua vez, empenharam-se em fomentar atos e manifestações, convocando candidatos a se posicionarem em relação às demandas do movimento, discursando sobre a ameaça de retrocesso em conquistas estabelecidas, o aumento do conservadorismo e dos casos de homofobia.

No início do trabalho, apresentei um panorama da conjuntura histórica que forneceu as bases para o processo de formação de grupos que lidavam com o preconceito e, por meio de um processo de mobilização social, forjaram o que posteriormente se tornaria o movimento homossexual brasileiro. A partir dos anos 90, algumas ONGs atuavam como um espaço de assistência social, onde era possível também conciliar articulação e organização de diferentes movimentos sociais, que almejavam mais visibilidade e expressão em suas ações. A revisão bibliográfica e a observação da Parada do Orgulho LGBT de 2013 permitiram a compreensão de três dimensões da comunicação presentes no objeto da pesquisa: o espetáculo, a festa e a argumentação. Explicitei o papel de cada uma delas, identificando como se sobrepõem e configuram formas de participação pública no evento, caracterizando uma relação comunicativa.

Em seguida, a partir de uma análise etnográfica, investiguei o processo de construção do planejamento do evento, a partir da experiência em campo e nos encontros de capacitação com o grupo de voluntários que trabalhou na Parada LGBT de 2014, organizada pela ONG Arco-Íris. Utilizei os aspectos citados pelos participantes ao completarem o quadro de análise SWOT (forças, fraquezas, oportunidades e ameaças), elaborado para mapear o cenário LGBT

nos primeiros encontros, como um “pacote interpretativo” para as questões que se apresentaram. Parte das questões compreendidas como oportunidades se mostraram dúbias como:

- o apoio de celebridades que, geralmente, em troca da presença, buscavam divulgação para seus trabalhos, e outras celebridades que declararam publicamente não apoiar a existência da manifestação por compreenderem seu caráter festivo como um aspecto negativo, que deslegitimaria o movimento LGBT;
- mais representação de LGBTs na mídia, que ganhou forte visibilidade pública mas a emissora, ao mesmo tempo em que exibe a representação, entende ser necessário justificar-se publicamente pela veiculação;
- o ano de muitos eventos no Rio de Janeiro que, interpretado como promessa de ampliação de participação e patrocínio para a causa e suas ações, apontou que mesmo negócios estabelecidos há anos, assim como espaços identificados como voltados a atender ao público LGBT, podem deixar de existir subitamente, se assim lhes convier;
- ano de eleições com possibilidade maior de apresentação das causas LGBT mostrou-se fonte de frustração em relação à data programada. Apesar de divulgada com meses de antecedência no calendário oficial da cidade, o evento foi adiado nas vésperas de sua realização, causando prejuízos e reduzindo a participação popular. A justificativa recaiu sobre o expressivo corte de verbas de patrocínio, principalmente da prefeitura. Uma consequência já prevista com a realização do evento após as eleições.

Os demais aspectos analisados, forças, fraquezas e ameaças, mostraram-se em consonância com o enquadramento esperado ou com maior impacto positivo, como a expansão deste ato público para novas localidades, ressoando como novo fôlego para a estratégia política do movimento LGBT.

Durante esse período, destacou-se o acirramento nos discursos e na disputa pela potência política da visibilidade, como no caso do evento “Marcha para Jesus”, também patrocinado pela prefeitura, que recebeu a devida verba, realizando-se no primeiro semestre. Interessante foi observar que apesar de ter um propósito ideológico conservador e antagônico ao da Parada LGBT, utiliza o mesmo formato festivo e carnavalesco, bastante questionado por “despolitizar” uma causa.

Nos últimos cinco anos, as Paradas do Orgulho LGBT das grandes metrópoles brasileiras têm sido multiplicadas não só para outros municípios, como também por bairros e favelas das cidades, congregando pessoas na observação e/ou na participação efetiva na manifestação. Durante a manifestação, deslocam-se em massa, caminhando ou dançando próximos aos trios, divertem-se transgredindo a conduta normatizante e opressora, para além do conceito bakhtiniano de carnavalização, como o momento da inversão. Usufruindo a experiência de liberdade de expressão, que, por meio da festa, permite vislumbrar o desejo de reconstrução da sociedade, de mudança para novas possibilidades de vida coletiva, como indispensável para a renovação, como classifica o sociólogo Jean Duvignaud:

Pode-se afirmar que a festa, subjacente a todas as culturas, irrompe subitamente, quer utilizando as conformações já definidas(...), quer concretizando-se de modo diverso a qualquer padrão conhecido. Por ser transsocial, ela é indubitavelmente o único estímulo à mudança ou à renovação do questionamento nas sociedades. (DUVIGNAUD, 1983, P. 231)

A estratégia de espetáculo e de festa que compõem a narrativa política do desfile-mobilização é tema do último capítulo. Imergindo no evento realizado na Zona Norte da cidade, pude estabelecer comparações entre as práticas utilizadas em Madureira e em Copacabana, que caracterizavam o ritmo e, principalmente, a forma de participação que cada sujeito estabelecia com a manifestação, seja contemplando, sociabilizando ou dialogando, atuando politicamente, em maior ou menor grau, gerando apropriações e sentidos que podem permear e estabelecer acesso a várias esferas da sociedade.

O trabalho de campo proporcionou um novo mergulho etnográfico na Parada LGBT de Copacabana, desta vez na edição de 2014, acompanhando, como voluntária, os bastidores da produção e da dinâmica de todo o evento. Ao longo da manhã, a área de tendas cumpre, em alguma medida, o papel informativo de estabelecer um contato mais direto com o público, abordando-o e abrindo a possibilidade de acesso à informação qualificada, ao aprendizado e ao diálogo. Mesmo com a fraca divulgação desta gama de serviços, capta, nessa atitude, ainda que breve, uma participação com interlocução, apresentando-se como um elemento impulsionador para a vontade política dos cidadãos.

As questões da segurança, a presença de insegurança ou a ausência de segurança, e de um plano operacional das instituições responsáveis, surpreendeu até as mais antigas lideranças que atuam há mais de dezoito anos consecutivos na organização do evento. A repercussão midiática do evento foi completamente pautada pelos episódios de roubos, arrastões e violência durante os quatro dias seguintes a sua realização. No próprio domingo,

na internet, havia mais de 65 matérias sobre os assaltos durante a Parada LGBT, além das redes sociais, o que levou a ONG Arco-Íris a emitir uma resposta esclarecendo as promessas firmadas nas reuniões realizadas desde maio, com membros da prefeitura e órgãos oficiais de segurança pública envolvidos. Casos similares vinham ocorrendo na Praia de Copacabana e em diversas regiões da cidade desde o início do ano⁶⁹.

Efeito de diversas questões como o aumento de mortes por homofobia, da época de mobilizações sociais e do questionamento da dependência de verbas públicas, a existência da Parada LGBT, seja em formato passeata ou desfile, mais carnalizado ou mais politizado, mostrou-se como um ato necessário, que ainda faz sentido para milhares de pessoas. Ao se apropriarem desse espaço, permitem-se dizer que, apesar de todas as lutas, de tantas injustiças e violências, elas estão vivas e querem continuar vivendo e não se furtarão a se organizar para protestar e cobrar justiça e igualdade de direitos, além de todas as demais demandas que lhes convierem.

⁶⁹ Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/01/06/roubo-a-celular-quadruplica-em-copacabana-aumento-chega-a-266.htm>. Acessado em 26 de out de 2015.

BIBLIOGRAFIA

- ABGLT, *Manual de Comunicação LGBT* - Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Ajir Artes Gráficas e Editora Ltda, 2009. Disponível em <http://www.abgl.org.br/docs/ManualdeComunicacaoLGBT.pdf>. Acesso em 14 set 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 2010.
- _____, Mikhail.[Volochínov]. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- _____, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.3- 15, 1981.
- BERUTTI, Eliane Borges. Estudos gays e lésbicos no século XXI: imitação ou devoração cultural? In: SOUZA JUNIOR, José Luiz Foureaux (Org.). *Literatura e homoerotismo: uma introdução*. São Paulo: Scortecci Editora, p. 2002.
- BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin - Conceitos-chave*. 4ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, p. 191-200, 2008.
- BUTTERMAN, Steven. – *Invisibilidade Vigilante: representações midiáticas da maior parada gay do planeta*. 4ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: NVerse, 2012.
- CAIAFA, Janice. *Trilhos da Cidade – Viajar no metro do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- CAVALCANTI, M. L. Viveiros de Castro. As alegorias no carnaval carioca: visualidade espetacular e narrativa ritual. Em: *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, v.3, n. 1, p. 17-27, 2006.
- COLLING, Leandro.(Org.) *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Coleção Cult. Salvador: EDUFBA,2011.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. *O que é participação política*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1983.
- FACCHINI, R. ; FRANÇA, I. L. ; VENTURI, G. . *Sexualidade, cidadania e homofobia: pesquisa 10ª Parada do Orgulho GLBT de São Paulo - 2006*. 1. ed. São Paulo: APOGLBTSP, 2007.
- FACCHINI, R. ; FRANÇA, I. L. ; VENTURI, G. . *Sopa de Letrinhas?: Movimento Homossexual e Produção de Identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: ed. Garamond, 2005.
- FERNANDES, Adélia Barroso. *Papel reflexivo da mídia na construção da cidadania. O caso do movimento antimanicomial – 1987 a 1997*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- FREITAS, Ricardo; LINS, Flávio. Rock in Rio: o megaevento como plataforma transmidia. Em: NOVELLI, A. L.; MOURA, C.P.; CURVELLO, J.J. (Org) ABRAPCORP 2013: *Teorias e Métodos de Pesquisa em Comunicação Organizacional e Relações Públicas: entre a tradição e a inovação*. Porto Alegre: Editora Universitária da PUCRS, 2013.
- GREEN, James N. Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- GREEN, James N. Mais amor e mais tesão. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GRUPO ARCO-ÍRIS, ONG. *Apostila de apresentação aos voluntários da Parada LGBT*, 2014.
- GUIMARÃES, Juliana. Minorias e discurso na esfera pública digital: o caso da Parada Gay. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública – Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- _____, Jürgen. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. Volume II – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- KEHL, Maria Rita. A Passividade. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Vida, vício e virtude*. São Paulo: Senac Editora, 2009.
- KOTLER, Philip. *Administração de marketing: análise, planejamento, implementação e*

controle. São Paulo: Atlas, 2006.

MACHADO, Frederico V. & PRADO, Marco Aurélio M. Visibilidade, Sexualidade e Cidadania na Parada do Orgulho GLBT de Belo Horizonte. *Anais do II Seminário Nacional Movimentos sociais, participação e democracia* – UFSC, 2007. Disponível em http://www.sociologia.ufsc.br/npms/frederico_viana.pdf. Acesso em 01 de fev. 2014.

MACRAE, Edward. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. Em: COLLING, Leandro (Org). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011.

MAFRA, Rennan. - *Entre o espetáculo, a festa e a argumentação: mídia, comunicação estratégica e mobilização social*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade*. 3ª edição, São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

MÍCOLLIS, Leila; DANIEL, Herbert. *Jacarés e Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983

MELO NETO, Francisco Paulo de. *Criatividade em Eventos*. Rio de Janeiro: Contexto, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MOTT, Luiz. *ABC DAS PARADAS GAYS - Cartilha com informações úteis de como potencializar as Paradas GLTBS*, 2004. Disponível em <http://www.abgl.org.br/port/paradasabc.php>. Acesso em 03 de set 2014.

_____, Luiz. Grupo Gay da Bahia. Violação dos direitos humanos e assassinato de homossexuais no Brasil – 1997. *Boletim do Grupo Gay da Bahia*, nº 37, janeiro/fevereiro de 1998, pp. 32-48.

NORONHA, José Carvalho; LIMA, Luciana Dias de; MACHADO, Cristiani Vieira. O Sistema Único de Saúde – SUS. In: GIOVANELLA, Lúgia (org.). *Políticas e Sistema de Saúde no Brasil*. 2ª ed. ver. e amp. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2012, p. 365-394.

OLIVEIRA, Marcos Piñon de. Soluções e esperança nas fronteiras da cidade. *Caderno Globo Universidade*, Rio de Janeiro: Globo, v.1, n.2, mar 2013.

PAIVA, Vera. Revendo as primeiras abordagens para a prevenção da Aids. In: *Fazendo arte com camisinha: Sexualidades jovens em tempos de Aids*. São Paulo: Summus, 2000, p. 27-53.

SILVA - *Marchando pelo arco-iris da politica: a parada orgulho LGBT na construção da consciência coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 68-69, 2006.

SIMMEL, Georg. - A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. G. - *O Fenômeno Urbano*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

RESENDE, Ênio. - *Chega de ser o "País do Futuro": novos paradigmas para resolver o Brasil*. São Paulo: Mescla Editorial, 2001.

SIMMEL, Georg. - *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2006.

TAYLOR, Charles. *A ética da autenticidade*. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

TORO A, José Bernardo. WERNECK, Nísia Maria Duarte. *Mobilização Social: Um modo de construir a democracia e a participação*. Belo Horizonte: Autêntica, 1996.

WHO, World Health Organization. *Consolidated guidelines on HIV prevention, diagnosis, treatment and care for key populations*. Genebra, Suíça: WHO, 2014.

YÚDICE, George. *A Conveniência da Cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

REVISTAS:

Revista S! – Ano XII – nº 143 – Julho 2014

VEJA, edição nº 15. São Paulo: Editora Abril, 10 de abril de 2013.

SÍTIOS CONSULTADOS:

Parada Gay em Copacabana espera público de 1 milhão neste domingo. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/parada-gay-em-copacabana-espera-publico-de-1-milhao-neste-domingo.html>.

Riotur divulga pesquisa sobre impacto econômico do turista LGBT no Carnaval. Disponível em <http://www.rio.rj.gov.br/web/riotur/exibeconteudo?id=4674109>.

Parada Gay de São Paulo reúne quatro milhões. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/apesar+da+chuva+parada+gay+de+sao+paulo+reune+4+milhoes/n1597047897559.html>.

Parada do Orgulho LGBT reúne um milhão de pessoas em Copacabana. Disponível em <http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/rio-parada-do-orgulho-lgbt-reune-um-milhao-de-pessoas-em-copacabana,c9fe323c703b1410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>.

Portal GEO RJ – População de Copacabana. Disponível em http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_bairro.htm

Rios de História – Tour histórico - Gay Friendly. Rio de Janeiro: apaixonar-se, entregar-se e sentir sua energia. Disponível em <http://www.riosdehistoria.com/rio-de-janeiro-tourism/lgbt-in-rio?langid=20>.

Para o armário, nunca mais! – APOGLBT divulga tema da 17ª Parada. Disponível em <http://www.paradasp.org.br/noticia/para-o-armario-nunca-mais-apoglbt-divulga-tema-da-17-parada.html>

Governo lança Sistema Nacional LGBT para integrar políticas contra o preconceito. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2013-06-27/governo-lanca-sistema-nacional-lgbt-para-integrar-politicas-contra-preconceito>

Plural Coletivo contra a homofobia. Disponível em: <http://www.diariodamanha.com/noticias/ver/1721/Plural+Coletivo+contra+a+homofobia>

ANEXOS

ANEXO 1

PRÉ-PLANEJAMENTO DE COMUNICAÇÃO

19ª Parada do Orgulho LGBT - Rio 2014

Objetivo Geral

Conceituar a Parada do Orgulho LGBT como legítima manifestação de cidadania e respeito. Somos milhões no Brasil, cuja constituição afirma: “todos somos iguais perante a Lei.” (Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes

Objetivos específicos

- Destacar na imprensa a organização da Parada - o tema, principais reivindicações e destaques / atrações;
- Criar um diálogo com jornalistas estabelecendo novas oportunidades de relacionamento;
- Destacar a calendário de atividades que compõem a Programação do Orgulho, visibilizando os artistas e mostrando a cultura LGBT como manifestação rica, representativa do espírito e manemolência carioca ao tempo que se expande para o mundo inspirados na obra “Estrangeiro” de Caetano Veloso (aqui teremos que conceituar melhor);
- Destacar o Grupo Arco-Íris como instituição que promove ações de combate a discriminação, defensora de direitos e prestadora de serviços para a comunidade LGBT e a sociedade em geral;
- Minimizar a percepção negativa de grande parte da sociedade tem em relação ao evento. Nesse sentido, o foco será dar grande visibilidade aos projetos sociais desenvolvidos pelo Arco-Íris durante a Parada (ação Orgulho e Cidadania).

Plano de Assessoria de Imprensa

Terá foco em duas estratégias: exclusividade e especificidade:

Exclusividade = oferecimento de informações inéditas e exclusivas com foco na consolidação de reportagens especiais.

Especificidade = oferecimento de informações específicas para veículos que tenham interesse na temática.

Próximos passos

- relacionar pautas / ganchos;
- montar mailing;
- cronograma de ações;
- definir metas.

Proposta Target

Ações Previstas

1. Assessoria de imprensa nacional;
2. Coordenação de criação publicitária;
3. Interface com a rádio FM O Dia;
4. Acompanhamento de produção gráfica dos materiais da comunicação;
5. Apoio ao cerimonial da abertura da Parada (dia 16 de novembro);
6. Apuração de textos, edição e copydesk de conteúdo para peças gráficas;
7. Produção de conteúdo para site e redes sociais (site institucional e Facebook);
8. Clipping impresso.

Descritivo

- Assessoria de imprensa: promover junto aos meios de comunicação a Parada do Orgulho LGBT-Rio, os eventos oficiais e sua bandeira de luta, através de reportagens jornalísticas, artigos e editoriais nos segmentos de política, cultura, eventos, grátis, cidadania, cidade / Rio, país e LGBT.

- Atendimento às demandas da imprensa, com triagem das solicitações, agendamento e acompanhamento de entrevistas (no Rio de Janeiro), antecedidas de preparação dos entrevistados, quando necessário.
- Coordenação de criação Publicitária: manter interface com a empresa Indústria Nacional, orientando na produção de materiais e peças gráficas.
- Acompanhamento de produção gráfica dos materiais da comunicação: acompanhamento da produção do material gráfico, monitorando desde o envio da arte ao fornecedor e conferindo entrega e qualidade do material.
- Apoio à organização do cerimonial da abertura da Parada: organizar ordem de precedência e acesso ao microfone para os discursos de boas-vindas.
- Apuração de textos, edição e copydesk de conteúdo para peças gráficas: redigir os textos de todos os materiais gráficos promocionais do evento.
- Apuração, produção de conteúdo e gerenciamento de redes sociais (site, twitter e facebook) oficiais da Parada.
- Interface junto à rádio FM O Dia a fim de formatar parceria institucional para visibilidade do evento.

ANEXO 2

ABC DAS PARADAS GAYS

Cartilha com informações úteis de como potencializar as Paradas GLTBS

Organização: Luiz Mott, GGB (2004)

Colegas do Movimento Homossexual Brasileiro

Estão aqui reunidos sete textos sugestivos, de autoria de diferentes militantes do MHB, divulgados originalmente nas listas ABGLT, GAYLAWYERS, LISTAGLS, AAGLT, cujo objetivo é reforçar a organização das Paradas Gays, torná-las politicamente mais potentes e abrilhantar ainda mais essas mega-manifestações de visibilidade massiva e afirmação cidadã do povo GLTBS do Brasil. Nossa gratidão a todos que trabalham pelo sucesso de nossa cidadania plena. Sugestões, novos artigos e críticas construtivas são sempre bem-vindas! *Bahia de todos os santos e santas, 10-6-2004. Luiz Mott*

ÍNDICE

1. Objetivos das Paradas GLTBS, Luiz Mott, Grupo Gay da Bahia, Salvador
2. 10 sugestões para dar maior brilho às Paradas, Oswaldo Braga, Movimento Gay de Minas, Juiz de Fora
3. Palavras de ordem a serem ditas no alto-falante das Paradas, Listeiros
4. Como avaliar o número de participantes das Paradas, Oscar Xavier e apud Paul Beppler
5. Dez motivos para você participar das Paradas, João Pedrosa, SP
6. Como politizar mais as paradas, Luiz Mott
7. Organizando tarefas nas Paradas GLBT, Marcelo Nascimento

1. Objetivos das Paradas GLTBS (Luiz Mott, luizmott@ufba.br)

As Paradas GLTBS para cumprirem plenamente sua missão e não se tornarem meramente mais um carnaval for a de época, devem cumprir rigorosamente os seguintes objetivos:

1. Promover a visibilidade massiva de GLT a fim de mostrar à sociedade global o poder de arregimentação deste segmento populacional enquanto cidadãos e massa potencial de eleitores e consumidores
2. Reforçar a auto-estima individual dos participantes enquanto homossexuais que devem

ter seus direitos de cidadania plenamente respeitados

3. Funcionar como ritual de iniciação para que novos homossexuais se assumam, estimulando aos enrustidos “sair da gaveta”
4. Mostrar à sociedade global a existência da diversidade sexual da comunidade homossexual e estimular o respeito à livre orientação sexual, papel de gênero e estilo de vida
5. Selar a solidariedade do movimento homossexual organizado e da comunidade homossexual com outras minorias sociais, entidades de classe e representantes de diferentes setores do poder, fazendo das paradas vitrine e espaço de visibilidade para futuros candidatos GLS a cargos políticos previamente apoiados pelos grupos locais do movimento homossexual e comprometidos com suas bandeiras de luta
6. Arregimentar novos militantes para se associarem aos diversos grupos do movimento homossexual organizado
7. Denunciar à população em geral e à mídia as diferentes manifestações de homofobia que pesam sobre a comunidade homossexual, transmitindo aos participantes da parada informações sobre auto-defesa contra discriminações e como enfrentar e se proteger da violência anti-homossexual
8. Transmitir informações e reforçar junto aos participantes da parada a necessidade da prevenção da Aids e DST.

2. Dez sugestões para dar maior brilho às Paradas (Oswaldo Braga, oswaldobraga@acessa.com)

1) Bandeira do Brasil e do Arco-íris

Toda Parada deve ter um carro oficial, mesmo que seja o único, onde estejam a bandeira do Brasil e a do Arco-íris. Se sua ONG tiver uma bandeira, coloque-a também no carro oficial, de forma a demonstrarmos nossa cidadania e nosso orgulho de sermos GLBT brasileiros;

2) DJ dos trios elétricos

Como a gente tem problema com DJs!! Minha opinião é que os DJs devam ser gays e freqüentadores da scenne gay, porque a gente tem um tipo de música que levanta a galera, que faz com que a gente dê uma pinta e seja um pouco mais feliz. Isso é sempre um problema. Cuide para que a Parada seja gay e que as músicas sejam mais gays ainda!

3) Credenciais para acesso aos trios

Cuidado para não ferir suscetibilidades. Os convidados devem ser credenciados com antecedência e um segurança deve fazer o controle de quem sobe e quem desce. Colocar alguém da militância na portaria pode acabar gerando privilégios;

4) Direito a usar o microfone

Deixe as regras bem claras e prepare um cerimonial, se for o caso. Deixar o microfone à vontade acaba fazendo com que a Parada fique chata e espante a galera que a acompanha. Bom senso e moderação.

5) Palavras de ordem

É sempre bom pensar nisso com antecedência, para evitar gritar bobagem ou gaguejar na hora errada. Prepare um repertório. Na hora, sinta o clima e puxe o coro. Seja criativo, mas não seja ridículo.

6) Entrevistas

Aqueles que estarão à frente do evento, não se esqueçam que serão chamados a falar. Tenha na ponta da língua um discurso inclusivo, saliente as nossas bandeiras, ressalte o caráter político e de prevenção do evento. Cite e agradeça os patrocinadores e apoiadores e seja simpático, acima de tudo. Deixe a arrogância para os outros.

7) Segurança

Instrua os seguranças sobre o público com os quais estarão lidando. Não vacile nesse item. A função dos seguranças é zelar para que tudo transcorra em ordem. Se isso não estiver acontecendo, eles devem controlar a situação e encaminhar os causadores de transtorno para que a polícia se encarregue de fazer valer a lei. Nada justifica violência.

8) Outros movimentos sociais

Tente incluir os outros movimentos sociais na Parada. A Parada é nossa, mas é sempre bom recebermos nossos convidados, pessoas que nos apóiam, grupos discriminados como nós, aliados na luta pelo combate a qualquer tipo de preconceito.

9) Poder Público

Não se esqueça de convidar representantes do poder público, mas não transforme sua parada num comício político eleitoral, principalmente nesse ano de eleições municipais.

Simpatizantes são sempre bem-vindos, mas aproveitadores são dispensáveis.

10) Orgulho

Esteja lindo! Esteja Linda! Vista sua melhor roupa, incorpore seu melhor humor, esqueças os problemas, abra um sorriso, reúna os amigos e venha mostrar seu orgulho de ser diferente.

3. PALAVRAS DE ORDEM PARA SEREM LIDAS NO ALTO-FALANTE DURANTE A PARADA

Contribuição d@s participantes das listas ABGLT, LISTAGLS, GAYLAWYERS, AAGLS, ANTRA, sistematizado por Luiz Mott

Ler bem forte, devagar, com emoção, repetindo a mesma frase TRÊS vezes. Onde está [NOME DA CIDADE] incluir o local onde está sendo onde está sendo realizada a parada e o nome dos grupos homossexuais responsáveis.

- » ABAIXO O PRECONCEITO, NÓS HOMOSSEXUAIS QUEREMOS RESPEITO!
- » GAY, LÉSBICA, TRANSEXUAL, TUDO É NORMAL: PRECONCEITO É QUE FAZ MAL
- » [Nome da cidade] É GAY, [NOME DA CIDADE] É LÉSBICA: VIVA [NOME DA CIDADE] DA DIVERSIDADE RACIAL E SEXUAL
- » VOCÊ QUE ESTÁ AÍ DO LADO, SEJA CIDADÃO: VENHA PRO NOSSO LADO!
- » CAMISINHA SIM, AIDS NÃO!
- » CIDADANIA NÃO TEM ROUPA CERTA: RESPEITE AS TRAVESTIS
- » SOU GAY E JESUS ME AMA
- » O AMOR É ESSENCIAL; O SEXO UM ACIDENTE:
- » PODE SER IGUAL, PODE SER DIFERENTE.
- » ESTOU DE BEM COM A VIDA SOU LÉSBICA ASSUMIDA
- » DIVERSIDADE SEXUAL, SIM. PRECONCEITO, NÃO. VIVA O ARCO-ÍRIS

- » EM [NOME DA CIDADE], A LEI PROÍBE A DISCRIMINAÇÃO ANTI-HOMOSSEXUAL
- » GAY VIVO NÃO DORME COM O INIMIGO
- » É LEGAL SER HOMOSSEXUAL
- » LÉSBICAS UNIDAS JAMAIS SERÃO VENCIDAS
- » JÁ SÃO MAIS DE 30 PARADAS DO ORGULHO LESBIGAY NO BRASIL: EM BREVE VAMOS CHEGAR A MIL!
- » SE RESPEITE E RESPEITE O PARCEIRO: USE CAMISINHA
- » QUEM É HOMOSSEXUAL LEVANTE A MÃO! SOMOS UM MILHÃO!
- » EU ABALO, MEU BEM: SOU TRAVESTI E SOU DO BEM
- » EVITE A AIDS, NÃO O CONVÍVIO COM ALGUÉM COM AIDS
- » GAY DE VERDADE, LUTA PELA NOSSA LIBERDADE
- » ASSUMINDO, O GAY FICA MAIS LINDO
- » RESPEITO: O MELHOR REMÉDIO CONTRA O PRECONCEITO
- » SOU LÉSBICA E EVANGÉLICA: JESUS ME AMA!
- » SE VOCÊ CONTINUAR NO ARMÁRIO VAI MORRER SUFOCADO
- » ORGULHO SÓ NA PARADA, É O FIM DA PICADA: ABALE O ANO INTEIRO
- » OXUMARÉ, LOGUN-EDÉ: O ARCO IRIS É MINHA FÉ
- » [Nome do grupo glt local]: O SINDICATO DOS GAYS. [Citar endereço]
- » VOCÊ PODE ABRAÇAR E BEIJAR EM PÚBLICO: A LEI ESTÁ DO NOSSO LADO. DENUNCIE SE FOR DISCRIMINADO!
- » SOU PAI DE UM HOMOSSEXUAL E SOU UM PAI NORMAL
- » SOU MÃE DE UMA HOMOSSEXUAL E SOU UMA MÃE NORMAL
- » PARCERIA CIVIL PARA MUDAR O BRASIL
- » SE FOR CAÇAR, SAIA ARMADO: LEVE SEMPRE CAMISINHA
- » SOU 100% NEGRO, SOU 100% GAY. SOU ADÉ, SOU QUIMBANDA DUDU
- » RESPEITE AS LEIS, RESPEITE OS GAYS
- » SE EU TO AFIM, NINGUÉM ME SEGURA, ABRO LOGO A CAMISINHA
- » SOU CIDADÃO, CONTRIBUO PARA A NAÇÃO, RESPEITE MINHA OPÇÃO
- » BARBY, BIBA OU BICHINHA: USE SEMPRE CAMISINHA
- » ANDE DE MÃO DADA COM SEU NAMORADO: NÃO É CRIME NEM PECADO!
- » SAIA DO ARMÁRIO, A CRISTALEIRA É MUITO MELHOR: SE ASSUMA VIADO!
- » SE VOCÊ NÃO PROTESTAR QUANDO MATAM UM HOMOSSEXUAL, A PRÓXIMA

VÍTIMA PODE SER VOCÊ

- » RESPEITO É BOM E EU GOSTO, SOU TRAVESTI, E DAI ?
- » NO BRASIL, MAIS DE CEM HOMOSSEXUAIS SÃO ANUALMENTE ASSASSINADOS, VITIMAS DA HOMOFOBIA. SE CUIDE E DENUNCIE A VIOLÊNCIA ANTI-HOMOSSEXUAL. NÃO SEJA A PRÓXIMA VITIMA!
- » SOU UMA MULHER E SOU FELIZ: AMO OUTRA MULHER FELIZ.
- » SER VIADO NÃO É ERRADO, SER VIADO NÃO É PECADO!
- » SIMPATIZANTE: SEU APOIO É MUITO IMPORTANTE
- » BICHA CASADA OU GALINHA, USA SEMPRE CAMISINHA
- » [NOME DA CIDADE] É GAY! [NOME DA CIDADE] É LÉSBICA!
- » SOU HOMOSSEXUAL, NÃO SOU DOENTE: DEUS AMA TAMBÉM A GENTE!
- » TENHA ORGULHO EM DIZER: EU SOU GAY
- » TENHA ORGULHO EM DIZER: EU SOU LÉSBICA
- » TENHA ORGULHO EM DIZER: EU SOU TRANSEXUAL
- » TENHA ORGULHO EM DIZER: EU SOU TRAVESTI
- » SOU UM HOMEM FELIZ: AMO OUTRO HOMEM FELIZ.
- » UNIÃO HOMOSSEXUAL PRECISA SER LEGAL!
- » VISITE O GRUPO HOMOSSEXUAL [nome e endereço]. CAMISINHA GRÁTIS

4. COMO AVALIAR O NÚMERO DE PARTICIPANTES DAS PARADAS (Oscar Xavier oscar.xavier@terra.com.br)

» ESTIMATIVAS SOBRE MASSA POPULACIONAL

“Como repórter eu aprendi a fazer estimativa do numero de pessoas numa multidão: a gente traça um grande quadrado imaginario envolvendo a multidão, divide em quatro, conta quantas cabeças tem num quadrante e multiplica por quatro.

[Outra idéia é contar o numero aproximado de pessoas entre um poste e outro (e desde que os postes das ruas mantenham a mesma distancia, e o número de pessoas seja mais ou menos homogêneo) basta então multiplicar o numero total dos postes pelo número de pessoas entre um e outro. Mott]

Outro método que também aprendi foi perguntar ao comandante da policia que está no local do evento quantas pessoas estão presentes... e na hora da redação da matéria colocar "segundo

o comandante da policia militar fulano de tal, estavam presentes tantos mil pessoas no evento..." Outra saída é perguntar ao organizador do evento qual é a estimativa de quantas pessoas presentes..."

» A CONTAGEM DO NÚMERO DE PESSOAS QUE NUMA MULTIDÃO

(Fonte: <http://www.sciencenet.org.uk/slup/CuttingEdge/Feb03/crowds.html>)

Tradução e divulgação: Paul Beppler pbeppler@riolingo.com

A marcha no centro de Londres contra a guerra ao Iraque na semana passada teria sido a maior demonstração jamais ocorrida na história do Reino Unido. Mas verificar essa afirmação é praticamente impossível: as estimativas do número de demonstrantes variam de 500.000 a 2.000.000! Esta escala de discrepâncias nas estimativas vindas de diferentes fontes não é novidade nenhuma e fazem parte quase que intrínseca de qualquer marcha ou demonstração. Geralmente aqueles que apóiam o evento em questão oferecem as estimativas mais elevadas enquanto que aqueles que desaprovam da causa apresentam os números mais baixos. Embora pareça sensato de se supor que a contagem 'verdadeira' estaria entre os dois extremos, o desenvolvimento de métodos precisos para se estimar o tamanho de multidões viria a diminuir a necessidade de se fazer essas tremendas suposições vulneráveis à manipulações.

Presentemente existem dois métodos principais utilizados para se obter estimativas do tamanho de multidões; ambos arquitetados em suas próprias suposições. É possível coletar dados utilizando-se o 'grid system' onde se tiram fotos aéreas da multidão que são então divididas em quadrados para calcular a área ocupada pelo agrupamento. Ao multiplicar o número médio de pessoas por metro quadrado x a área total ocupada pela multidão chega-se a um número aproximado do total de pessoas presentes no evento. O segundo método faz a estimativa do número total da multidão ao avaliar o movimento das pessoas. Se a marcha possuir uma rota definida contadores manuais e automatizados podem ser utilizados para estimar o número de pessoas que passam de um ponto a outro dentro de um certo período de tempo, dessa forma uma média pode ser utilizada para estimar os números finais. Existem muitos fatores que podem tornar esses métodos imprecisos. O 'grid system' assume que há um certo número de pessoas por metro quadrado e esse valor, tanto quanto os totais, pode diferir muito dependendo de quem é que efetua os cálculos. Além disso, a realidade é muito

mais complexa pois algumas áreas da multidão sempre vão estar mais 'cheias' do que outras. O problema com medidas baseadas no movimento da multidão é que se supõe que maioria das pessoas irá passar pelos pontos de monitoração ­ sem levar em conta as pessoas que se ajuntam ao movimento mais além dos pontos de monitoração. Na marcha do sábado último, por exemplo, teriam sido ignoradas as pessoas que foram diretamente ao Hyde Park. Muito embora um combinação desses dois métodos pode melhorar a precisão da contagem, cientistas estão imbuídos na procura de alternativas melhores. Programas de modelagem computacional (computer modelling programs) estão sendo desenvolvidos para analisar e prever dinâmicas de multidões. É interessante notar que existem estudos sobre o comportamento de insetos, tal como formigas, que estão dando indicações valiosas aos cientistas nesse campo. Parece que quando grandes números de seres humanos se ajuntam em áreas pequenas eles se comportam mais ou menos da mesma forma que formigas. Da mesma forma que elas seguem umas às outras para chegar nos locais onde se encontra a comida, parece que os seres humanos também seguem uns aos outros quando ocorrem grandes concentrações de pessoas. Mas como as formigas, as pessoas tendem a se espalhar quando o agrupamento se torna denso demais. Muito embora a incorporação das informações oriundas desses tipos de estudos com os presentes métodos de se formar estimativas do tamanho de multidões poderia vir a sanar o problema das estimativas de multidões, esses estudos ainda se encontram nos primeiros estágios de pesquisa e desenvolvimento. Parece que no momento teremos que concordar em discordar sobre o número de pessoas que participam desses eventos públicos.

(Falta acrescentar um método de avaliação sugerido pelo Grupo Arco-íris)

5. DEZ MOTIVOS PARA VOCÊ PARTICIPAR DAS PARADAS GAYS

João Pedrosa, <joao@glx.com.br>

Em 2003 havia um milhão de pessoas na avenida Paulista. Gente de todo o Brasil compareceu ao evento, além de pessoas da Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Venezuela e Equador, que se deslocaram especificamente para participarem da parada. No próximo dia 13 de junho de 2004, domingo, a partir das 14h são esperadas mais de um milhão e meio de pessoas na avenida Paulista. O tema deste ano será: Temos família e orgulho. Serão 20 carros de som que percorrerão a avenida Paulista em direção á praça da República, onde ocorrerá o show de

música popular. A parada de São Paulo é considerada uma das quatro maiores do planeta, em termos de importância política e número de participantes, se equiparando as paradas de Berlim, São Francisco e Toronto. Você que é gay, lésbica, travesti, transgênero, pai e mãe de homossexual ou simplesmente um cidadão ou cidadã brasileiro amante da liberdade compareça à parada! Abaixo relaciona as dez perguntas que as pessoas fazem sobre os motivos para participarem das paradas:

1. Como serei beneficiado se for à parada? Você estará contribuindo para acabar com a intolerância social com relação à homossexualidade. Se você é homossexual será beneficiado diretamente. Se não, sua participação contribuirá para ajudar a acabar com a intolerância, o preconceito e a violência contra à pessoa homossexual.

2. Uma parada tem o poder de acabar com a intolerância e o preconceito social? A parada, por si só, não tem este poder. Mas, ela contribui diretamente mostrando à sociedade civil brasileira e paulista a força da comunidade GLBT. Uma manifestação de massa de mais de um milhão de pessoas terá uma grande repercussão política.

3. Para que serve a repercussão política? Serve para os políticos, que fazem as leis do nosso município, estado e país se sentirem pressionados e transformarem às reivindicações dos homossexuais em leis. Assim, o estado dará garantias dos direitos civis à comunidade GLBT. Por exemplo, leis que garantam: união estável entre pessoas do mesmo sexo, punição às pessoas e empresas que discriminam homossexuais no local de trabalho ou ambiente público, políticas governamentais específicas para a comunidade GLBT, etc.

4. Será que homossexual deve se meter em política? A parada é um encontro de massa que tem como objetivo confraternizar toda comunidade GLBT. É um encontro político, também, por que toda ação do ser humano na sociedade é uma ação política. Durante nossas vidas estamos fazendo política o tempo todo. Não são só os partidos políticos e os parlamentares que fazem política. Eles fazem a política institucional. Nós, pessoas do povo, fazemos política de massa. Os políticos dependem da gente. Nós temos uma força muito grande, principalmente quando nos unimos. Quando as pessoas se unem ficam fortes e passam a ser respeitadas pelos políticos e o restante da sociedade.

5. Qual será a reação dos políticos e da sociedade? A parada evidenciará que a luta da comunidade GLBT tem amplo apoio popular. Os políticos conservadores e o cidadão comum, que são contra os homossexuais, pensarão duas vezes antes de fazer algo para prejudicar à comunidade GLBT.

6. Eu quero ir á parada, mas tenho medo de ser reconhecido? Boa parte dos homossexuais têm este medo, porque a maioria não está preparada emocionalmente para sair do armário. Além das pessoas da comunidade GLBT, estarão na parada milhares de pessoas que não são homossexuais, estão lá para apoiar. Não tenha esta preocupação. Reúna seus amigos e entre na multidão.
7. Tem gente que acha que a parada é uma palhaçada e não serve para nada? São pessoas conservadoras que acham que os homossexuais não devem ter visibilidade, devem ficar quietos e não saírem do armário. Estas pessoas estão contribuindo para que homossexuais continuem sendo assassinados impunemente no nosso país, sendo demitidos das empresas por serem gays, que os travestis não tenham emprego e precisem se prostituir para sobreviver, etc.
8. E se eu me omitir e não for a parada com medo? Você estará contribuindo para dar força àqueles que querem perseguir os homossexuais. Você estará se prejudicando e prejudicando as outras pessoas. Recentemente o deputado federal Elimar Máximo Damasceno (PRONA/SP) apresentou um projeto de lei para proibir o beijo entre pessoas do mesmo sexo. Este projeto foi rejeitado e classificado como inconstitucional pela Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania, em Brasília, na terça-feira dia 01/06/2004.
9. Então eu sou uma pessoa importante? Você é fundamental. Você estará construindo um novo mundo com menos conservadorismo social. Você estará escrevendo a história, permitindo que a homossexualidade deixe de ser um grande tabu e que a comunidade GLBT possa vivenciar sua orientação sexual livremente. Este é um direito de qualquer Ser Humano.
10. Como devo ir à parada? Reúna um grupo de amigos gays ou convide um parente ou amigo hétero para ir com você. Não se omita! A história é escrita a partir da participação popular!

6. COMO POLITIZAR MAIS AS PARADAS (Luiz Mott)

1. Realizar atividades político-culturais pré-paradas: filmes, debates, exposições, festas, sessão solene na Câmara e Assembléia, e muita divulgação na mídia, de preferência tentando emplacar ao menos um artigo de opinião nos jornais locais
2. Ampla distribuição de cartazes, out-doors e folhetos de convite para a parada com mensagens políticas
3. Cartazes padronizados a serem afixados nos carros de som, faixas e placas distribuídas

ao longo do percurso da parada, com palavras de ordem : É LEGAL SER HOMOSSEXUAL; GAY VIVO NÃO DORME COM O INIMIGO; LÉSBICAS UNIDAS JAMAIS SERÃO VENCIDAS; CIDADANIA NÃO TEM ROUPA CERTA; RESPEITE AS LEIS, RESPEITE OS GAYS; CAMISINHA SIM, AIDS NÃO!, etc

4. Texto com mensagens curtas e palavras de ordem para ser repetido em todos os carros de som: garantir a presença de ao menos um militante encarregado da leitura destas mensagens em todos os carros da parada

5. Folhetos para ser distribuídos na parada com endereços de todos os grupos GLT do local e estado, convidando para se associar e com calendário mínimo das atividades coletivas para o resto do ano

Pós-paradas: campanha de novos sócios, fundação de grupos glt, seminário de avaliação e coletiva para a mídia.

7. ORGANIZANDO AS TAREFAS NAS PARADAS GLBT (Marcelo Nascimento)

Rol de atribuições e competências das coordenações

O presente documento propõe explicitar as atribuições de cada coordenação específica da Parada, superando as indefinições e confusões por ventura existentes e contribuindo para o funcionamento harmonioso, eficaz e eficiente da Comissão Organizadora de cada Parada GLBT.

» CONSULTORES

Elaborar o projeto final para envio/negociação com patrocinadores;

Supervisionar todo processo de preparação da parada;

Coordenar a mobilização e seleção de voluntários;

Orientar e acompanhar a produção dos materiais gráficos;

Assessoria geral em assuntos de articulação externa;

Coordenar as reuniões semanais.

» COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO EXTERNA/INTERNA

Preparar o desenho publicitário da parada (artes);
Elaboração de textos para as peças publicitárias;
Plano de assessoria de imprensa;
Divulgação do evento junto aos formadores de opinião e diretamente à população
Acompanhar a impressão do material gráfico (cartazes, folder, etc);
Plano de distribuição do material gráfico;
Divulgação da parada e dos eventos que antecedem a parada na mídia GLS e listas virtuais na internet.

» COORDENAÇÃO DE MOBILIZAÇÃO

Criação de eventos para mobilizar as lideranças externas;
Panfletagem do material gráfico em boates, bares e saunas;
Articular a participação de outros movimentos e ONGs na parada;
Captar voluntários para a Parada;
Convidar lideranças, políticos, personalidades e autoridades para participarem dos eventos pré-parada e da parada;
Organização dos grupos e ONG que desfilarão na parada.

» COORDENAÇÃO DE FINANÇAS

Captação e Gerenciamento de Recursos Financeiros;
Administração dos projetos (MS e MINC);
Realizar pagamentos de pessoal e compras de material e outros;
Prestar contas dos recursos utilizados durante e depois da parada;
Transparência na gestão dos recursos;
Encaminhar proposta de apoio financeiro para empresas e órgãos governamentais.

» COORDENAÇÃO DE INFRAESTRUTURA E SEGURANÇA

Providenciar assessoria jurídica caso haja necessidade;
Solicitar autorização ambiental a Secretaria Municipal de Meio Ambiente para realização da parada (quando for o caso);
Solicitar policiamento ao Comando de Policiamento da Capital (PM);

Solicitar Declaração de que o Corpo de Bombeiros Militar se fará presente na parada com viaturas de resgate e bombeiros socorristas;

Providenciar Banheiros Químicos;

Autorização Especial a Secretaria Municipal de Transportes e Trânsito, referente ao trajeto da parada;

Providenciar Iluminação Pública para local dos shows (Superintendência Municipal de Energia e Iluminação Pública);

Solicitar a Superintendência Municipal de Limpeza Urbana a colocação de contêineres e a coleta de resíduos sólidos no percurso da parada;

Contratação de Seguranças para artistas e para segurança dos Trios;

Programar o horário de chegada dos trios, assim como, o horário de início da parada.

COORDENÇÃO DE CULTURA

Organizar eventos culturais a exemplo de Exposição de Artes Plásticas, Mostra de cinema GLS, Feira de Produtos GLS.

Organizar a Festa Oficial da Parada;

Mapear os artistas locais e nacionais que poderão realizar shows na parada;

Fazer intercâmbio técnico e financeiro com Secretaria Municipal ou Estadual de cultura;

Estimular a participação e engajamento de personalidades e artistas conhecidos na atividades programadas.

COLEGA: caso você tenha mais sugestões a acrescentar a esta cartilha, favor enviar para luizmott@ufba.br. Unidos somos mais fortes!

ANEXO 3



- [home](#)
- [quem somos](#)
 - [histórico](#)
 - [diretoria](#)
 - [secretarias](#)
 - [paradas](#)
 - [atividades e serviços](#)
 - [parceiros](#)
- [notícias](#)
- [galeria](#)
 - [fotos](#)
 - [vídeos](#)
- [saiba mais](#)
 - [amigos](#)
 - [publicações](#)
 - [vídeos](#)
 - [leis](#)
 - [saúde e prevenção](#)
 - [denúncias](#)
 - [links úteis](#)
- [participe](#)
 - [associe-se](#)
 - [seja voluntário](#)
 - [doações](#)
- [agenda](#)
- [fale conosco](#)
-
-
-
-



[notícias >](#)

Manifesto público sobre o 18º Mês do Orgulho LGBT de São Paulo

A Parada do Orgulho LGBT de São Paulo é do movimento social organizado. É nossa!

APOGLBT | 08.05.2014

[Twitter](#) [Facebook](#) [Google+](#)

[b]São Paulo, 8 de maio de 2014 -[/] A Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo (APOGLBT-SP) informa que pela primeira vez, em 18 anos, foi prejudicada e preterida na organização das atividades do 18º Mês do Orgulho LGBT de São Paulo.

A Prefeitura de São Paulo, por meio da Coordenadoria de Políticas LGBT, não possibilitou aos membros da diretoria da APOGLBT o contato com os fornecedores de contratos. Apesar dos vários pedidos de reunião com os responsáveis para discutir dados técnicos dos eventos, não fomos atendidos.

Era necessário discutir os erros do ano anterior, passar informações referentes aos eventos deste ano e, principalmente, sermos apresentados como os ORGANIZADORES do evento. Na única reunião realizada conosco, após muito esforço, não havia representantes dos fornecedores, o que, obviamente, fez com que eles não soubessem que o organizador não era e NUNCA foi a equipe da Prefeitura de S. Paulo, mas a APOGLBT. Seguranças e técnicos obedeciam quem estava "pagando", sem possibilidade de conversas e esclarecimentos.

Todos os contatos e solicitações só puderam ser enviadas por meio da Prefeitura, o que foi claramente intencional para nos manter longe do controle do NOSSO evento. Desde quando perdemos o nosso movimento social, construído com muita luta, suor e dedicação ao longo desses dezoito anos para o poder público? Uma tentativa clara de se apoderar do que é do povo, afinal, quantos movimentos sociais reúnem tantas pessoas como a Parada LGBT de São Paulo?

Sem contar todas as reuniões com a Polícia Militar e equipe de segurança SEM A NOSSA PRESENÇA. Incompetência da Prefeitura de São Paulo, descuido ou falta de respeito e consideração com a nossa associação? Tirem suas conclusões: às 21h do dia 1º de maio, em nossa Feira Cultural LGBT, os seguranças subiram ao palco pedindo para desligar o som do show. Isso mesmo, às 21 horas! Técnicos de palco e seguranças disseram que, em reunião técnica com a Prefeitura, foram informados que o evento seria encerrado às 21 horas. Todos os anos o show da Feira foi até as 22 horas. Será que a equipe da Prefeitura se confundiu?

Já na manifestação pública de domingo, 4 de maio, a equipe contratada pela Prefeitura acelerou os nossos trios, como se fosse uma maratona! E não é que descobrimos, mais uma vez, que a Prefeitura havia informado para toda a equipe que a Parada deveria terminar às 16h ao invés de 18h? Dezoito horas é o horário previsto pelo TAC desde 2007, ou seja, nenhuma novidade foi acrescentada no termo deste ano que pudesse justificar tal ação da Prefeitura. Será que eles se equivocaram novamente? O que está por trás dessa ação?

Pior do que a tentativa de encurtar a nossa manifestação, foi os membros desta diretoria terem sofrido ameaças de agressão de seguranças contratados pela Prefeitura apenas por insistirem em se fazer cumprir o horário do TAC, caso contrário a Parada teria terminado às 16h, como a Prefeitura desejava. O comando dos trios, nestes 18 anos de luta, sempre foi da associação, e em todos esses anos os horários foram cumpridos. Por que a Prefeitura quer se apropriar de algo que é prerrogativa da associação e, ainda, descumprir um acordo legal com Ministério Público?

Em uma reunião que estivemos presentes na Prefeitura, a equipe informou que o show de encerramento da Parada teria que terminar às 21h30. E adivinhem. Às 21 horas estavam Polícia Militar, Guarda Civil Metropolitana e equipe de segurança no palco solicitando que o som fosse desligado. Mais uma decisão tomada, sem a nossa presença, em reunião técnica pré-evento. Mais uma simples confusão ou medida intencional para aparentar que somos todos incompetentes? O distanciamento promovido pela Prefeitura entre a associação e os fornecedores, seguranças e Polícia Militar fez com que a ficassemos enfraquecidos e de mãos atadas em nossa própria causa.

Ainda sobre o nosso show de encerramento, a Prefeitura confeccionou pulseiras em cores que coincidiam com as utilizadas pela nossa equipe, sem nossa ciência e autorização, além de não nos avisar em quais locais elas seriam utilizadas. Nós que somos confusos e incompetentes? E mais: as pulseiras, apesar de terem cores parecidas, continham informações totalmente diferentes e o material utilizado também era muito distinto do nosso. Ou seja, era apenas uma questão de boa vontade para reorientar os seguranças.

Phamela Godoy, da Coordenadoria de Políticas LGBT, também desrespeitou o nosso acordo sobre as pulseiras que davam acesso a área VIP do show. Combinamos que uma quantidade de pulseiras seria cedida à Prefeitura, porém, ela mandou fazer pulseiras diferentes, que imitavam as nossas, e ordenou que os seguranças liberassem o acesso no dia. Os crachás de diretoria e coordenação geral da APOGLBT não davam acesso ao NOSSO evento e fomos BARRADOS e AMEAÇADOS por seguranças mal preparados. Uma tentativa de agressão contra um dos diretores foi presenciada por várias pessoas, entre elas o Coordenador da CADS, Alessandro Melchior, que foi em socorro dele. Entramos no local do show a força e ficamos confinados em uma tenda, cheios de restrições e vigiados, como se fôssemos bandidos. E logo depois fomos convidados a nos retirarmos do local sob o argumento de que iríamos atrapalhar o fluxo de passagem da cantora Wanessa Camargo.

Foram tantos boicotes que nos perguntamos se o problema com o trio das Trans foi realmente um imprevisto. Até a Vigilância Sanitária nos aguardava no show de encerramento para multar a associação em função dos lanches da sala da diretoria da associação, comprados do nosso próprio bolso, não estarem armazenados corretamente. Esse fato também ocorreu na Feira Cultural. Sem esquecer os diversos problemas de energia que as tendas comerciais de nossa Feira enfrentaram durante o evento. Coincidência, incompetência ou intencional?

O dinheiro é dos cidadãos e nosso movimento gera para São Paulo infinitamente mais do que eles nos doam em infraestrutura. Preferimos e nos orgulhamos muito mais em montar os shows da Parada e da Feira Cultural com nosso dinheiro contado, em um palco pequeno e simples, sem telão, sem iluminação e som de última geração, do que um grande espetáculo que custa a nossa saúde e dignidade. Ainda escutamos, no final do evento, que a Parada pode até acontecer, mas que não teremos infraestrutura em 2015. Além de, em todos os momentos, escutamos “nós que estamos pagando!” para justificar todo esse desmando.

No ano passado passamos por vários problemas de ingerência por parte da Prefeitura. Então tivemos uma reunião com o Secretário Rógerio Sotilli para pontuar todos os problemas ocorridos, e na ocasião ele nos prometeu que a relação seria diferente para este ano. De fato foi bem diferente mesmo: a Parada foi tomada de assalto! Os problemas não se repetiram, pioraram!

Neste ano, que pese o voto de confiança no recém-chegado Coordenador Alessandro Mekhior, pois é inadmissível que ele também seja tão ausente e tenha deixado um evento tão importante para a cidade de São Paulo e para a comunidade LGBT nas mãos de pessoas tão incompetentes.

Não podemos e não vamos nos calar diante de tantos absurdos que jamais aconteceram em 18 anos do movimento. A associação é suprapartidária e sabemos muito bem que o poder público tem o DEVER de estar a serviço dos movimentos sociais e não o contrário.

A PARADA LGBT DE SÃO PAULO É DO MOVIMENTO SOCIAL ORGANIZADO. É NOSSA!

Presidência, Diretoria e Conselho de Sócios Fundadores da APOGLBT-SP

[notícias recentes >](#)

[11.07.2014](#)



[Edital de Convocação](#)

[Nos termos do presente edital ficam todos os associados...](#)

[08.05.2014](#)

[Manifesto número sobre o 18º Mês do Orgulho LGBT de São Paulo](#)

[A Parada do Orgulho LGBT de São Paulo é do movimento social organizado. É nossa!](#)

[03.05.2014](#)